LIVRO

Em que dá relação do
que viu e ouviu no Oriente
DUARTE BARBOSA

Pissurlekar

REPÚBLICA PORTUGUESA
MINISTÉRIO DAS COLÓNIAS

LIVRO

Em que dá relação do que viu e ouviu no Oriente

DUARTE BARBOSA

Introdução e notas

de

AUGUSTO REIS MACHADO

DIVISÃO DE PUBLICAÇÕES E BIBLIOTECA
AGÊNCIA GERAL DAS COLÓNIAS
LISBOA / MCMXLVI

Esta publicação foi autorizada por despacho de S. Ex.ª o Ministro das Colónias, de 26 de Dezembro de 1944

ADVERTÊNCIA

O texto da presente obra foi organizado por Sebastião Francisco de Mendo Trigoso (1773-1821), em conformidade com um manuscrito por ele encontrado e com a tradução italiana do historiador João Baptista Ramuzio (1485-1557), inserta nas suas Navigationi et Viaggi. *O trabalho de Mendo Trigoso foi, pela primeira vez publicado, em 1812, na* Colecção de Notícias para a História e Geografia das Nações ultramarinas que vivem nos domínios portugueses, *da Academia Real das Ciências.*

Declarou Mendo Trigoso ter o documento encontrado sido escrito «por duas diferentes mãos, o que faz bastante diversidade na sua ortografia e mesmo na exactidão da cópia, sendo esta sem dúvida até ao meio mais fiel e correcta do que daí por diante. Independentemente desta consideração, bastava só não ser o manuscrito autógrafo, para procurarmos outro para o cotejar, e, sendo baldadas todas as nossas diligências a esse respeito, vimo-nos na necessidade de lançar mão da tradução de Ramuzio e achámos nesta confrontação bastantes diferenças».

1

Assim por exemplo: «O único escrito que temos de Duarte Barbosa — declarou ainda Mendo Trigoso — é este seu Livro que agora publicamos, e que foi acabado, segundo se diz na Prefação, que vem em Ramuzio, em o ano de 1516. É certo que em o nosso original há algumas passagens posteriores a este ano; mas como por uma parte ele não é autógrafo, e por outra parte estas passagens não vêm na tradução italiana, pode-se entrar em dúvida se outra mão posterior inseriu ali aquelas notícias, o que não deixa de ter alguma probabilidade».

Segundo informação de Ramuzio o manuscrito de que ele se serviu para a sua tradução era solto em muitos lugares.

A grafia e a pontuação, nesta presente edição, foram actualizadas, assim como alguns termos mais próximos dos actuais como: fermoso — formoso, téli — até ali, caso — causa, hi — aí, regno — reino, cantidade — quantidade, leixar — deixar, estroir — destruir, pera — para, alifante — elefante, aligumes — legumes, parecer — aparecer, despois — depois, proves — pobres, dragoaria — drogaria.

Foram uniformizadas palavras como laca, cânfora, moscada, que umas vezes são assim expressas e outras vezes por lacar, canfor, noscada.

INTRODUÇÃO

DESDE que, há cerca de vinte séculos, os romanos tomaram contacto com o Oriente, nunca mais a Europa deixou de se preocupar com especiarias, perfumes e pedras preciosas.

A queda do vasto império romano e as invasões dos bárbaros, no século V, reduziram imensamente as relações com o Oriente. Apenas Constantinopla, presidindo ao pouco que ficara do velho império, comunicava e com enormes dificuldades, com as riquíssimas regiões da opulenta Ásia. Por intermédio dela e da africana Alexandria, Venesa e Génova, haviam respectivamente, de alimentar o seu comércio, do século XI ao século XVI.

A Europa quase regressou à vida rude, modesta, dos tempos anteriores ao domínio de Roma. Mal chegavam até ela, e por altos preços, a pimenta, a canela, a noz moscada, o açúcar (também considerado então especiaria), a quina, o almíscar, o gengibre, os rubis, as esmeraldas, os topásios... Era tão rara a pimenta que Estados houve que calculavam com pimenta e com pimenta se compravam terras e pagavam tributos como se fosse metal nobre.

Assim distanciado o Oriente, vagas, imprecisas, eram as notícas que dele havia; revestiam-se frequentemente de imagens *fantasistas*. Nos princípios do século XIII, apareceu o chamado Mapa-mundo de Pedro que dava conhecimento da «Índia a Grande, país muito quente, banhado pelo Oceano, com a ilha de Taprobana (Ceilão), onde não há menos de dez cidades, as pessoas são gigantescas e vivem muito tempo... As montanhas são de ouro... É o país da pimenta»; no segundo quartel do mesmo século a Imagem do mundo diz que a Índia «tem dois estios e dois Invernos por ano, mas tão temperados que há sempre verdura, flores e frutos. É o país do ouro e das pedras preciosas, cujos jazigos na montanha são defendidos por dragões e grifos, monstros capazes de levarem um homem armado a cavalo». Nos fins ainda do mesmo século o florentino Bruneto Latino escrevia no seu Livro do Tesouro: «Na Índia o ar é tão bom que há duas colheitas por ano, e, no inverno, um vento doce e agradável. Como os indianos nunca foram expulsos das suas terras têm cinco mil cidades bem povoadas... Ao Oriente fica a região da pimenta, atravessada por um grande rio; dum lado, elefantes e outros animais selvagens, do outro, homens e grande quantidade de pedras preciosas». E o veneziano Marco Paulo, depois de uma estada de vinte anos no Oriente, referia a existência, nos últimos anos do mesmo século, no seu muito célebre Livro, chamado das Maravilhas, de cidades cujas alfândegas rendiam anualmente milhões de sacos de ouro, onde entravam todos os dias centenas de carros cheios de seda; de portos onde se reuniam milhares de navios; de províncias onde havia enorme quantidade de especiarias, perfumes, pérolas, diamantes, turquesas, esmeraldas, safiras, topásios, ametistas, rubis... Um rei de Ceilão era possuidor «do mais formoso rubi que jamais fora visto no mundo», tinha de comprimento um palmo e a grossura do «braço de um homem gordo»; sem a menor mancha resplandecia como

«fogo ardente». Tendo um soberano tártaro mandado mensageiros a pedir-lhe a pedra em troca do valor duma cidade, respondeu o rei que a herdara dos seus antepassados e nunca a daria fosse a quem fosse.

Com o decorrer dos tempos as notícias foram-se tornando cada vez mais precisas e menos fantasiosas.

O franciscano Odorico de Pordenone, no primeiro quartel do século XIV, dita a um confrade a Descriptio Orientalium, em que vêm relatadas as suas viagens através do golfo Pérsico, do Malabar, de Ceilão, do golfo de Bengala, de algumas ilhas do arquipélago malaio, e da China, por onde regressa à Europa. O dominicano francês Jordão de Severac (Jordanus Cataloni), por essa mesma época, na sua Mirabilia Descripta, faz uma interessante e completa descrição geográfica da Índia, refere-se à região, ao clima, às produções, à flora, à fauna e aos costumes dos habitantes. Nos meados desse século o florentino frei João de Marignolli viaja, por terra, do mar Negro a Pequim e da China, por mar, à Índia e ao gôlfo Pérsico, e dá a conhecer tudo quanto observou. Especialmente interessante é a relação da viagem que, na primeira metade do século XV, Nicolau de Conti, veneziano, fez à Índia, são nela descritas, com notável exactidão, plantas, animais e costumes indígenas. E outros mais, mercadores e missionários, vão deixando ilucidativos informes em que se vai desvendando o mistério oriental.

Foram os portugueses que por mais larga e intensa forma deram a conhecer à Europa o Oriente. Em 1488, preparando o descobrimento do caminho marítimo para a Índia, o português Pero da Covilhã, por mandado do rei D. João II, chega, pelo Mediterrâneo e mar Roxo, a Cananor, visita Calecut, Goa, Ormuz e outras cidades, passa a Sofala, envia, no Cairo, ao rei as informações obtidas e vem a morrer na Abissínia, a chamada terra do Preste João, — a lendária figura medieva. Em 1498 Vasco da Gama alcança Calecut atra-

vés do Atlântico e do Índico, e, assim, os portugueses iniciam em ampla escala, as comunicações directas com o Oriente.

A primeira obra moderna que apresenta com maior veracidade e mais pormenores os costumes e riquezas dessas longínquas regiões é o Livro do navegador Duarte Barbosa. Nasceu Duarte Barbosa em Lisboa na segunda metade do século XV. Foi seu pai Diogo Barbosa, cavaleiro da ordem de Santiago e grande privado de D. Álvaro, irmão do duque de Bragança. Quando da descoberta da conspiração que levaria o duque ao cadafalso de Évora, D. Álvaro fugiu para Castela; acompanhou-o Diogo Barbosa. Depois do regresso, e num navio de D. Álvaro, fez parte da expedição de João da Nova à Índia, em 1501. Falecido D. Álvaro fixou-se com a família em Sevilha, então corte dos reis Fernando e Isabel. Entretanto Duarte Barbosa entrava na carreira da Índia, e, em 1516, terminava o seu Livro.

No ano seguinte Fernão de Magalhães, descontente com a atitude do rei D. Manuel para com ele, retirava-se para Espanha. Tinha bem servido em África e na Índia: «alegando a el-rei seus serviços, e pedindo em satisfação que lhe acrescentasse cem réis em sua moradia por mês, o que lhe el-rei denegou, por lhe não cair em graça ou porque assim estava permitido que havia de ser; Fernão de Magalhães disto agravado, porque o muito pediu a el-rei e ele o não quis fazer, lhe pediu licença para ir viver com quem lhe fizesse mercê, em que alcançasse mais dita que com ele. El-rei lhe disse que fizesse o que quisesse, pelo que lhe quis beijar a mão, que lhe el-rei não quis dar» (1).

Em Espanha, hospedou-se, Fernão de Magalhães, em casa de Diogo Barbosa, em Sevilha, e casava com uma sua filha. Era então rei de Espanha Carlos I, que, em 1519, havia de passar também a ser imperador da Alemanha com o nome de Carlos V. Magalhães «com muita vontade que tinha de anojar el-rei de Portugal» comunicou-lhe que «Malaca e Maluco, ilhas em que nascia o cravo» eram dele pelas demarcações que haviam sido feitas entre Portugal e Castela (tratado de Tordesilhas) e que D. Manuel individamente explorava essas terras. Foi-lhe respondido que o rei de Espanha bem o sabia mas que «não tinha navegação para lá porque não podia navegar pelo mar da demarcação del-rei de Portugal». Respondeu Fernão de Magalhães: «Se me derdes navios e gente eu mostrarei navegação para lá sem tocar em nenhum mar, nem terra del-rei de Portugal» (1). Era a demanda das Molucas pelo Ocidente.

Estudadas e aceites as propostas do navegador português, ficou, no ano seguinte, assente a expedição. Nesse ano Duarte Barbosa, encontrava-se em Sevilha, em casa dos pais, também descontente, segundo parece, com o governo de Portugal.

Começaram em 1519 os preparativos para a grande viagem, e, nesse mesmo ano, do porto de S. Lucar de Barrameda, na foz do Guadalquivir, era ela iniciada com cinco naus, tripuladas por duzentos e sessenta e cinco homens. Quer nos preparativos da viagem quer na sua execução Magalhães teve a auxiliá-lo muitos portugueses, entre os quais figurou Duarte Barbosa.

Descoberto o estreito que veio a ter o nome do navegador português, atravessado o grande Oceano (chamado Pacífico pela bonança que os expedicionários nele encontraram depois de terrível tempestade), foi Magalhães morto, em combate, pelos indígenas, na ilha de Cebu, uma das Filipinas. Tinham sido bem recebidos os mareantes, surgiram, porém, seguidamente, conflitos que tiveram, segundo parece, a sua origem, no abusivo procedimento de alguns homens para com

(1) *Gaspar Correia*, Lendas da Índia, *Livro II, tomo II, part. II.*

(1) Gaspar Correia, ob. e lug. cit.

as mulheres indígenas, procedimento que se agravou depois da morte do almirante. Magalhães tentara refrear tais abusos, chegando a castigar Duarte Barbosa, por ter ficado em terra durante três noites.

Morto Magalhães as tripulações escolheram para o comando da armada, reduzida a três navios, Duarte Barbosa e João Serrão, hábil escolha pois ambos tinham um exacto conhecimento da costa oriental da Índia, o que era importante para o regresso, porém foram também mortos pelos insulanos. Corria o ano de 1521.

Prossegue a viagem com dois navios sob o comando de João Carvalho, que acaba por ser destituído. O novo comandante Sebastião del Cano atinge as Molucas, o supremo objectivo da expedição de Magalhães. Especiarias, muitas especiarias e as lindas aves do paraíso...

E agora o regresso, apenas com uma nau: a Vitória. Regresso difícil pois Sebastião del Cano não podia utilizar as bases portuguesas, pelo contrário viu-se obrigado a desviar-se delas. D. Manuel havia dado ordem para serem apresados os navios de Fernão de Magalhães e serem feitos prisioneiros os seus tripulantes. O comandante espanhol teve de percorrer todo o oceano Índico, dobrar o cabo da Boa Esperança e costear a África Ocidental, sem ancorar em ponto algum e isto com um navio em más condições e muito carregado. Levava setecentos quintais de especiarias. Vieram a sede e a fome. A pimenta, a canela, a noz moscada não lhes podia valer. Todos os dias morria gente.

Por fim, apenas com 18 homens, já a nau Vitória metia água, alcançou Sebastião del Cano S. Lucar de Barrameda, o ponto de partida. Aproximava-se do fim o ano de 1522.

Estava realizada a primeira viagem de circunnavegação da Terra, a que ligou o seu nome Duarte Barbosa, autor do Livro.

AUGUSTO REIS MACHADO

PREFAÇÃO

TENDO eu, Duarte Barbosa, natural da muito nobre cidade de Lisboa, navegado grande parte da minha mocidade pelas Índias descobertas em nome de el-Rei nosso senhor; e, tendo viajado por muitos e vários países vizinhos à costa, e visto e ouvido várias cousas que julguei maravilhosas e estupendas, por nunca terem sido vistas, nem ouvidas por nossos maiores, resolvi-me a escrevê-las para benefício de todos, tais como as vi e ouvi de dia em dia, trabalhando por declarar em este meu *Livro* os lugares e limites de todos aqueles reinos, aonde estive pessoalmente ou de que tive informações dignas de fé, e, bem assim, quais sejam os reinos e países de mouros, quais os de gentios e os seus costumes. Nem deixarei em silêncio o seu tráfico e as mercadorias que neles se acham, os lugares aonde nascem e para onde se conduzem; e, além do que pessoalmente vi, sempre me deleitei em procurar aos mouros, cristãos e gentios pelos usos e costumes de que eram práticos, cujas informações tomei o trabalho de combinar umas com outras, para ter uma notícia mais exacta delas, que foi sempre o meu principal intento, como deve ser o de todos os que escrevem sobre semelhantes matérias, e persuado-me se conhecerá que não poupei diligência alguma para conseguir este fim, quanto o permitem as débeis forças do meu engenho. E foi no presente ano de 1516 que acabei de escrever este meu *Livro*.

PRIMEIRAMENTE O CABO DE S. SEBASTIÃO

INDO ao longo da costa, passando o cabo da Boa Esperança, caminho da Índia até o cabo de S. Sebastião, são umas terras assás formosas de muitas montanhas e campos, em que há muita criação de muitas vacas, carneiros e outras alimárias monteses. É a dita terra habitada de umas gentes pretas, andam nus, sòmente trazem de peles, com seu pêlo de cervo ou doutras alimárias, umas capas francesas. Da qual gente os nossos nunca poderão haver notícia de língua, nem serem informados do que vai pela terra dentro; nem eles têm navegação, nem se servem do mar, nem os mouros da Arábia e Pérsia nunca até ali navegaram, nem a descobriram por causa do cabo das Correntes ser muito tormentoso.

AS ILHAS QUE CHAMAM HÚCICAS GRANDES

Indo mais ao longo da costa passando este cabo de S. Sebastião caminho da Índia, estão junto com a terra firme umas ilhas que chamam Húcicas Grandes, em que as quais pela terra firme delas, estão algumas povoações de mouros que tratam com os gentios da terra firme e prestam com eles. Nestas Húcicas se acha muito âmbar que estes mouros apanham, o

qual é muito bom, que eles vendem para outras partes; também se acham muitas pérolas e aljôfar [1] miudo, que se acha dentro no mar, em ostras; porém eles não o sabem apanhar nem pescar; algum que tiram é com assarem as ostras e o aljôfar que fica é muito ruim e queimado, não seria muita dúvida havê-lo aí bom, se o souberem apanhar e pescar, como fazem em outras partes de que ao diante falarei.

HÚCICAS PEQUENAS NOS RIOS

Passadas as Húcicas Grandes para a banda de Sofala, que é uma fortaleza que aqui tem el-rei de Portugal, perto da qual se acha muito ouro, a dezassete ou dezóito léguas longe dela, há alguns rios que formam ilhas pelo meio, a que chamam Húcicas Pequenas, aonde há alguns lugares habitados por mouros, que comerceiam com os gentios da terra firme. O seu sustento é arroz, milho e carnes, que conduzem a Sofala em pequenas barcas.

SOFALA

Indo mais adiante passando estas Húcicas caminho da Índia, a vinte ou trinta léguas dela, está um rio que não é muito grande, pelo qual dentro está uma povoação de mouros que chamam Sofala, junto com a qual tem el-rei nosso senhor uma fortaleza. Estes mouros há muito tempo que povoaram aqui, por causa do grande trato de ouro que tinham com os gentios da terra firme. Os mouros desta povoação falam

(1) Aljôfre, pérola pouco fina, pequena e desigual.

aravia [1], e têm um rei sobre si [2] que está à obediência de el-rei nosso senhor. A maneira de seu trato era que a eles vinham em pequenos navios, que chamam zambucos, do reino de Quilôa, Mombaça e Melinde, muitos panos pintados de algodão, outros brancos e azuis, deles [3] de seda, e muitas continhas pardas, roxas e amarelas que aos ditos reinos vêm em outros navios maiores do gram reino de Cambaia, as quais mercadorias os ditos mouros que vinham de Melinde e Mombaça compram a outros que aqui as trazem, e lhas pagam em ouro pelo preço de que eles iam muito contentes, o qual ouro lhe dão a peso. Os mouros de Sofala guardavam estas mercadorias e as vendiam depois aos gentios do reino de Benametapa [4] que ali vinham carregados de ouro, o qual ouro lhe davam a troco dos ditos panos sem peso, em tanta quantidade que bem ganham cento por um. Estes mouros recolhem também muito soma de marfim que acham derredor de Sofala, que também vendem para o reino de Cambaia a cinco e a seis cruzados o quintal; também vendem algum âmbar que lhe trazem das Húcicas, que é muito bom.

São estes mouros homens pretos e deles baços, falam alguns deles aravia, e os mais se servem da língua da terra que é a dos gentios. Eles se cobrem da cinta para baixo com uns panos de algodão e seda; trazem, outros, panos sobraçados como capas e fotas [5] nas cabeças, alguns deles carapucinhas de grã [6] de quartos e de outros panos de lã de muitas cores e chamalotes [7] e doutras sedas, seus mantimentos são milho,

(1) Árabe.
(2) Independente.
(3) Alguns.
(4) Monomotapa.
(5) Toucas mouriscas.
(6) Tecido tinto com grã (substância de cor vermelha obtida de insectos chamados grãs ou quermes).
(7) Tecidos de lã de camelo.

arroz, carne e pescado. Em este rio ao mar dele, saiem em terra muitos cavalos marinhos a pascer, os quais cavalos andam sempre no mar como peixes, têm dentes da feição dos elefantes pequenos em sua quantidade segundo são; este é melhor marfim que do elefante, mais alvo e rijo, sem nunca perder cor. Na própria terra, derredor de Sofala, há muitos elefantes bravos e mui grandes, os quais a gente da terra não sabe nem costuma domesticar, onças e leões e veação e outras muitas alimárias.

A terra é de campos e montanhas, de muitas ribeiras de mui boas águas. Na mesma Sofala fazem agora novamente grande soma de algodão e tecem-no, de que se fazem muitos panos brancos, e, porque não sabem tingir ou por não terem tinta, tomam panos azuis ou de outras cores de Cambaia, e desfiam-nos e tornam-nos a juntar, de maneira que fazem um novelo e com este fiado e com outro branco do seu, fazem muitos panos pintados, e deles hão muita soma de ouro, o qual remédio fizeram depois que viram que nossas gentes lhe tolhiam a navegação dos zambucos; as mercadorias não podem ir a eles senão por mão dos feitores que el-rei nosso senhor, tem ali em suas feitorias e fortalezas.

O GRANDE REINO DE BENAMETAPA

Indo assim desta terra contra [1] o sertão, jaz um muito grande reino de Benametapa que é de gentios, a que os mouros chamam cafres. São homens pretos, andam nus, sòmente cobrem suas vergonhas com panos pintados de algodão da cinta para baixo. Deles andam cobertos com peles de alimárias monteses, alguns que são mais honrados trazem das mesmas peles umas capas com uns rabos que lhe arrastam pelo chão; trazem isto por estado e galantaria, andam dando saltos e fa-

(1) Na direcção de.

zendo gestos do corpo com que fazem saltar aquela pele de um cabo para o outro. Trazem estes homens umas espadas metidas em umas bainhas de pau, liadas com muito ouro e outros metais, e a parte da mão esquerda, como nós, com cintas de pano que para isso fazem com quatro ou cinco nós, com suas borlas dependuradas, como galantes homens; trazem também nas mãos azagaias e outros arcos e frechas meãos que não são tão compridos como de ingreses [1], nem tão curtos como de turcos; os ferros das frechas são mui grandes e subtis. Eles são homens de guerra e outros grandes mercadores. Suas mulheres andam nuas, sòmente cobrem suas vergonhas com panos de algodão, entrementes são solteiras, e como são casadas e têm filhos lançam outros panos por cima dos peitos.

ZIMBAOCHE

Indo mais adiante para o sertão, quinze ou vinte jornadas, está uma mui grande povoação que chamam Zimbaoche em que há muitas casas de madeira e de palha, que é de gentios, em a qual muitas vezes está o rei de Benametapa, e daí a Benametapa são seis jornadas, o qual caminho vai de Sofala pelo sertão dentro contra o cabo da Boa Esperança. Nesta mesma povoação de Benametapa é o assento mais acostumado do rei em um lugar muito grande, donde trazem os mercadores ouro dentro a Solafa, o qual dão aos mouros sem peso por panos pintados e por contas, que entre eles são muito estimadas, as quais contas vêm de Cambaia. Dizem estes mouros de Benametapa que ainda este ouro vem de muito mais longe, de contra o cabo da Boa Esperança, doutro reino que é sujeito a este de Benametapa, que é mui grande senhor de muitos reis que tem debaixo de seu porte. Ele é senhor de

(1) Ingleses.

muito grande terra que corre pelo sertão dentro, assim para o cabo da Boa Esperança, como para Moçambique; ele é cada dia servido de mui grandes presentes, que lhe os outros reis e senhores mandam, cada um em sua quantidade e trazem-lhos pelo meio da cidade, e descobertos sobre a cabeça até que cheguem a uma casa muito alta aonde o rei sempre está aposentado, e ele o vê por uma janela e não o vêem a ele, sòmente ouvem-lhe sua palavra; depois ele mesmo rei manda chamar a pessoa que lhe o tal presente trouve [1] e o manda logo mui bem despachado.

Este rei traz contìnuamente no campo um capitão que chamam sono, com muita soma de gente e cinco a seis mil mulheres que também tomam as armas e pelejam, com a qual gente anda sossegando alguns reis que se levantam ou querem alevantar contra seu senhor. Este rei de Benametapa manda cada ano homens honrados, despachados por seu reino a todos os senhorios e lugares que nele tem, a dar fogo novo, para saber se estão em sua obediência, *silicet* [2], cada homem destes chegado a cada lugar, faz apagar quantos fogos nele estão, de maneira que em todo o lugar não fica nem um fogo, e, como são todos apagados, todos o tornam a vir tomar de sua mão, em sinal de muita amizade e obediência, de maneira que o lugar ou vila que assim o não quere fazer, é logo acusado por revel [3], o qual manda logo o dito seu capitão sobre ele, que o vá destruir ou meter debaixo do seu mando e senhorio, o qual capitão com toda a sua gente de armas, por onde quer que for, há-de comer à sua custa dos lugares. Seu mantimento é milho, arroz e carne; servem-se muito de azeite de gergelim [4].

(1) Trouxe.

(2) Seja.

(3) Rebelde.

(4) Planta herbácea e semente dela, de que se faz doce e de que os orientais extraem óleo, com que temperam a comida.

CUAMA

Indo de Sofala caminho de Moçambique, a quarenta léguas de Sofala, pouco mais ou menos, está um mui grande rio que chamam Cuama, dizem que entra contra o reino de Benametapa mais de cento e setenta léguas; na boca do qual rio está um lugar a cujo rei chamam Mangaló, por este rio vem dentro a este lugar de mouros muito ouro de Benametapa; do qual rio se faz outro braço que vem dentro a um lugar que chamam Amgoia, que é por onde se os mouros servem com muitas almadias de trazer os panos e outras mercadorias muitas de Amgoia; os outros lhe trazem muito ouro e marfim.

AMGOIA

Indo ao diante deixando-se este Cuama a cento quarenta de mouros que chamam Amgoia que tem rei sobre si. Vivem nela muitos mercadores que tratam em ouro e em marfim, em panos de sêda e algodão e contas de Cambaia; assim como soiam [1] de fazer os de Sofala, as quais mercadorias lhe trazem os mouros de Sofala, de Mombaça, de Melinde e Quilôa em uns navios muito pequenos, escondidamente dos nossos navios, de maneira que dali levam mui gram soma de marfim e muito ouro.

Neste mesmo lugar de Amgoia há muito mantimento, milho, arroz e muitas carnes. A gente dele são homens pretos, baços; andam nus da cinta para cima, dela para baixo se co-

(1) Costumam.

brem com panos de algodão e seda, e trazem outros panos sobraçados à maneira de capas; deles fotas em as cabeças; outros trazem umas carapuças de quartos de pano de seda; falam a língua natural da terra que é dos gentios, alguns deles falam aravia. Estes mouros às vezes estão à obediência de el-rei nosso senhor, outras vezes estão alevantados por estarem afastados das nossas fortalezas.

MOÇAMBIQUE

Indo mais ao diante deixando Amgoia caminho da Índia, estão muito perto da terra firme três ilhas, entre as quais está uma povoada de mouros, que chamam Moçambique, que tem muito bom porto, em o qual todos os navios dos mouros navegantes que para Sofala e Cuama navegam, faziam sua escala para corregimento [1] de suas naus, onde tomavam muita água, lenha e mantimento. Entre os mouros desta e de Moçambique, havia um xerife que os governava e tinha a direito; estes mouros são da mesma língua e costume dos de Amgoia.

Aqui tem el-rei nosso senhor uma fortaleza, com que estão os ditos mouros debaixo de seu mandado e governança, e agora tomam neste porto as nossas naus água e lenha e mantimentos que há na terra, e nele se corregem as que o hão mister, assim quando vão, como quando vêm, e daqui mandam também mantimentos dentro a Sofala aos portugueses que lá estão, assim de muitas cousas que vêm de Portugal, como da Índia por lhe ficar em caminho.

Na terra firme destas ilhas há muitos elefantes e muito grandes, e outros animais selvagens. A terra é habitada de gentios, que são uns homens bestiais, que andam nus e bar-

(1) Conserto.

rados todos com um barro vermelho; trazem as suas naturas emburilhadas [1] em umas tiras de pano azul de algodão, sem nenhuma outra cobertura; trazem os beiços furados com três furos; em cada beiço três búzios, e neles metidos uns ossos com umas pedrinhas e outros brinquinhos [2].

QUILÔA

Indo deste lugar de Moçambique ao longo da costa, está uma ilha junto com a terra firme que chamam Quilôa, em que está um vila de mouros de mui formosas casas de pedra e cal, com muitas janelas à nossa maneira, muito bem ornadas, com muitos terrados, as portas de madeira mui bem lavradas de mui formosa marcenaria. Derredor muitas águas e pomares e hortas com muitas águas doces. Têm rei mouro sobre si. Daqui tratam com os de Sofala donde lhe traziam muito ouro. Daqui se entendiam por toda Arábia Feliz, que também, daqui por diante, poderemos chamar assim, ainda que seja sobre a Etiópia, porque toda a ribeira do mar vai muito povoada de muitas vilas e lugares de mouros.

Antes que el-rei nosso senhor mandasse descobrir a Índia, os mouros de Sofala, Cuama, Amgoia e Moçambique estavam todos à obediência de el-rei de Quilôa, era mui poderoso rei entre eles, em a qual vila havia grande soma de ouro, porque nenhuns navios não passavam para Sofala que primeiro não viessem dar nessa ilha. E os mouros dela são, deles brancos, deles pretos. Andam assaz bem ataviados de muitos panos ricos de ouro e seda e de algodão e as mulheres também, e

(1) Embrulhadas.
(2) Adornos.

com muito ouro e prata em cadeias e manilhas que trazem nos pés e nos braços e muitas joias em as orelhas. Estes mouros falam aravia e têm a seita do Alcorão, crêem muito em Mafamede e ao rei dela lhe foi tomado o lugar forçosamente pelos portugueses, não querendo por sua soberba obedecer a el-rei nosso senhor, onde lhe cativaram muita gente, e o rei fugiu da ilha e sua alteza mandou fazer nela uma fortaleza e os meteu debaixo do seu mando e governança, depois a tornou a mandar derribar por não ser seu serviço nem proveito sustentá-la, a qual desfez António de Saldanha.

MOMBAÇA

Indo mais ao diante ao longo da costa, caminho da Índia, está muito junto com a terra firme, uma ilha, em que está uma cidade de que chamam Mombaça, a qual é muito formosa, de mui altas casas de pedra e cal e muito bem armadas à maneira de Quilôa, a madeira é lavrada de mui formosa marcenaria. Tem rei sôbre si que é mesmo mouro. Os homens são de côr baça, brancos e negros e assim suas mulheres, andam mui bem ataviadas, de muitos bons panos de seda, com muito ouro.

O lugar é de mui grande trato de mercadorias, tem bom pôrto, onde estão sempre surtos muitos navios e grandes naus, assim das que vêm de Sofala, como das que vão e outras que vêm do grande reino de Cambaia e de Melinde; outras que navegam para as ilhas de Zimzibar [1] e outras de que ao diante farei menção. Esta Mombaça é mui farta terra de mantimentos, onde há muitos e mui formosos carneiros de uns

(1) Zamzibar.

rabos redondos e vacas e outro muito gado e galinhas, e é tudo mui gordo. Há muito milho, arroz, muitas laranjas doces e agres e muitos limões, romãs, figos da Índia, e toda hortaliça e muito boas águas.

São homens que muitas vezes têm guerra com a gente da terra firme, outras vezes paz e tratam com eles, onde recolhem muito mel e cera e marfim. E o rei desta cidade não querendo obedecer ao mando de el-rei nosso senhor, por esta soberba a perdeu e lhe foi tomada forçosamente pelos nossos portugueses, donde fugiu, e mataram-lhe muita gente, e além disso cativaram-lhe muitos homens e mulheres, de maneira que ficou destruida e roubada e queimada. Tomou-se aqui uma grossa presa de muito ouro e prata e manilhas, braceletes, orelheiras e contas de ouro e muito cobre e outras muitas mercadorias ricas. O lugar ficou destruido.

MELINDE

Indo mais ao diante, deixando Mombaça, caminho da Índia, não muito longe dela ao longo da costa, está uma mui formosa vila assentada em a terra firme, ao longo de uma praia que chamam Melinde, que é de mouros. Tem rei mouro sobre si. O qual lugar é de mui formosas casas de pedra e cal, de muitos sobrados com muitas janelas e terrados, à nossa maneira; o lugar está mui bem arruado. A gente dele são brancos e pretos; andam nus, sòmente cobrem suas vergonhas com panos de algodão e seda, e outros trazem uns panos sobraçados à maneira de capas; também trazem muitas cinciletes [1] e fotas nas cabeças de muitos ricos panos, e são grossos mercadores

(1) Toucas.

e tratam em panos, ouro, marfim e outras muitas sortes de mercadorias com os mouros e gentios do grande reino de Cambaia. Ao seu próprio porto vem cada ano muitas naus carregadas de muitas mercadorias, donde levam muito ouro, marfim e cera, em que os mercadores de Cambaia acham muito proveito, e, assim, uns como outros ganham muito dinheiro.

Há nesta cidade muitos mantimentos de arroz, milho e algum trigo que o levam de Cambaia, e frutas de muitas maneiras, porque há muita abastança de hortas e pomares. Também há aqui muitos carneiros de rabos redondos, vacas e todo o outro gado, muitas laranjas e galinhas.

O rei e gente deste lugar foram sempre e são amigos de el-rei de Portugal, e sempre neles acham os portugueses muita prestança e amizade e pacífica paz e ali tomam as naus, se acertam de passar por ele, muito refresco.

A ILHA DE S. LOURENÇO [1]

Ao través de todos estes lugares ao mar deles setenta léguas distante do cabo das Correntes, está uma mui grande ilha que chamam de S. Lourenço, que é povoada no sertão de gentios e nos portos de mar de mouros, aonde tem muitos lugares, a qual ilha tem muitos reis, assim mouros como gentios.

Há nela muitas carnes, muito arroz, milho, laranjas e limões; há na terra muito gengibre [2], de que se não servem mais que comê-lo, assim verde. Andam os homens dela nus, sòmente cobrem suas vergonhas com panos de algodão. Eles

(1) Hoje Madagascar.

(2) Planta de sabor picante e aromático.

não navegam para nenhuma parte, nem ninguém para as suas; têm muitas almadias de que se servem com pescar ao longo da sua costa. São homens baços, de língua sobre si. Têm muitas vezes guerra uns com outros; suas armas são azagaias, mui subtis de arremesso, com ferros mui bem obrados; traz cada um muitas delas na mão, com que ferem de arremesso. São homens mui ligeiros e manhosos em o arrancar. Têm entre si prata baixa; seu principal mantimento é inhames [1].

É a terra mui formosa, aprazível e viçosa de ribeiras, de assaz grandes rios. Terá esta ilha de longo da costa para Melinde obra de trezentas léguas e dela à terra firme haverá setenta léguas.

PEMBA, MAMFIA E ZINZIBAR

Entre esta ilha de S. Lourenço e a terra firme não muito longe dela estão três ilhas, uma se chama Mamfia, outra Pemba, outra Zinzibar povoadas de mouros. São mui viçosas de mantimentos, há nelas arroz, milho, carnes em muita abastança e laranjas, e limões e cidras, são os matos todos cheios delas e de todas as outras frutas; têm muitas canas de açúcar o qual eles não sabem fazer.

Têm estas ilhas reis mouros, deles tratam em a terra firme com seus mantimentos de carnes e frutas em uns navios muito pequenos e fracos e mal feitos, sem nenhuma coberta, e de um só mastro; a madeira deles é liada e cosida com tamisa que chamam cairo; as velas são de esteiras de palma. É gente muito fraca e de mui poucas armas. Vivem os reis nestas ilhas mui viçosamente, vestem-se de muitos bons panos de sêda e algodão que, em Mombaça, compram aos mercadores de Cam-

(1) Raiz farinácea.

baia. Andam as mulheres destes mouros mui bem ataviadas, têm muitas joias de suas pessoas, de muito bom ouro de Sofala, e muita prata e orelheiras (1) e cadeias de pescoço e manilhas e braceletes; andam vestidas de muitos bons panos de seda. Têm muitos mesquitas; honram muito o Alcorão de Mafamede.

PATÉ E LEMON

E tanto que passam Melinde indo caminho da Índia começam a atravessar o golfão (2), porque vai a costa dobrando contra o mar Roxo. Indo pela costa adiante está um lugar de mouros que chamam Paté, e, logo mais adiante, está outro que chamam Lemon, estes tratam com os gentios do sertão. São estes lugares mui bem amurados de pedra e cal, porque muitas vezes têm guerra com os gentios da terra firme.

DA CIDADE DE BRAVA

Indo mais ao diante ao longo da costa, passando estes lugares, está uma mui grande vila de mouros de muito boas casas de pedra e cal, que chamam Brava; não tem rei, é governada pelos mais velhos e antigos da terra, que são pessoas mui honradas e de grandíssimo trato de muitas mercadorias. Foi este lugar destruido pelos portugueses e mataram-lhe muita gente, levando muitos cativos, com muita riqueza de ouro e

(1) Brincos.
(2) Golfo.

prata e mercadorias; então fugiram muitos deles caminho do sertão, deixando a vila, e depois dela destruida e os portugueses idos a tomaram outra vez a povoar, a qual está agora próspera como dantes era.

MAGADAXO

Indo ao diante ao longo da costa, contra o mar Roxo, está uma mui grande vila de mouros que chamam Magadaxo; tem um rei mouro sôbre si. O lugar é de grande trato de muitas mercadorias; pela qual causa vem a êle muitas naus do grande reino de Cambaia, com assaz panos de muitas sortes e com outras diversas mercadorias e especiarias, e assim vêm de Adem, donde levam muito ouro, marfim, cera e outras muitas cousas de que se êles muito aproveitam para seus tratos.

Há nesta terra muitas carnes, trigo, cevada, cavalos e muitas frutas, de maneira que é um lugar muito rico. Falam aravia; são homens baços e pretos, alguns brancos, são de poucas armas, porém servem-se de erva (1) em as frechas, para se defenderem de seus inimigos.

AFUM

Passando este lugar e vila de Magadaxo, indo pela costa, está um lugar pequeno de mouros que chamam Afum, em o qual há muitas carnes e mantimentos. É lugar, como digo, pequeno e de pouco trato e não tem pôrto.

(1) Erva venenosa.

O CABO DE GUARDAFUI

Indo mais adiante ao longo da costa, passando este lugar de Afum, está o cabo de Guardafui, aonde a costa torna a dobrar caminho do mar Roxo, está na boca do estreito de Meca, de maneira que quantas naus vêm da Índia e do reino de Cambaia e de Chaul, Dabul, Baticalá, do Malabar e de toda a costa de Bengala e da de Ceilão, Malaca, Samatra e Pegar, Tanaçari e China, o vêm demandar, e deste cabo entram para dentro com muitas mercadorias, que umas vão caminho da cidade de Adem, Zeila, Barborá, as quais naus os capitãis del-rei nosso senhor, vêm aqui esperar nesta paragem, e as tomam com muita riqueza, e com toda a mercadoria que levam por quanto vão contra a defesa de Sua Alteza.

METÉ

Em tanto que dobram este cabo de Guardafui para dentro, contra o mar Roxo, está logo muito perto um lugar de mouros que chamam Meté pequeno. Há nele muitas carnes. Não é de muito trato.

BARBORÁ

Indo mais adiante passando este lugar de Meté para dentro, está uma vila de mouros que chamam Barborá, onde vão muitas naus de Adem e de Cambaia com muitas mercadorias. Daqui levam muito ouro, anfião (1), marfim e outras muitas

(1) Ópio.

cousas. Os de Adem levam muitos mantimentos e carnes, mel e cera, porque é uma mui abastada terra. Esta vila forçosamente foi tomada pelos portugueses com uma frota de que era capitão-mor António de Saldanha e destruiu todo o lugar na era de 1518; e, dali, partiu com ela para Ormuz, onde houveram corregimento das suas naus aquelas que o houveram mister.

ZEILA

Daqui passando mais adiante, indo para dentro ao longo da costa, está outra vila de mouros que chamam Zeila, que é um lugar de muito trato, para onde navegam muitas naus a vender suas mercadorias. É o lugar mui bem arreado e tem mui boas casas e muitas delas de pedra e cal e cobertas de terrados. Os moradores dela pela maior parte, assim homens como mulheres, são pretos e têm muitos cavalos e criam muito gado de tôdas as maneiras, donde hão muita manteiga, leite e carnes e nesta terra há muito trigo, milho e cevada e muitas frutas, que tudo daqui levam caminho de Adem. Este lugar foi tomado e destruído pelos portugueses de que foi capitão-mor Lopo Soares, que então era Governador da Índia, e tomou-o vindo do porto de Judá (1) na era de 1517 anos.

DALACA

Indo mais ao diante passando este lugar ao longo da costa, está outro de mouros que chamam Dalaca, que também é

(1) Gidá.

porto de mar e donde se mais servem os abexins da terra do Preste João [1]. Neste lugar derredor dele há muita soma de mantimento e muito ouro que vem do Preste.

MAÇUÁ

Daqui passando este lugar Dalaca, indo para dentro do mar Roxo, vai-se longo da costa a um lugar que chamam Maçuá, e outras muitas povoações de mouros, os quais chamam a esta costa Baraião e nós lhe chamamos Arábia Feliz, por causa do monte Feliz, que está nela, onde antigamente esteve uma mui grande cidade que chamavam Feliz, e há muito tempo que está despovoada e não mora ninguém nela.

Em toda esta costa há muito ouro que vem de dentro do sertão do grande reino do Abexim, que é terra do Preste João. De todos estes lugares de longo da costa tratam no sertão com muitos panos e outras muitas mercadorias, donde lhes trazem muito ouro e marfim e muito mel, cera e escravos. Os do sertão são cristãos e cativam muitos deles, os quais cativos são muito estimados entre os mouros, e valem entre eles muito mais que outros nenhuns escravos, porque os acham agudos e fieis e muito bons homens de suas pessoas, e tanto que estes abexins são cativos entre os mouros, logo os tomam da sua lei, e, depois, vêm a ser mais emperrados nela que os próprios mouros, os quais todos os desta Arábia Feliz, assim homens como mulheres, são pretos e mui bons homens de peleja. Andam nus da cinta para cima, e, dela para baixo se cobrem com

(1) O imperador da Abissínia era então identificado pelos europeus com uma figura lendária da Idade Média a que davam o nome de Preste João.

panos de algodão, e, os mais honrados deles, trazem uns panos grandes como almaizares mouriscos, e as mulheres andam cobertas com outros grandes que chamam chandes.

Aqui nesta terra costumam de coser as naturas às filhas quando nascem, da qual maneira andam sempre até que casam, e as entregam a seus maridos, então lhe tornam a cortar aquela carne que está soldada como se assim nascera. Isto vi eu por experiência, porque me achei na tomada de Zeila, de que já atrás fiz menção, onde tomámos muitas crianças fêmeas que achámos assim.

DO GRANDE REINO DO PRESTE JOÃO

No mesmo sítio destes lugares de mouros, entrando pelo sertão está um mui grande reino do Preste João, a que os mouros chamam o Abexim, que é mui grande e mui formoso de terras. Há nele muita gente e tem muitos reinos ao redor, sujeitos a si, que estão a seu mandado e debaixo de sua governança. É esta terra bem povoada de muitas cidades, vilas, lugares e muitos deles vivem nas montanhas à maneira de alarves [1]. São homens pretos mui bem dispostos, têm muitos cavalos de que se servem e são êles muito bons cavaleiros e grandes monteiros e caçadores, e seus mantimentos são carnes de todas as qualidades, muitas manteigas e mel e pão de trigo e milho; das quais cousas há na terra muita abastança, vestem-se de couro porque é a terra muito cara de panos, principalmente em a montanha. Há também entre êles uma geração que não pode vestir por dignidade senão pano, todos os

(1) Beduínos.

outros não trajam senão couro, o qual eles trazem mui bem adubado e concertado. Há também aqui homens e mulheres que nunca em sua vida beberam senão leite, com que matam a sede, e não fazem isto por falta de água, que na terra há muita, mas porque o leite os faz mais rijos e sãos. O que eles costumam muito a comer é mel e têm muito; porém os que mais costumam a comer isto, são os que vivem nas montanhas.

Todos são, em geração, cristãos de tempo da doutrina do bem aventurado S. Tomé, segundo dizem, e seu baptismo é em três maneiras: o primeiro é sangue, o segundo fogo, o terceiro água como o nosso. Pelo do fogo são ferrados nas testas e nas fontes, pelo da água são baptizados nela como nós, pelo de sangue são circuncisados muitos deles, e carecem da nossa verdadeira fé, porque a terra é muito grande, e estes vivem nas montanhas, arredados das vilas e lugares. A mais verdadeira cristandade que entre eles há, é uma grande cidade que chamam Babelmaleque, onde sempre está o rei, a que nós chamamos o Preste João e os mouros o grande Abexim.

Nesta cidade se faz cada ano, por dia de Nossa Senhora de Agosto, uma mui grande festa, onde se ajunta assaz número de gente, e a que vêm muitos reis e grandes senhores; em o qual dia eles tiram uma imagem de uma igreja, que não sabemos se é de Nossa Senhora, se de S. Bartolomeu, e é de ouro do tamanho de um homem, os olhos são de dois rubis de inefável preço e o corpo dela arraiado de muita pedraria sem conto. Vem esta imagem posta sobre um carro de ouro, onde lhe vêm fazendo muito acatamento e cerimónia; diante dela sai o Preste João em outro carro, chapeado de ouro, mui ricamente vestido de ricos panos de ouro, e arraiado de rica pedraria. Começam a sair desta maneira: pela manhã andam pela dita cidade com muito solene procissão, e com diversos tangeres e com grande festa, até tarde que na mesma ordem se tornam a recolher. É tanta a gente nisto que muitos por chegarem ao carro da imagem, morrem de abafados, a qual morte

hão entre si por santa e de mártires, e vão por esta razão recebê-la voluntàriamente muitos velhos e velhas e outras pessoas. É este rei do Preste João muito rico e abastado de ouro, e tanto que até o nosso tempo se não sabe nenhum outro rei lhe ser nisso igual. E, como já disse, traz mui formosa e grande corte e paga muita soma de gente que contìnuamente traz consigo, com que sogiga (1) outros reis comarcãos, como já disse.

SUEZ

Deixando esta terra do Preste João e também a costa da Arábia Feliz, tornando a outra banda do mar Roxo, que também chamam Arábia e os mouros lhe chamam Baraião, está um lugar, pôrto de mar, que chamam Suez, onde os mouros traziam de Judá, porto de Meca, toda a especiaria e drogarias e outras muitas mercadorias, muito ricas, que aí vinham da Índia e traziam-nas de Judá em navios muito pequenos; e, dali, as tomavam em camelos, e as levavam por terra a caminho do Cairo, donde as levavam outros mercadores, caminho de Alexandria; e aí as compravam os venezianos, o qual trato é desfeito por el-rei nosso senhor, porque as suas armadas tolhem as naus dos mouros que das Índias não passem ao mar Roxo. Pelo que, o gram soldão (2) do Cairo que nisto mais perde, mandou fazer neste porto de Suez, uma grossa armada para que se trouxe para terra a madeira e artilharia, e todas outras munições, em que se fizeram mui grandes despesas, a qual foi com muita pressa feita de naus de

(1) Subjuga.
(2) Sultão.

gávea e de galés de remos; e, sendo feita, passou à primeira Índia, que é no reino de Cambaia, indo por capitão-mor dela Mirocem, com determinação de tolherem a navegação aos portugueses, e ajuntou-se com a armada del-rei nosso senhor, defronte de Diu, onde pelejaram tão rijo que, de ambas as partes, houve gente ferida e morta, de maneira que os mouros foram vencidos e as naus lhe foram tomadas e queimadas e metidas no fundo. Pelo qual feito, e, por outros muitos, que depois se fizeram, se foi perdendo a navegação pelo mar Roxo, e o porto de Suez ficou sem nenhum trato de especiaria e está agora muito danificado e quási despovoado.

DO MONTE SINAI

Ali logo não longe de Suez, nesta mesma terra da Arábia, sobre o mar Roxo, está o monte Sinai, onde jaz o corpo da bem aventurada Santa Catarina, em uma igreja onde estão alguns frades cristãos em poder de mouros, debaixo do poderio e mando do gram soldão, à qual casa vão em romaria muitos cristãos da terra do Preste João e de Babilónia, Arménia e Constantinopla e Jerusalém, de Roma, Alemanha e Nápoles e doutras muitas partes.

ELIOBOM E MEDINA

Passando o dito monte de Sinai, a que os mouros chamam Turla, para diante pela costa do mar Roxo, saindo para fora, está uma terra de mouros, porto de mar, que se chama Eliobom, aonde, dizem, desembarcam para ir a Medina, que

é outra cidade de mouros, pela terra dentro três jornadas longe deste porto, na qual está sepultado o corpo de Mafamede.

JUDÁ PORTO DE MAR

Saindo do dito porto de Eliobom para fora ao longo da costa do mar Roxo, está uma terra de mouros chamada Judá, que é porto de mar, onde, todos os anos, costumavam ir as naus da Índia com as especiarias e drogarias, e daí voltavam a Calecut com muito cobre, azougue (1) azinhavre (2), açafrão, águas-rosadas (3), panos de escarlata, sedas, chamalotes, tafetás e outras mercadorias diversas que se despacham na Índia, e igualmente com muito ouro e prata, e era este tráfego muito grande e proveitoso. Em este porto de Judá se carregavam as ditas especiarias e drogarias em navios pequenos para Suez, como fica dito.

MECA

Distante deste porto de Judá uma jornada pelo sertão, está a grande cidade de Meca, e nela uma grande mesquita, aonde vão em romaria os mouros de todas as partes, e têm por certo serem salvos, lavando-se com a água de um poço que está dentro dela; e, dali, a levam em garrafas às suas terras como grande relíquia.

(1) Mercúrio.

(2) Aloés, lenho aromático; resina amarga e purgativa produzida pela planta do mesmo nome.

(3) Águas distiladas de rosas.

Em o pôrto de Judá mandou, há pouco, fazer uma fortaleza Mirocem, capitão mouro das naus do soldão, que os portugueses desbarataram na Índia, o qual depois que se viu desbaratado, não teve mais ânimo de voltar ao seu país, sem fazer algum serviço ao seu rei, e, assim, determinou pedir a el-rei de Cambaia, que se chama soldão Maomé, e igualmente aos príncipes e mercadores do seu reino, e aos outros reis mouros, grande quantidade de dinheiro para fazer a dita fortaleza, dizendo que pois os portugueses, aos quais chamam frangues [1], eram tão poderosos, não seria maravilha que entrassem por este porto e fôssem destruir a Casa de Mafoma. Estes reis e gente moura ouvindo o seu peditório, e vendo o poder del-rei de Portugal, pareceu-lhes que poderia acontecer fàcilmente; e, assim lhe deram grandes dons, com os quais carregou três naus de especiarias e doutras mercadorias; e com elas navegou para o mar Roxo; e chegando a Judá as vendeu e com este dinheiro fez a fortaleza. No tempo em que êle a fabricava, os portugueses construiam outra dentro da cidade de Calecut, cujo rei pediu ao capitão-mor del-rei de Portugal licença para mandar então a Meca uma nau carregada de especiarias. Foi-lhe a licença concedida e mandou a nau, indo nela por capitão um mouro honrado por nome Califa, o qual chegando a Judá, saltou em terra em muito boa ordem com a sua gente, e Mirocem, que então fazia a fortaleza, logo lhe pediu novas dos portugueses, ao qual ele respondeu estavam em Calecut muito pacíficos, e faziam uma fortaleza muito grande, ao que Mirocem lhe tornou: — Como tens tu atrevimento para vir a Meca sendo amigo dos portugueses? e Califa lhe respondeu: — Eu sou mercador e não posso al [2] fazer,

(1) «Todos os ocidentais são chamados frangues, dos francos ou franceses que vieram conquistar a Terra Santa» (Patriarca D. Afonso Mendes, cit. in. *História Geral de Etiópia a Alta* de Baltasar Teles, Liv. I, cap. XXXI).

(2) Outra coisa.

mas tu que eras capitão do gram soldão e que tinhas a teu cargo deitá-los fora da Índia, como os deixaste, e estás aqui fazendo uma fortaleza? Das quais palavras Mirocem teve muito desprazer e fez logo que Califa, assim mesmo bem vestido como estava, e igualmente toda a sua gente carregassem pedra e cal, e ajudassem à obra, no que o fez afadigar o espaço de uma hora; o que tudo o dito Califa contou depois que voltou a Calecut.

JASÃO, ALI E ALHOR

Passando o porto de Judá vindo pelo mar Roxo ao longo da costa, saindo para fora, estão muitos lugares de mouros que têm rei sobre si, dos quais a um chamam Jasão, outro Ali, outro Alhor, e derredor déstes há muitos lugares pequenos onde há muitos cavalos e mantimentos. Este rei não obedece ao soltão nem a outro nenhum, tem muitas terras e lugares que são portos de mar donde os mouros soiam levar alguns cavalos para á Índia por mercadoria, que valem muito dinheiro.

OBEDA, BABELMANDEL [1]

Deixando êstes lugares e reinos, estão outras muitas vilas ao longo da costa que são do reino de Adem, dos quais há um chamado Obeda, outro Babelmandel que é na boca do estreito onde as naus entram ao mar Roxo e saiem; no qual lugar se tomam os pilotos para entrarem e levarem as naus a Judá, os quais vivem aqui para isso sòmente.

(1) Bab-el-Mandeb.

CAMARÃO

Saindo destes lugares atrás, está uma ilha que não é muito grande que chamam Camarão, povoada de mouros onde as naus tomam algum refresco quando por ali passam de Judá para fora e de fora para dentro.

Este lugar foi tomado por Afonso de Albuquerque, capitão-mor del-rei nosso senhor, onde esteve muitos dias corregindo e repartindo sua frota para sair do mar Roxo, por o tempo lhe não dar lugar para ir dentro a Judá, onde ele determinava ir, e, também, Lopo Soares quando veio do porto de Judá, sendo capitão-mor do mar, onde junto com a água achou uma fortaleza que os rumes [1] fizeram quando aí estiveram, a qual ele querendo-se partir a mandou derribar. Há nesta ilha muita água de poços de que as naus se provêm.

A CIDADE DE ADEM

Saindo assim deste mar Roxo, contra Babelmandel, que é o mais estreito lugar que nele há, que é por onde todas as naus forçosamente hão-de passar, entram logo em o mar largo de Adem de longo da costa, por onde vão alguns lugares de mouros, que são do mesmo reino de Adem; passando os

[1] «Os rumes são todos aqueles naturais da província de Trácia e daquela parte de Constantinopla que se chamou Romania; ... se ficou chamando ... seus naturais romanis, e os turcos, depois, corrompendo-lhe o nome, lhe chamaram rumeli e nós depois rumes. E não só depois os que passaram à lei de Mafamede, depois que aquele império se perdeu, mas ainda os de toda a Grécia que ficaram na sua antiga». Diogo do Couto. *De Ásia.* Década IV, liv. VIII, cap. IX).

quais chegam à populosa e sumptuosa cidade de Adem, que é de mouros e tem rei sobre si. Tem esta cidade mui bom porto de mar de mui grosso trato de grandes mercadorias, é muito formosa, de mui altas casas de pedra e cal e terrados, de mui altas e muitas janelas, mui bem arruada e cercada de muros, torres e cubelos, com suas ameias à nossa maneira. Está a dita cidade em uma ponta entre a serra e o mar; a serra é talhada da banda da terra firme e de maneira que não tem por onde sair para fora para a terra firme, senão por uma porta, pela qual se servem, e por outra parte não podem entrar nem sair. Por cima desta serra onde a cidade jaz, há aí muitos castelinhos, mui formosos que do mar parecem.

Não tem a cidade dentro em si nenhuma água, sòmente fora da porta que faz a serventia; contra o sertão está uma grande casa onde por canos fazem vir a água doutra serra, que dali está um bom pedaço; e tal que, entre uma e a outra, se faz um campo grande.

Há nesta cidade grossos mercadores, assim mouros como judeus, são homens brancos, alguns deles pretos, vestem-se de panos de algodão, deles de seda, chamalotes e grã; seus vestidos são umas roupas compridas, com toucas nas cabeças, trazem calçados uns sapatos baixos. Seus mantimentos são mui boas carnes e pão de trigo e muito arroz que lhe vem da Índia; aqui há todas as frutas que há em nossas partes, e, assim, muitos cavalos e camelos. E o rei está sempre dentro no sertão e aqui tem posto um governador de sua mão. Ao porto desta cidade vêm muitas naus de todas as partes, principalmente do porto de Judá, donde lhe trazem muito cobre, azougue, vermelhão, coral e muitos panos de lã e seda, do que levam em retorno muita especiaria e drogarias, panos de algodão e outras mercadorias do grande reino de Cambaia; de Zeila e Barborá vêm aqui ter muitas naus com muitos mantimentos e levam em retorno panos de Cambaia e contas

pequenas e grandes. Todos os mercadores que negoceiam para a Arábia Feliz e para a terra do Preste João, igualmente vêm aqui ter, assim como as naus das cidade de Ormuz e de Cambaia, vêm carregadas de muitos panos, e é tanta a soma delas que parece cousa espantosa; trazem, como digo, algodão, muita drogaria, pedraria, muito aljôfar, laquecas (1), donde levam, em retorno, para o dito reino de Cambaia, muita ruvia, ópio, passas, cobre, azougue, vermelhão (2) e muita soma de águas-rosadas, que se aqui fazem e também levam muitos panos de lã, veludos pintados de Meca, ouro em pedaços, amoedado e por amoedar, e outro enfiado, e chamalotes; e, parece cousa impossível, poderem-se gastar tantos panos de algodão, como estas naus trazem de Cambaia. Vem a esta cidade, de Ormuz, de Chaul, Dabul, Baticala, Calecut, donde soia de vir a mais especiaria, com mui grande soma de arroz e açúcar e cocos, e também vêm muitas naus de Bengala, Samatra e Malaca, que outro sim trazem muita especiaria e drogarias e sedas, beijoim (3), laca (4), sândalo, lenho aloés, muito ruibarbo (5), almíscar (6), muitos panos delgados de Bengala, muito açúcar. De maneira que é este lugar do maior e mais grosso trato que se acha no mundo, e, assim, das mais ricas mercadorias.

A esta cidade chegou uma armada real del-rei nosso senhor, de que era capitão-mor Afonso de Albuquerque, que então era governador da Índia, e, no mesmo porto lhe tomou e queimou muita soma de naus, carregadas de muita mercadoria, e outras descarregadas, e cometeu entrar na cidade, a

(1) Pedra lustrosa e vermelha.
(2) Sangue de drago, resina do dragoeiro.
(3) Resina aromática.
(4) Resina avermelhada.
(5) Planta medicinal.
(6) Substância muito odorífera que se encontra numa bolsa por baixo do ventre do almiscareiro.

qual entrou, à escala vista (1), pelos mouros, com muitas escadas, e, sendo bem quarenta portugueses dentro, e tendo tomado um cubelo, as escadas com o peso da muita gente que por elas subia foram todas quebradas, sem ficar por onde se pudesse subir. Os portugueses que estavam dentro no cubelo, estiveram esperando que lhe acudissem por espaço de uma hora, e, vendo que ninguém subia, e que os mouros se vinham chegando, e começaram de os entrar, se lançaram do cubelo abaixo por cordas. Nesta entrada se defendiam mui bem os mouros e morreram muitos com alguns cristãos, entre os quais morreram dois capitãis, um deles dentro da cidade e o outro no cubelo.

O REINO DE FARTAQUE

Daqui passando este reino e cidade de Adem, saindo para fora do mesmo estreito, está outro reino de mouros, ao longo da costa, que tem três ou quatro vilas junto com o mar. Uma chamam Xaer, outra Dofar, outra Fartaque, em que os ditos homens de peleja têm muitos cavalos de que se servem na guerra, com muitas e boas armas. Agora de pouco tempo a esta parte está a obediência del-rei de Adem, concertado em seu serviço.

O CABO DE FARTAQUE, SACOTORA

Deixando este reino acima, se faz um cabo, que também chamam de Fartaque onde a costa torna a fazer volta para

(1) De assalto, com escadas encostadas aos muros.

o mar largo. Entre este mesmo cabo e o de Guardafui é a boca do estreito de Meca, que é por onde as naus entram para o mar Roxo, entre os quais cabos estão três ilhas, uma grande e duas pequenas; a grande chamam Sacotorá, que tem mui altas serras e montanhas e é povoada de uns homens baços, que dizem que são cristãos, porém carecem da ensinança e baptismo, que não têm senão nome de cristãos e têm todavia em seus oratórios cruzes. Foi em outro tempo esta ilha de amazonas, segundo dizem os mouros, que depois por tempo se foram ajuntando com os homens; ainda agora parece alguma cousa disso, porque as mulheres ministram e governam suas fazendas sem os maridos nisso entenderem. Tem esta gente língua sobre si, andam nus, sòmente cobrem suas vergonhas com panos de algodão, deles com peles, têm muitas vacas, muitos carneiros e palmares de tâmaras, seu mantimento é leite, carne e tâmaras; nesta ilha há muito sangue de drago e muito aloés sacotorim.

Aqui fizeram os mouros de Fartaque uma fortaleza, em que estavam para sogigarem e fazerem mouros a gente da terra; de maneira que quantos viviam derredor da fortaleza eram já mouros e serviam os mouros fartaques como se foram seus escravos, assim com as pessoas como com as fazendas, e viviam muito atribuladamente entre eles com muita sujeição, porém ainda guardavam alguns, como melhor podiam, seus ritos, os quais lhe ficaram de mui antigamente, que dizem que a ilha foi povoada de verdadeiros cristãos que, pouco e pouco, se foram corrompendo por carecerem de navegação, por onde tiveram doutrina. E estando assim os mouros fartaques, em posse desta fortaleza, chegou aqui uma armada del-rei nosso senhor, e, saindo os portugueses em terra, lhe tomaram a fortaleza, mas não tanto a seu salvo como quiséramos, porque êles se defenderam mais ousadamente que até agora nestas partes nenhuns homens vimos, e nunca se quiseram dar, até que morreram todos pelejando sem um só

ficar vivo, assim que são mui bons homens de guerra e em extremo ousados nela. O capitão desta armada deixou na fortaleza muita gente para a defenderem e manterem.

Logo, junto com esta ilha, estão outras duas que também são povoadas de homens negros e baços à maneira de canarins; é gente que não tem lei, nem nenhuma cousa a que adorem, sòmente vivem como bestiais, sem trato, nem conversação. Em as quais ilhas se acha muito e bom âmbar e conchas das que valem na Mina, e muito sangue de drago e aloés sacotorim, e também muitos carneiros e vacas. Na ilha de Sacotará, que atrás disse, fazem uns panos de lã como ordens, que chamam carabolins, que valem muito, e é muito certa mercadoria para a costa de Melinde e Mombaça onde se servem muito deles.

XAER

Indo assim ao mar ao longo da costa, está uma vila de mouros que chamam Xaer, a qual também é do mesmo reino de Fartaque, a qual é um lugar muito grande, em que há grande quantidade de muitas mercadorias, a que os mouros de Cambaia, de Chaul e Dabul, Baticalá e Malabar, vêm com as suas naus carregadas com muitos panos de algodão grossos e delgados, de que se êles muito servem e muitas granadas enfiadas, e outra muita pedraria baixa, muito arroz, açúcar, muita especiaria de toda a sorte, e outras muitas mercadorias, as quais eles aqui vendem aos mercadores da terra que ás compram muito bem, e as levam caminho de Adem, e para tôda essa Arábia. Depois que os ditos mercadores vendem as ditas suas mercadorias, empregam o dinheiro em muitos bons cavalos que na terra há, os quais cavalos são muito maiores e melhores que os que vêm de Ormuz, e valem na

Índia quinhentos, seiscentos cruzados. Também levam muito incenso que nasce na própria terra, e há nesta terra de Xaer muito trigo, carnes, tâmaras e uvas. Pelo sertão dela é tudo habitado de alarves.

Quantas naus vêm da Índia para entrar no mar Roxo, se é tarde e não podem entrar no estreito, arribam em Berber e neste porto; e, assim também, as que de dentro saiem, achando os ventos contrários, entram aqui donde passam caminho de Índia, cosendo-se com a costa de Cambaia. Desta maneira é este porto de mui grande escala de muitas naus, e nasce aqui tanto incenso que se leva para todo o mundo, e levam as naus com ele, e vale o quintal a cento e cinquenta réis, e este rei de Xaer com todo o seu reino está à obediência de Adem, porque lhe tem um irmão preso.

DOFAR

E passando o cabo de Fartaque vai a costa do mar já virando contra Ormuz. Indo ao longo da costa está um lugar de mouros que chamam Dofar, que também é do reino de Fartaque, em o qual tratam os mouros de Cambaia com muitos panos de algodão, arroz e outras muitas mercadorias.

CHAR

Daqui passando o lugar de Xaer, indo de longo da costa vão outros muitos lugares de mouros, pequenos, pelo sertão de muitos alarves, a qual costa vai assim até o cabo de Rosal-

gate, que é onde se começa o reino e senhorio de Ormuz, onde está uma fortaleza que o dito rei de Ormuz, tem ali, a que chamam Char, daqui começa a costa a dobrar para dentro contra onde jaz Ormuz.

REINO DE ORMUZ EM ARÁBIA

Indo ao diante passando o cabo de Rosalgate ao longo da costa, estão muitos lugares e fortalezas del-rei de Ormuz, até entrar pelo mar da Pérsia, e, outro sim, por dentro do mar persiano, o dito rei tem muitos castelos e lugares, e pela banda da Arábia, muitas ilhas que estão dentro no dito mar, habitados de mui honrados mouros, onde ele tem seus capitães e arrecadadores das suas rendas, os quais lugares são os seguintes, *scilicet*, primeiramente Clarate, que é um lugar grande de mouros de mui formosas e bem assentadas casas onde vivem muitos mercadores e grossos tratantes [1] e outros cavaleiros. Logo passado este lugar está outro que chamam Terne, é pequeno, e tem muito boa aguada, onde a vêm fazer todas as naus que por estas partes navegavam. Está além deste lugar outro que chamam Dagino, que é também muito bom porto de mar. Passando este está logo na costa outro que chamam Curiate que é povoado de gente muito honrada e de muito bom trato de mercadorias, no qual lugar e em outros, que derredor dele estão, há mantimentos em muita abastança e muitos cavalos que na própria terra nas-

(1) Comerciantes.

cem, muitos bons, que os mouros de Ormuz vêm comprar para levarem ou mandarem caminho da Índia. Passando este lugar de Curiate, está outro que chamam Etem, onde o rei de Ormuz tem uma fortaleza. Deixada esta fortaleza está um lugar que chamam Mascate, que é uma grande vila onde vive muita gente honrada; esta vila é de muito trato de mercadorias e de grandíssima pescaria, onde se pesca muito pescado e grande, o qual salgam e secam e tratam com ele para muitas partes. Passando este lugar indo caminho de Ormuz, ao longo da costa está outro que chamam Coquiar. Além do qual está outro que chamam Boçaque, que tem uma mui boa fortaleza del-rei de Ormuz, as quais fortalezas ele tem para fazer guerra a estes outros lugares quando se alevantarem. Passando esta fortaleza de Boçaque, mais para dentro, está outro que chamam Mael, além do qual está um lugar pequeno que chamam Profão.

Derredor destes lugares estão muitas quintans e herdades que os mouros honrados de Ormuz têm nesta terra firme, onde vêm pelo verão folgar e recolher suas novidades e frutas. Passando este lugar de Profão acima, está outro que chamam Julfar, onde vive muito honrada gente e muitos navegantes e grossos mercadores; aqui se pesca muito aljôfar e pérolas grandes, que os mercadores de Ormuz vêm comprar para levarem caminho da Índia, e para outras muitas partes. Rende o trato deste lugar mui grande soma de dinheiro a el-rei de Ormuz, e também o rendem os outros todos. Passando estes lugares de Profão, estão de longo da costa outros lugares, dos quais um se chama Recoima, que é um mui grande lugar, e além deste outro que tem uma fortaleza que chamam Caluão, que el-rei de Ormuz ali tem em defensão das suas terras, porque ao sertão de todos estes lugares vivem muitos mouros à maneira de alarves, que são governados por xeques, que às vezes vêm sobre estes lugares e lhe fazem guerra; a qual gente muitas vezes se alevanta contra seu rei.

REINO DE ORMUZ EM PÉRSIA

O mesmo rei de Ormuz tem ao longo da costa da Pérsia muitos lugares e ilhas habitadas, que aqui nomearei cada uma por si, e depois contarei da ilha de Ormuz e da sua cidade e do dito rei e seus costumes.

Em a costa da Pérsia caminho da Índia, tem el-rei de Pérsia um mui bom lugar que chamam Baião, povoado de gente mui honrada, onde tem seus governadores, o qual lhe rende muito bom dinheiro. Passando este está logo outro também de longo da costa que chamam Devixar. Passado o qual está outro que chamam Sacujon. Passado este estão ao longo da costa muitos lugares pequenos, e está um que chamam Nabando, do qual vai muita água doce a Ormuz em uns barcos pequenos que chamam terradas, a qual levam para beber à gente da cidade, por dentro, na ilha, não haver nenhuma água; de maneira que, deste e dos outros lugares, levam à cidade de Ormuz todos os mantimentos, carnes e frutas, de que é em muita abastança provida. Passando este lugar de Nabando está logo outro que chamam Ganda, e daí por diante vão muitos lugares do mesmo rei, a saber, Queijas, Ditabala, Beroaquem, Lima, Orvazax, Befar, Armão, Bardens, Corgão, Gostaquem, Congo, Bachorovai, Ominão, que é uma muito boa fortaleza, Coar. Entre estes ainda há outros lugares, que, posto que são pequenos, são de muito trato, os quais aqui não nomeio por não ter deles tão verdadeira informação; basta que são todos povoados de gente honrada e de grossos mercadores.

Assim tem el-rei de Ormuz por dentro do sertão para defensão de sua terra muitas fortalezas e todas na dita costa do mar da Pérsia, que são lugares muito abastados, de muitas carnes, trigo, cevada e muitas frutas, uvas e tâmaras de diversas maneiras, como as que temos nestas partes. E, nestes

lugares, assim homens como mulheres, são brancos e gentis homens; vestem-se de roupas compridas, de panos de algodão e de seda e grã e chamalotes, e toda esta terra é muito rica.

ILHAS DO REINO DE ORMUZ

A própria ilha em que está a cidade de Ormuz está entre a costa da Arábia e Pérsia na boca do mar persiano. Indo para dentro estão muitas ilhas estendidas por este mar, que são do mesmo rei de Ormuz, e estão à sua obediência, as quais são as seguintes: primeiramente Queixime, que é uma ilha grande muito viçosa, donde vem a Ormuz muita fruta verde e soma de hortaliça, a qual tem dentro em si grandes povoações. Deixando esta, está outra que chamam Andra, e outra Bascarde, e outra Laracoar, Fomon, Firol. Passando este Firol está outra ilha grande chamada Barem, onde vivem muitos mercadores e outra gente honrada; esta ilha está muito metida pelo mar persiano, por onde navegam para ela muitas naus com muitas mercadorias; ao redor dela nasce muito aljôfar e mui boas pérolas grandes, que os mercadores da própria ilha pescam, e hão disso mui grosso proveito, de que el-rei de Ormuz tem mui grande tenda e direitos e esta ilha com as outras lhe rendem muita soma de dinheiro. Aqui vêm os mercadores de Ormuz comprar este aljôfar e pérolas, para levarem ou mandarem vender à Índia, onde ganham nelas muito dinheiro. Também o vão aí comprar para o reino de Narsinga e para toda Arábia e Pérsia, e este aljôfar e pérolas se acham em todo este mar persiano, de Barem até dentro de Ormuz, porém em Barem há aí mais quantidade dele.

TERRAS DO XEQUE ISMAEL

Indo mais ao diante deixando estas ilhas de Barem pelo mar dentro, vão muitos lugares e povoações de mouros honrados que são umas terras mui fartas e ricas. Da qual ilha por diante, não é mais do senhorio de Ormuz, porque ali se acaba, mas são doutros senhorios de que não temos tanta informação e notícia; sòmente que dali ao diante tudo manda e sogiga o xeque Ismael, que é um mouro mancebo que de poucos tempos a este cabo tem tomado e sogigado grande parte da Arábia e Pérsia e muitos reinos e senhorios de mouros, não sendo rei nem filho de rei, sòmente filho de um xeque de geração Dali [1], o qual vindo a morrer, ele menino, e indo-se por aí, foi ter com um frade arménio que o criou, e, sendo de idade de doze anos, fugiu do seu poder com medo de não matarem por ser mouro, e foi ter em uma grande cidade, onde se assentou com um grande senhor, com o qual veio a privar tanto, que o trouxe a cavalo, e em muito boa posse, e, dali, começando-se a juntar com outros mouros mancebos, achegou muita gente para si, e começou pouco e pouco a ir tomando lugares e fazer mercês de haveres e riquezas, que neles achava, às pessoas que consigo levava, as tais tomadas, não tomando para si nenhuma cousa.

Vendo pois tão bom princípio para suas cousas, determinou de tomar divisa, e mandou fazer umas carapuças vermelhas de pano de grã, e de as mandar trazer a todas as pessoas que com elas quisessem ser em sua opinião. E foi de maneira que se achegou para ele mui grande soma de gente, começando logo a tomar grandes lugares e fazer muita guerra,

---

[1] Nota de Mendo Trigoso: «Na tradução italiana vem esta infância de Xeque Ismael contada por diferente modo, que por ser de pouco interêsse nos pareceu dever omitir».

e, com tudo isso, não se quere chamar rei, nem repousar em nenhum reino, e, tudo o que na guerra toma, reparte por quem lho ajuda a ganhar. E, achando algumas pessoas que de suas riquezas se não sirvam, nem aproveitem a ninguém, toma-lhas e reparte-as, igualmente, por alguns homens honrados de seu exército que vê serem pobres, e ao próprio dono da fazenda dá outro tanto como cada um deles, pelo que, alguns mouros lhe chamam igualador, mas o seu próprio nome é xeque Ismael. Este tem por costume mandar a todos os reis mouros seus embaixadores, cometendo-lhes que tragam aquelas carapuças vermelhas da sua divisa, e, não as querendo trazer, que os desafiem, fazendo-lhes saber que ele os irá buscar e lhes tomará suas terras e os fará crer nele. E, desta maneira, mandou ao gram soldão e ao gram turco, uma embaixada, os quais havida sobre ela seu conselho, por suas embaixadas lhe responderam mui mal, determinando de se defender dele, e de ambos se ajudarem um ao outro.

Vendo pois o xeque Ismael suas respostas, concertou logo de vir contra o turco com muita gente de pé e de cavalo, e, assim o veio a buscar, o qual o saiu a receber não mal apercebido. E, assim, houveram ambos uma grande batalha de que o turco foi vencedor por causa de muita artilharia que consigo trazia, de que o xeque de todo carecia, porque não peleja com sua gente senão só à força de braços. Aqui lhe mataram muita gente, e ele se pôs em fugida.

O turco lhe seguiu o alcance, indo-lhe sempre matando muita gente, até o meter na terra da Pérsia, donde se tornou à Turquia.

Esta foi a primeira vez que o xeque Ismael foi desbaratado, do qual magoado, determinou de vir outra vez em busca do turco, mais avisado de artilharia e com muito maior poder do que antes viera.

Senhoreia este xeque Ismael em Babilónia, Arménia, toda Pérsia, mui gram parte da Arábia, parte da Índia contra

Cambaia. A sua determinação é haver às mãos a Casa de Meca, o qual mandou à Índia uma embaixada ao capitão-mor del-rei nosso senhor, com muitos presentes, oferecendo-lhe concerto e paz, o qual a recebeu muito bem, e logo, lhe mandou outra embaixada e presente.

A FORTALEZA DE BAÇORÁ

Aqui mesmo no fim deste mar persiano está uma mui grande fortaleza que chamam Boçorá, povoada de mouros que estão à obediência do xeque Ismael, na qual sai da terra firme ao mar em muito grande e formoso rio de água doce, a que os mouros chamam Eufrates; e, dizem, que é um dos quatro que saiem da fonte do Paraíso terreal, o qual os mouros próprios da terra dizem que tem infinitos braços, e dos outros deles o principal que eles chamam Índio, sai no reino de Vercinde, na primeira Índia donde ela tomou o nome; outro que chamam Ganges, sai na segunda Índia, e o qual que é o Nilo sai pelo meio do Preste João, e rega o Cairo. E ainda que se conheça que isto são fábulas, sempre as quis escrever.

E tornando ao nosso propósito, para esta fortaleza de Baçorá navegam muitas naus, com muitas mercadorias e especiaria e panos de algodão, e, nela, carregam muito trigo, muitas manteigas, gergelim, cevada, chamalotes e outras muitas mercadorias. Em um rio que passa junto desta fortaleza há uns peixes que quanto mais os cozem ou assam, tanto mais sangue lançam.

A FORMOSA CIDADE DE ORMUZ

Saindo deste mar e estreito, está logo na boca dele uma ilha que não é muito grande, em que está a cidade de Ormuz, que não é tamanha como formosa, de mui altas casas de pedra e cal, cobertas de terrados com muitas janelas. Por a terra ser muito quente, têm as casas todas uns cataventos, feitos por tal maneira, que do mais alto delas fazem vir o vento às mais baixas lógeas, quando o hão mister. Está a cidade mui bem assentada e armada com muito boas praças. Fora dela na própria ilha está uma serra pequena de sal em pedra (1) e algum enxofre, ainda que muito pouco; o sal está em tamanhas pedras como grandes rochedos, de montanhas fragosas, chama-se sal índio e a própria natureza o cria ali, e, depois de moído é muito alvo e bom. Quantas naus vêm a esta cidade todas levam seu lastro dele, porque em muitas partes vale dinheiro.

Os mercadores desta ilha e cidade são pérsicos e arábios, os pérsicos falam arábio e outra língua que chamam psa; são mui altos e formosos, gente mui bem apessoada (2), assim homens como mulheres. São homens grossos e viçosos e comem bem, honram muito a seita de Mafamede; são mui luxuriosos, e, tanto, que entre si mesmo têm mancebia de abominável pecado; são também músicos e têm muitas maneiras de instrumentos. Os homens arábios são mais pretos e baços. Há nesta cidade muitos e grossos mercadores, muitas e grandes naus. Tem muito bom porto onde se tratam muitas sortes de mercadorias, que de muitas partes aqui vêm, onde as trocam para muitas partes da Índia. Trazem

(1) Sal-gema.

(2) De boa aparência.

aqui todas as sortes de especiarias de muitas maneiras, a saber: pimenta, cravo, gengibre, cardamomo (1), águila (2), sândalo, brasil, miramulanos (3), tamarinhos (4), açafrão, índio, cera, ferro, açúcar, muito arroz e cocos, afora muita soma de pedraria; porcelanas e beijoim; em as quais todas se ganha muito dinheiro. Também tem muita soma de panos de Cambaia, de Chaul e Dabul, e de Bengala lhe trazem muitos sinabasos, que são sortes de panos muito delgados de algodão, que entre eles valem muito, e são mui estimados para toucas e camisas, para que lhe servem. Também da cidade de Adem trazem a Ormuz muito cobre, azougue, vermelhão e muita água-rosada, muitos panos de brocados, tafetás e chamalotes comuns. Assim mesmo vem aqui das terras do xeque Ismael, muita quantidade de seda e almíscar muito fino e muito ruibarbo de Babilónia; e, de Barem e Julfar, vem muito aljôfar, pérolas grandes, e da cidade da Arábia vem muita soma de cavalos; e, daqui, os levam para a Índia, onde levaram cada ano mil, e, às vezes, dois mil cavalos, e vale cada um na Índia, mau com bom, trezentos e quatrocentos cruzados, mais ou menos segundo a falta que há, e as naus, em que estes cavalos vão, levam também muitas tâmaras, passas, sal e enxofre e aljôfar grosso, com que os mouros de Narsinga folgam muito.

Andam estes mouros de Ormuz mui bem vestidos de umas camisas mui alvas de algodão, delgadas e compridas, seus sirões de pano de algodão, trazem também muitas roupas de sedas mui ricas, outras de chamalotes e grã, cingidos com

(1) Ou cárdamo, planta que produz um óleo volátil e grãos purpúreos mordicantes, mas agradáveis ao paladar.

(2) O alburno do lenho chamado aloés.

(3) Mirabolanos, fruto medicinal.

(4) Tamarindos, árvore de vagem com caroços polposos agridoces que se comem e usam na medicina.

muito bons almejares [1], em que trazem suas adagas mui bem guarnecidas de ouro e prata, segundo as qualidades de suas pessoas. Trazem também uns broqueis grandes, redondos, guarnecidos de mui boa seda, e, nas mãos seus arcos turqueses, pintados de mui boas tintas, e cordas de seda, que fazem mui gram passada; são os arcos de pau envernizados e de corno de búfaro [2]. E eles são mui bons frecheiros e suas frechas mui bem obradas e subtis; outros trazem nas mãos machadinhas e maças de ferro de muitas feições, muito bem lavradas e de mui formosa tauxia. São homens mui ricos e luzidos e galantes. Tratam-se muito bem, assim no vestido como no comer, que comem mui bem adubado, e em abastança de tudo, *silicet*, carnes, pão de trigo, muito bom arroz e muitas conservas e frutas verdes, maçãs, romãs, pêssegos, muitos albacorques [3], figos, amêndoas, uvas, melões e rabãos e muitas saladas, e todas outras cousas que há em Espanha; tâmaras de muitas maneiras e outras diversas frutas que não há em Espanha. Bebem vinho de uvas, escondidamente, que lho defende sua lei; as águas que bebem são um pouco almecegadas [4] postas em frio, para o qual fazem e buscam muitas maneiras para as esfriarem e terem sempre em frio. Estes fidalgos e mercadores honrados trazem sempre por onde quer que andam, por caminhos, praças, ruas, um pagem que lhe traz por estado um barril de água ou algarafa guarnecida de prata, o qual eles hão por estado e honra e para serviço da sua viçosa vida. Estes são malquistos das mulheres, porque os mais deles trazem sempre consigo escravos moços capados, com que dormem. Estes mouros honrados têm todos na terra

(1) Almeizares: cintos.

(2) Búfalo.

(3) Ou albercoque, damasco.

(4) Da cor da almécega, amareladas.

firme quintans, onde se vão muitas vezes desenfadar, principalmente no verão.

Esta cidade de Ormuz, posto que é mui rica e abastada de todos mantimentos é mui cara porque tudo lhe vem de fora, *scilicet*, de Pérsia e Arábia, e doutras partes donde tudo lhe vem mui prestes, sem haver na ilha cousa de que se eles possam sair, sòmente sal; e, até água lhe vem de fora da terra firme, e doutras ilhas derredor, para eles beberem, em uns barcos pequenos que chamam terradas, como atrás disse; e de todo o mantimento e lenha que lhe trazem, assim de fora, estão de contínuo as praças cheias em muita abundância, onde tudo se vende a peso com mui grande regimento e taxa, e qualquer pessoa que falsa peso ou sai da taxa e ordem que lhe dão, é mui àsperamente castigado. Vendem as carnes cozidas e assadas a peso, e, assim, todos os outros comeres feitos, e tudo isto tão bem concertado e limpo, que muitas pessoas não mandam fazer de comer em suas casas e das praças comem.

Em esta cidade de Ormuz está sempre o rei dela em uns mui grandes paços, que nela tem junto com o mar em um cabo da cidade, em os quais sempre está aposentado e tem todo seu tesouro; o qual rei em todos seus lugares de Pérsia e Arábia e ilhas que atrás apontei, que são de seu senhorio, tem governadores e arrecadadores das suas rendas; e, na própria cidade, tem outro governador que toda a tem e mantém a direito, que é superior de todos os outros do reino e de todo ele. O qual governador tem o rei preso de sua mão nos ditos paços, em uma fortaleza deles, sem governar, nem entender em nenhuma cousa do reino, sòmente em ser muito bem servido e guardado; e é de maneira que se o rei quere entender em governança ou no tesouro, ou quere ser isento, tomam-no e quebram-lhe os olhos, e metem-no dentro em uma casa com a mulher e filhos, se os tem, e, ali, lhe dão de comer e o mantêm mui atribuladamente, e tomam outro

moço mais pequeno da linhagem dos reis, *silicet*, filho ou irmão ou sobrinho mais chegado, metem-no dentro na fortaleza e paços, e, ali o têm por seu rei, sòmente para em seu nome mandarem e governarem o reino mui pacìficamente; e os outros herdeiros do reino que ficam, assim como crescem e são em idade para governarem, e ao governador lhe parece que quere algum entender o reino, tomam-no e quebram-lhe os olhos e metem-no na dita casa, de maneira que sempre tem uma casa com dez ou doze reis cegos; e o que reina não vive nunca livre do medo de vir a este estado, e, enquanto reina, tem sempre gente de armas e cavaleiros que o guardam e servem, aos quais ele paga muito bom soldo, e andam sempre na corte com suas armas, e, alguns, manda estar fronteiros dos lugares da terra firme, quando tem necessidade disso.

Nesta cidade se faz moeda de ouro e prata, *scilicet*, uma moeda de muito bom ouro, redonda como as nossas, com letras mouriscas de ambas as bandas, que chamam xerafins, vale trezentos réis, pouco mais ou menos; a mais dela é feita em meios que vale cada uma cento e cinquenta réis; a de prata é uma moeda comprida à maneira de fava, também com letras mouriscas de ambas as bandas, que vale três vintens, pouco mais ou menos, a que eles chamam tangas, a prata da qual é muito fina, e de toda esta moeda, assim prata, como ouro, há tanta em abastança em Ormuz, que quantas naus vêm à cidade com mercadorias, depois de venderem e comprarem os cavalos e sinais que hão-de levar, todo o mais que lhe fica, levam nesta moeda, porque na Índia corre muito e tem muito boa valia.

A este reino de Ormuz veio ter uma armada del-rei nosso senhor, de que era capitão-mor Afonso de Albuquerque, o qual se quisera pôr com eles em paz, o que eles não quiseram, o que vendo Afonso de Albuquerque lhe começou a fazer guerra pelo reino, principalmente pelos portos do mar, onde

lhe fez muito dano. Andando assim veio ter à própria cidade de Ormuz com toda a armada, onde no porto dela houve brava peleja com uma frota de mui grandes naus, cheias de mui formosa gente mui bem armada, a qual o dito Afonso de Albuquerque desbaratou e cativou muita, metendo muitas naus no fundo e tomando e queimando outras muitas que estavam ancoradas junto com os muros da mesma cidade. Vendo o rei e governador dela tamanha destruição em suas gentes e naus, sem lhe poderem valer, cometeram paz, a qual o capitão-mor aceitou com condição que lhe deixassem fazer uma fortaleza em um cabo da cidade, o que a eles lhe aprouve. A qual começando-se a fazer, tornaram-se os mouros a arrepender, não querendo que se fizesse mais, o que visto pelo capitão-mor, lhe tornou a fazer tanto dano, matando-lhe tanta gente que os fez tributários a el-rei nosso senhor em quinze mil xerafins de ouro cada ano, os quais lhe pagam sempre.

Dali a certos anos este rei e governadores de Ormuz, mandaram um embaixador a el-rei nosso senhor com um mui grande serviço, e, com a resposta que sua alteza lhes mandou, veio Afonso de Albuquerque em uma boa armada outra vez a Ormuz, onde o receberam em muita paz e lhe outorgaram que acabasse a fortaleza que dantes tinha começado, o qual a mandou logo começar, e que se fizesse mui grande e forte, como se logo começou. E, estando, el-rei que é um moço de pouca idade, vendo-se em poder do governador tão acanhado, que não usava fazer de si nada, teve maneira, com que secretamente o fez, a saber ao capitão-mor sua pouca liberdade, e da maneira que aquele governador o tinha quase preso, tomando a governança do reino forçosamente, tornando-o ao outro que a tinha, e que lhe parecia que se carteava com o xeque Ismael, para lhe entregar o reino. Sabendo o capitão-mor isto teve-o em grande segredo, determinou de se ver com el-rei, concertando logo com ele que as vistas

fossem em umas casas grandes que estão junto com o mar. Achegado o dia assinado, entrou o capitão-mor nas ditas casas com dez ou doze capitães, deixando de fora sua gente em ordenança, e tudo como devia.

El-rei e o governador vieram com grande soma de gente, e, dentro nas casas onde el-rei entrou, não entrou mais ninguém, e logo as portas foram fechadas, e, como foram dentro, o capitão-mor mandou matar a punhaladas ao governador, o que vendo o moço rei se começou de agastar, e Afonso de Albuquerque lhe disse que não houvesse medo, que aquilo que se fazia, se fazia por ele ser rei isento como são os outros. Os que estavam fora ouvindo o rumor começaram-se a alvoraçar, e alguns irmãos do governador e outros muitos criados e parentes que faziam um grande corpo de gente, estavam todos armados. Foi então necessário ao capitão-mor tomar el-rei pela mão, e subirem-se em um terrado, ambos armados, para el-rei dali lhes falar, e ver se os podia pacificar, o que ele não pode acabar [1] com eles, senão que lhes dessem seu irmão e senhor; e dizendo isto se foram meter dentro nos paços e fortaleza del-rei, dizendo também que fariam outro rei. O que vendo o capitão-mor quisera-lhe pôr as mãos e estiveram, assim, um grande pedaço do dia, e el-rei os quisera lançar fora por lanças, e eles não quiseram sair da dita fortaleza, e, depois, vendo que todavia o capitão-mor determinava de dar santiago [2] neles, cometeram de lhe dar a fortaleza, com condição que se fossem logo fora da cidade e ilha com mulher e filhos e fazendas, desterrados todos aqueles que fossem parentes ou irmãos do governador morto, o que logo foi feito. E o capitão-mor levou logo dali caminho dos paços e fortaleza com grande triunfo e pompa, acompa-

(1) Decidir, concluir.

(2) Sinal para começar o ataque; do nome do apóstolo que era invocado na Península Ibérica na luta contra os mouros.

nhado de muita gente nossa e sua, e o entregou a outro governador que dantes era, com seus paços e fortaleza e cidade mui livremente, dizendo ao governador que o servisse com muita honra, e o deixasse governar seu reino a seu prazer, sòmente lhe desse conselho como fazem aos outros reis mouros. Assim que, desta maneira o tornou o capitão-mor à sua liberdade, e fez capitão da nossa fortaleza a um Pero de Albuquerque, com muitos portugueses e navios para favorecerem el-rei, o qual não fazia nada sem conselho do dito capitão da fortaleza, estando à obediência del-rei nosso senhor, com todo o seu reino e senhorio. Vendo o capitão--mor tudo isto, assim em tanto sossêgo e debaixo de seu mando, logo publicamente com pregões mandou degradar os somíticos [1] fora da cidade e ilha, com uma frecha metida pelas ventas a cada um, e foram degradados com tal condição que se ali mais tornassem, fossem queimados, de que el--rei se mostrou contente. E assim mandou tomar os reis cegos que na dita cidade estavam, que seriam treze ou catorze, e os mandou meter dentro em uma grande nau, e os fez levar caminho da Índia e pôr na cidade de Goa, onde à custa de suas rendas lhe manda dar de comer, para ali acabarem seus dias, e não fazerem alguma torvação no reino e o deixarem nele viver em paz e assossego.

REINO DE DIUL

Indo mais ao diante deixando Ormuz e suas terras, entram logo no reino de Diul, que está entre a terra de Arábia e Pérsia, que é um reino separado, e reina nela um rei mouro, e a mais gente são mouros e alguns gentios, que são deles

(1) Sodomitas; os que tinham os costumes anteriormente referidos, costumes existentes na bíblica Sodoma.

muito sujeitos, o qual rei é muito gram senhor de muitas terras e gente pelo sertão dentro, e de muitos cavalos, porém tem mui poucos portos de mar. Confina esta terra de uma banda com o gram reino de Cambaia e da outra com a terra de Pérsia, e o rei dela obedece ao xeque Ismael, são mouros baços e brancos; têm língua sobre si, também falam pérsio e arábio.

Há nesta terra trigo e cevada, carnes em muita abastança; é terra chã, de campos e de mui pouca madeira. Navegam mui pouco, porém têm mui grandes praias, em que fazem mui formosas pescarias, e tomam mui grandes pescados, os quais secam para se gastarem na terra do sertão, e também se levam para outros muitos reinos. Aqui dão de comer aos cavalos peixe seco. Algumas naus que da Índia aqui vêm ter, trazem muito arroz, açúcar e alguma especiaria e madeira e tabuada e umas canas que há na Índia, que são tão grossas como uma perna de um homem. Em tudo isto se ganha muito dinheiro. Levam em retorno muito algodão, cavalos e panos.

Por este reino sai ao mar um grande rio que vem pelo meio da Pérsia, que dizem os mouros, ainda que o não saibam de certo, que vem do rio Eufrates, de longo do qual vão muitos lugares de mouros mui ricos. É terra mui viçosa e frutuosa, de muitos mantimentos.

REINO DE GUZARATE

Indo assim adiante, passando este reino de Diul, entrando logo na primeira Índia, está o reino do Guzarate, do qual reino e senhorio parece que el-rei Dario foi rei, porque ainda agora os índios têm dele e de Alexandre Magno muitas histórias.

É este reino do Guzarate muito grande, tem muitas vilas e cidades assim pelo sertão como ao longe do mar; tem

muitos portos de mui grande navegação, povoados de mouros e gentios, que são grossos mercadores e tratam aqui em muita soma de mercadorias. Dantes era o reino de gentios e os mouros lho tomaram por guerra, assim que o rei dele agora é mouro, mas ainda aí há muitos gentios grossos mercadores e tratam entre eles. Antes que este reino do Guzarate fosse de mouros, havia nele uns gentios a que os mouros chamavam resbutos, que naquele tempo eram os cavaleiros e defensores da terra e faziam a guerra onde era necessário. Estes matam e comem carnes e pescados e todas as outras viandas e ainda agora há muitos que vivem nas montanhas, onde têm mui grandes lugares, e não obedecem ao rei de Cambaia, antes cada dia lhe fazem muita guerra, o qual com quanto poder tem não é poderoso de os destruir, nem pode, porque são mui bons cavaleiros e são grandes frecheiros e têm outras muitas maneiras de armas com que se mui bem defendem dos mouros, com que continuadamente têm guerra, sem terem rei nem senhor que os governe.

Há neste reino outra sorte de gentios que chamam brâmanes e são mui grandes mercadores e tratantes, vivem entre os mouros, com que fazem todo seu trato, estes não comem carne, nem pescado, nem nenhuma cousa que morra, nem matam, nem menos querem ver matar, por assim lho defender sua idolatria, e guardam isto em tamanho extremo que é cousa espantosa, porque muitas vezes, acontece levarem-lhe os mouros bichos e passarinhos vivos, e fazerem que os querem matar perante eles e estes brâmanes lhos compram e resgatam, dando-lhe por eles muito mais do que valem, por lhe salvarem as vidas e soltá-los. Se também el-rei ou o governador da terra, tem algum homem, por culpas que cometesse, julgado à morte, ajuntam-se eles e compram-no à justiça, se lho quere vender, para que não morra. E também alguns mouros pedintes, quando querem haver esmola destes, tomam mui grandes pedras e dão com elas em cima dos hom-

bros e barrigas, como se querem matar perante eles, e porque o não façam, lhe dão muitas esmolas, e que se vão em paz. Outros trazem facas e dão-se com elas cutiladas pelos braços e pernas; e, para se não matarem lhes dão muitas esmolas; outros lhe vêm às portas a querer-lhe degolar ratos e cobras, aos quais eles dão muito dinheiro por o não fazerem; e, desta maneira são dos mouros mui apreciados. Estes brâmanes, se acham no caminho algum golpe [1] de formigas, arredam-se buscando por onde passem sem as pisarem. E, em suas casas de dia ceiam; de dia nem de noite acendem candeia, por causa de alguns mosquitos não irem morrer no lume da candeia; e, se, todavia, têm grande necessidade de acenderem de noite, têm uma alanterna de papel ou de pano agomado, para coisa nenhuma viva poder ir morrer dentro no fogo. Se estes criam muitos piolhos, não os matam, e, quando os muito aqueixam mandam chamar uns homens, que entre eles vivem, que também são gentios, e eles os hão por de santa vida, e são como ermitães, vivendo em muito abstinência por reverência dos seus deuses, estes os catam, e quantos piolhos lhe tiram põem-nos em suas cabeças, e os criam com suas carnes, em que dizem fazerem mui grande serviço a seu ídolo; e assim guardam, uns e outros, com muita temperança a lei de não matarem, e, por outra parte, são grandíssimos onzeneiros e falsificadores de pesos e medidas e doutras muitas mercadorias e moedas, e mui grandes mentirosos.

Estes gentios são homens baços, mui bem apessoados, gentis homens e galantes em seus trajos, mui delicados e temperados em seu comer; seus manjares são leites, manteiga, açúcar e arroz e muitas conservas de diversas maneiras; servem-se muito de cousas de fruta e hortaliça e de ervas de campo para seus manjares, onde quer que vivem têm muitas hortas e pomares, e muitos tanques de água, em que se lavam cada dia duas vezes, assim homens como mulheres, e dizem que como se acabam de lavar, se hão por salvos de quantos pecados têm feito até aquela hora.

Criam estes brâmanes muito comprido cabelo, de maneira que o criam as mulheres em nossas partes, e trazem-no apanhado sobre a cabeça, feita dele uma trunfa, e, em cima uma touca, para o trazerem sempre apanhado, e, por entre o cabelo, metidas flores e outras coisas cheirosas. Costumam muito untarem-se com sândalo branco, misturado com açafrão e outros cheiros. São homens mui namorados, andam vestidos de camisas compridas de algodão e de seda, calçam sapatos de pontilha de cordovão mui bem lavrados; deles trazem umas roupetas curtas de pano de seda ou brocadilho, e não trazem nenhumas armas, sòmente umas facas mui pequenas guarnecidas de ouro e prata, isto por duas razões, a primeira porque eles são homens que se servem pouco de armas, e a segunda porque os mouros lhas defendem; eles usam orelheiras [1] de ouro com muita pedraria e anéis nos dedos e cinta de ouro sobre os panos. As mulheres destes gentios são mui formosas, delicadas e de mui bons corpos; são baças quase brancas; seus trajos são de seda, assim compridos como os maridos, trazem uns saínhos de pano de seda de mangas estreitas, abertos pelas espáduas, e outros panos grandes que chamam chandes, que elas lançam por cima de si como mantos, quando vão fora; na cabeça não põem nada, senão seu cabelo muito bem apanhado sobre ela; andam sempre descalças, trazem nas pernas manilhas de ouro e de prata mui grossas, e nos dedos, dos pés e mãos, muitos anéis, e as orelhas furadas com grandes buracos por onde caberá um ôvo, em que trazem mui grossas argolas de ouro ou prata; são mulheres muito retraídas e encerradas, saiem mui poucas

(1) Quantidade.

(1) Brincos.

vezes fora de suas casas, e, quando saiem é muito cobertas com aqueles panos grandes sobre a cabeça, assim como as mulheres em nossas partes se cobrem com seus mantos.

Aqui há outra lei de gentios que chamam bramenes, que, entre eles, são sacerdotes e pessoas que administram e governam suas casas de orações e idolatrias, que eles têm mui grandes e com muitas rendas, e, também há muitas que se mantêm de esmolas, em as quais têm muita soma de ídolos de pau, outras de pedra e cobre; nas quais casas ou mosteiros lhe fazem muita cerimónia, festejando-os com muitos tangeres e cantares, com muitas candeias e alâmpadas de azeite e com capanas [1] à nossa maneira. Estes brâmanes e gentios têm muito por semelhas a Santa Trindade, honram muito o conto de três em trino, e fazem sempre sua oração a Deus, o qual confessam e adoram ser Deus verdadeiro, criador e fazedor de todas as coisas, que é três e um só Deus, e que há muitos deuses outros, governadores por eles, em que eles também crêem. Estes bramenes e gentios onde quer que se acham, entram em as nossas igrejas e fazem oração e adoração às nossas imagens, perguntando sempre por Santa Maria, como homens que disso têm algum conhecimento ou notícia, e, como à nossa maneira, honram a Igreja, dizendo que entre eles e nós há muito pouca diferença. Estes bramenes andam descobertos da cinta para cima, para baixo se cobrem com alguns panos de algodão; trazem a tiracolo um fio de três linhas, que é o sinal por onde se conhecem serem bramenes. São homens que também não comem cousa que sinta morte, nem matam cousa nenhuma; têm por grande cerimónia o lavar e dizem que com isso se salvam. Estes bramenes, e, assim, os baneanes, casam à nossa maneira com uma só mulher, porém uma vez, não mais; em suas bodas fazem grandes

(1) Campaínhas.

festas que duram muitos dias, onde se ajunta muita gente, mui bem vestida e asseada, festejando-os mui altamente. Casam, pela maior parte, assim homens como mulheres, muito moços, e ao dia que os hão-de receber, estão os noivos ambos assentados em um estrado, muito cobertos de ouro e pedrarias e jóias, diante de si têm uma mesquita com um ídolo coberto de flores, com muitas candeias de azeite acesas de roda dele; ali hão-de estar ambos com os olhos naquele ídolo, de pela manhã até à tarde sem comer, nem beber, nem falar ambos, nem a ninguém; neste meio tempo são mui festejados das gentes com seus tangeres e cantares, tirando muitas bombardas, fazendo muitos foguetes para folgarem. E como estes não casam senão uma vez, se o marido morre a mulher nunca mais casa por moça que seja, isso mesmo o marido; seus filhos são seus próprios herdeiros e na dignidade também, porque os bramenes hão-de ser filhos de bramenes.

Entre estes há outros somenos que servem de mensageiros e vão seguros por todas as partes sem ninguém lhe fazer nojo, ainda que haja guerra ou ladrões, a que chamam pateles.

REINO DE CAMBAIA DEL-REI DE GUZARATE

O próprio rei de Guzarate é mui grande senhor, assim de gente, como de muitas rendas e terra muito rica. É mouro e assim sua gente de armas. Traz grande corte com grossa cavalaria; é senhor de muitos cavalos e elefantes, os quais vêm de Ceilão e do Malabar a vender ao seu reino, que dos cavalos há grande abastança em sua terra. De maneira que com os elefantes e cavalos faz grande guerra aos gentios do reino do Guzarate, que chamam resbutos, que ainda lhe não obedecem, e aos outros reis com que às vezes têm guerra; e, em cima dos elefantes fazem um castelo de madeira, em que

cabem três ou quatro homens, que levam arcos, frechas, espingardas e outras armas, donde pelejam com seus inimigos, e são os ditos elefantes tão bem ensinados a isto que, como entram na peleja, com os dentes, ferem os cavalos e gente, tão rijo que muito asinha (1) desbaratam qualquer batalha (2), e, como os ferem, logo fogem e desbaratam uns aos outros e aos da sua banda. Destes tem el-rei de Cambaia, continuadamente, quatrocentos, quinhentos elefantes mui grandes e formosos, que compra a mil e quinhentos cruzados cada um, pouco mais ou menos, em seus portos de mar, onde lhos trazem a vender; de maneira que nestes elefantes e cavalos pelejam mui bem, e são eles mui ligeiros cavalgadores; cavalgam à bastarda e trazem uns escudos redondos muito fortes, guarnecidos de seda, cada um traz duas espadas, uma adarga e um arco turquesco com mui boas frechas e outros trazem umas maças de aceiro (3), e muitos deles cotas de malha, outros laudéis (4) embastados de algodão, seus cavalos acobertados com suas testeiras de aço, e, assim, pelejam bem. São tão ligeiros e manhosos na sela que, a cavalo jogam a choca, o qual jogo eles têm entre si na conta em que nós temos o das canas.

São os mouros deste reino brancos e a mor parte deles estrangeiros de muitas partes, *scilicet*, turcos, mamalucos (5), arábios, pérsios e coracones, targinões, outros do grande reino de Deli, e outros da mesma terra, e juntam-se aqui tantas naus deles, porque a terra é mui rica e abastada e têm bom soldo del-rei, e muito bem pago. Andam mui bem vestidos, de ricos panos de ouro, seda e algodão e de chamalotes; trazem todos suas toucas nas cabeças; suas toucas são compridas, como camisas mouriscas, ceroulas com borzeguins até ao joelho, de mui grosso cordovão, lavrados de mui subtis laços, de dentro e de fora da pontilha, seus traçados muito bem guarnecidos de ouro e prata, segundo as pessoas que os trazem, os quais lhe trazem nas mãos pagens seus. Têm mui formosas e alvas mulhéres, mui bem ataviadas; podem casar com quantas poderem manter por honrarem a seita de Mafamede; de maneira que muitos têm quatro e cinco, todas recebidas e manteúdas (1).

Estes mouros de Cambaia falam muitas línguas, arábia, turco, guzarate. Comem muito bom pão de trigo, arroz e mui boas carnes de todas as sortes; a fora, porque o defende a lei. São homens mui viçosos e dados à boa vida, grandes gastadores; andam sempre com as cabeças rapadas, e as mulheres têm mui bom cabelo; quando as tiram fora de suas casas, vão metidas em umas carretas de cavalos, todas cobertas, que ninguém pode ver quem vai dentro, porque são muito ciosos. Podem-se descasar cada vez que quiserem, pagando à mulher certos dinheiros que lhe prometem quando com elas casam, arrependendo-se em algum tempo; e a própria liberdade tem a mulher.

A este rei de Cambaia chamam soldão Mordafá, há muito tempo que é rei, a seu pai chamavam soldão Maamude, o qual de menino foi criado em peçonha e nutrido nela. Seu pai o quis assim criar por o não poderem matar com peçonha, porque costumam os reis mouros mandarem-se matar com ela uns aos outros; e começou-a a comer em tão pequena quantidade, que lhe não podia fazer mal; e, com isto, ficou tão apeçonhentado que onde quer que uma mosca lhe tocava, como lhe chegasse à carne logo morria e inchava; quantas

(1) Depressa.
(2) Troço de tropas.
(3) Aço.
(4) Vestiduras de couro.
(5) Mamelucos.

(1) Mantidas.

mulheres com ele dormiam morriam, e para isto tinha um anel de tal virtude que, aquela que o metia na boca, antes que se lançasse com ela, não lhe podia a peçonha empecer. A qual ele não podia já deixar de comer, porque se o fizesse era logo morto, como vemos por experiência no anfião que a mor parte dos mouros e índios comem, que se o deixassem de comer morreriam, e se o comessem os que nunca o comeram, morreriam também, de maneira que o começam a comer em tão pequena quantidade, que lhe não pode fazer mal; por serem criados nele, e, em sua natureza, vão crescendo. O qual anfião é frio no quarto grau, e, por parte fria, mata; os mouros o comem a fim de luxúria e as mulheres na Índia o tomam para se com ele matarem quando caiem em algum erro ou caso de desonra ou desesperação, e bebendo-o delido em um pouco de óleo, morrem dormindo sem sentirem a morte.

A CIDADE DE CHAMPANEL

Tem este próprio rei do Guzarate por seu reino grandes e boas cidades de que daqui por diante começarei a tratar, principalmente a cidade de Champanel, onde ele sempre está com toda a sua corte, a qual está metida pelo sertão em uma terra de mui bons campos, que dão mui grossos mantimentos, *scilicet*, muito trigo, cevada, milho, arroz, grãos, chícharos, lentilhas e outros muitos legumes. Criam-se neles muitas vacas, carneiros e cabras, donde os da terra hão boa criação. Aqui há também muitas frutas, e de tudo é a cidade muito farta e abastada.

É a terra de grandes montanhas ao redor, onde se criam muitos cervos e outras alimárias; aqui há também muita caça de aves e têm eles para isso muitos falcões, gaviões, galgos,

sabujos e libréos; também para o monte têm umas onças mansas que caçam toda a caça. El-rei é mui curioso de alimárias, tem muitas de desvairadas [1] feições, que ele para seu desenfadamento manda buscar e criar por todo o mundo. Ele mandou uma ganda [2] a el-rei nosso senhor, porque lhe disseram que folgaria com ela.

A CIDADE DE ANDANA

Desta cidade de Champanel contra o sertão, está outra muito maior que ela, chamada Andana, na qual antigamente soiam sempre os reis deste reino ter sua corte, porque é mui rica. São ambas cercadas de mui bons muros, com mui boas casas de pedra e cal, telhados à nossa maneira, tem grandes pátios, onde há tanques e poços de mui boas águas. Suas azêmolas são camelos.

Tem mui formosas ribeiras de água doce, onde se criam muitos pescadores.

Há aqui também muitas hortas e pomares.

Nesta cidade e em outras muitas que vão pelo sertão, tem el-rei de Cambaia seus governadores e arrecadadores de seus direitos, os quais se em seus ofícios fazem o que não devem, sabendo-o el-rei, manda-os chamar e vindos perante ele, não lhe dando boa razão, manda-lhe dar uma beberagem apeçonhentada, que, em a bebendo, morrem logo, e, desta maneira, os castiga, e é mui temido de todos.

Afora estas cidades e outras muitas que, como digo, tem no sertão as que tem pela costa ao longo do mar, são as seguintes.

---

(1) Diversas.
(2) Rinoceronte.

PATENEXEI

Saindo do reino de Diul, caminho da Índia, está uma grande cidade que chamam Patenexei de mui bom porto de mar. É rica de mui grande trato; aqui se fazem muitos panos pintados de seda e de muitos lavores, que se gastam por toda a Índia e Malaca e Bengala; e, assim, muitos outros panos de algodão.

A este porto vem muitas naus da Índia carregadas de muitos panos, algodão, cavalos e trigo e outras coisas em que se ganha muito dinheiro; suas viagens com suas demoras são de quatro meses.

CURIATE, MANGALOR

Passando este lugar, indo ao longo da costa, estão outros dois lugares, um chamado Curiate, outro Mangalor. São de mui bom porto e de muito trato, onde vão muitas naus do Malabar e muitos cavalos, por trigo, arroz e muitos panos de algodão, e por outras mercadorias que na Índia valem. Os malabares lhe trazem muitos cocos, esmeril, cera, cardomomo e outras sortes de muitas especiarias, no qual trato e viagem, em mui pouco tempo, se faz muito proveito.

DIU

Saindo assim destes lugares de Mangalor e Curiate, de longo da costa, está uma ponta que a terra lança ao mar, em que está um grande lugar a que os malabares chamam De-

vixa e os mouros da mesma terra lhe chamam Diu. Está em uma ilha pequena, muito junto com a terra firme, e tem muito bom porto, de grande escala de muitas naus e mui grande trato e navegação que vem do Malabar e Baticala e de Goa e Chaul e Dabul.

Daqui navegam também para Meca, para Adem, para Zeila, Barbará, Magadaxo, para Melinde, Brava, Mombaça, Ormuz e para todo seu reino.

A mercadoria que os malabares aqui trazem são muitos cocos, areca (1), jagra (2), esmeril (3), cera, ferro, açúcar de Maticala, pimenta, gengibre, cravo, canela, massa, noz moscada, sândalo, brasil, pimenta longa, afora muitas sedas e outras mercadorias que de Malaca e China lhe vêm.

De Chaul e Dabul lhe trazem muita soma de beirames e beatilhas e daqui tornam a levar caminho da Arábia, Pérsia; daqui levam os mercadores que a trazem em retorno, muitos panos de seda e algodão da terra e muitos cavalos, trigo, gergelim, óleo dele, algodão, anfião, assim do que vem de Adem, como do que fazem em Cambaia, não é tão fino como ele; levam também muitos chamalotes comuns de seda, que neste reino de Cambaia se fazem e são muito baratos; aqui trazem também da Índia muitas alcatifas grossas, tafetás e panos de grã, outros de cores, muita especiaria e outras coisas, as quais coisas os da terra tornam a levar a Meca, Adem, Ormuz e outras partes da Arábia, Pérsia.

De maneira que este lugar é o de mor trato que agora se acha em todas estas partes; rende tanta soma de dinheiro que é coisa espantosa, por causa das grossas e ricas mercadorias que nele se carregam e descarregam, porque só de

(1) Fruto da árvore do mesmo nome, mistura-se com o bétele e masca-se.

(2) Ou jágara, açúcar feito de cocos.

(3) Pedra dura que desfeita em pó serve para pulir.

Meca e Adem lhe trazem tanto coral, cobre, azougue, vermelhão, chumbo, pedra-ume, ruvia, águas-rosadas, açafrão, ouro, prata amoedada e por amoedar, que é sem conto.

Aqui tem el-rei de Cambaia um governador que chamam Malinquans, que é um homem velho mui bom cavaleiro, sisudo, industrioso, de gram saber. Vive muito concertadamente, que em todas as coisas mostra ser de mui hábil engenho.

Tem mui grossa artilharia que cada dia faz nova. Tem muitos navios de remos mui concertados e apontados (1), soma deles mui pequenos e ligeiros em extremo, a que chamam atalaias. Tem feito um fortíssimo baluarte atravessado no porto, povoado de mui grossa artilharia e muitos bombardeiros que, continuadamente, nele estão com muitos homens de armas bem concertados e armados, a que paga mui bom soldo. Vive sempre avisado, receia muito o poder del-rei nosso senhor; faz grande gasalho (2) aos nossos navios e gentes que ao seu porto vão ter. É a gente da terra mui bem castigada (3), governada com muita justiça, muito direito às partes, a quem em sua terra favorece muito, dando-lhe grandes dádivas e mercês.

A este porto de Diu veio ter uma armada do gram soldão com muita e formosa gente, mui bem armada e concertada e muitas naus de gávea e galés de remo, de que era capitão-mor um mouro chamado Mirocem, para neste porto e reino se haverem de reformar com ajuda del-rei de Cambaia e do próprio governador, e então daqui irem à Índia, à cidade de Calecut, onde também lhe haviam de dar ajuda para pelejarem com as nossas gentes e as lançarem fora da Índia.

(1) Aparelhados.
(2) Bom acolhimento.
(3) Dirigida.

Estando aqui muito tempo fazendo-se prestes, sabendo D. Francisco de Almeida, que então era vice-rei, sua estada aí, fez prestes sua armada, e, vindo por capitão-mor dela, os mouros o saíram a receber ao mar e na boca da barra pelejaram ambas as armadas, tão rijo que, assim de uma banda como da outra, houve gente ferida e morta, e alfim (1) os perros foram vencidos, sendo muitos mortos e ficando boa soma deles cativos, e o dito capitão Mirocem se salvou, deixando perecer toda sua frota.

O governador de Diu, que com suas atalaias os ajudava, vendo tão formoso desbarate, mandou à pressa mensagem ao vice-rei, que queria toda a paz e amizade com el-rei nosso senhor, mandando-lhe em sinal disso muitos presentes e refresco.

GOGARIM

Passando este lugar de Diu começa logo a costa fazer outra volta para dentro, caminhando de Cambaia, e nesta enseada estão muitos lugares, portos de mar, do reino de Guzarate.

São lugares de muito trato, principalmente Gogarim que é uma vila grande de muito bom porto de mar, onde sempre carregam muitas naus do Malabar e doutras partes para a Índia, também vem a ele muitas naus de Meca e Adem, porque aqui se tratam todas mercadorias em tanta abastança como em Diu.

(1) Finalmente.

BARBASI

Indo, assim, ao longo da costa, por dentro desta enseada, está outro lugar que chamam Barbasi, que também é muito bom porto de mar de mui grande navegação, em que se tratam muitas sortes de mercadorias que daqui levam para muitas partes.

Por estes lugares tem el-rei seus governadores e arrecadadores de suas rendas e alfândegas que lhe rendem muita fazenda e grande soma de dinheiro de direitos das mercadorias [1]...... das quais são todos os lugares muitos fartos e abastados de mantimentos e de muitas sortes de mercadorias que na terra se recolheu, afora outras que vêm de fora.

GUINDARIM

Indo mais adiante deixando Barbasi, está para dentro um lugar que chamam Guindarim, na boca de um rio, e um lugar de mui bom porto, em que se tratam muitas sortes de mercadorias, porque pelo mesmo rio dentro está a grande cidade de Cambaia.

Aqui vêm sempre muitas naus do Malabar, que trazem muita areca, cocos, especiaria, açúcar, cardamomo, e com outras muitas mercadorias que aqui vendem, donde levam muito algodão, panos, trigo, grãos, cavalos, alaquecas e outras muitas mercadorias em que na Índia se ganha muito dinheiro.

---

(1) Nota de Mendo Trigoso. «Falta aqui uma palavra no manuscrito e igualmente na tradução».

A navegação destes lugares é muito perigosa para nau de quilha, porque estando sobre amarra, desce aqui nesta enseada a água tanto que, em muito pouco espaço, descobre o mar quatro ou cinco léguas, em uns lugares mais e em outros menos, e, enquanto a maré, enche tão rijo que dizem que um homem a todo o correr não lhe pode fugir. De maneira que as naus que aqui houverem de entrar, hão-de tomar pilotos da própria terra, porque quando a maré descer, saibam ficar em pousos e lugares que há aí sabidos e muitas o ficam em pedras onde se perdem.

A FORMOSA CIDADE DE CAMBAIA

Entrando por Guindarim, que é pelo rio dentro, está uma grande e formosa cidade que chamam Cambaia que é povoada de mouros e gentios. Tem mui boas casas, mui altas, com janelas, e cobertas de telha à nossa maneira, mui bem arruadas, com formosas praças e grandes edifícios, tudo de pedra e cal. Está assentada em uma graciosa e rica terra de mantimentos.

Há na cidade grossos mercadores e grandes homens de fazendas, assim mouros como gentios. Há muitos oficiais de ofícios mecânicos, de subtis obras de muitas maneiras assim como em Flandres, e tudo muito barato.

Aqui se fazem muitos panos de algodão brancos muito delgados e grossos e outros pintados em forma, e muitos panos de seda, muitos veludos baixos, pintados, muitos setins aveludados e tafetás e muitas alcatifas grossas.

Os naturais da terra são quási brancos, assim homens como mulheres; moram nela muitos estrangeiros, e são homens mui alvos. É gente muito polida e acostumada a muitos bons trajos, de mui viçosa vida, dados a muitos pra-

zeres e vícios; comem muito bem, costumam sempre lavarem-se e untarem-se com coisas muito cheirosas, trazem sempre entre os cabelos, assim homens como mulheres, flores de jasmim e doutras ervas que entre eles há. São grandes músicos de muitas maneiras de tanger e cantar.

Andam continuamente pela dita cidade carretas com bois e com cavalos, de que se servem para carreto de todas as coisas, e outras com uns leitos de madeira muito bons, cerrados e cobertos à maneira de uma câmara, lavrados de formosa marcenaria, e com janelas armadas e paramentadas com muitos panos de seda, e alguns com os couros dourados; têm neles colchões, cobertas e almofadas de seda muito ricas [1]. Trazem carreteiros, homens conhecidos e de confiança, onde levam mulheres a ver jogos e prazeres, ou amigos, sem ninguém ver, nem saber quem vai dentro. Ali vão dentro tangendo e cantando e fazendo tudo a seu prazer.

Os moradores desta cidade têm muitos vergeis, hortas e pomares, que lhe servem de bom desenfadamento, onde criam muitas frutas e hortaliças, que é principal mantimento dos gentios que não comem cousas que receba morte.

Nesta cidade se gasta grande soma de marfim, em obras que se nela fazem muito subtis e marchetadas, e outras obras de torno, como são manilhas, cabos de adagas, e em terçados, jogos de xadrez e tábulas, porque há aí mui delicados torneiros que fazem tudo, e muitos leitos de marfim, de torno, de mui subtis obras e contas de muitas maneiras, pretas, amarelas, azuis e vermelhas, e de muitas cores, que daqui levam para muitas partes.

Há aqui também grandes lapidários e falsificadores de pedraria e pérolas falsas de muitas maneiras, que parecem naturais; também há mui bons ourives, de mui subtis obras.

---

[1] Nota de Mendo Trigoso: «Estas palavras faltam no manuscrito e foram supridas da tradução».

Aqui se fazem também mui formosas colchas e céus de camas de subtis lavores e pinturas e muitas roupas de vestir e acolchoadas; há também muitas lavradeiras mouras que fazem mui delicados lavores e subtis obras. Aqui se lavra também muito coral e alaquecas e toda outra pedraria, de maneira que há nesta cidade mui primos [1] oficiais de todas as obras.

LIMADURA

Indo mais adiante desta cidade de Cambaia ao sertão dela, está um lugar que chamam Limadura, onde está uma pedra de alaqueca, que é uma pedra branca leitenta e vermelha, e, dentro, no fogo a fazem muito mais vermelha; arrancam-na em mui grandes pedaços,e aqui há grandes mestres que a lavram e furam e fazem de muitas posições, *scilicet*, compridas, oitavas, redondas, folhas de oliveta e em muitos aneis, cabos de terçados e adargas e doutras maneiras. Os mercadores de Cambaia as vêm aqui comprar para as venderem para o mar Roxo, donde iam para as nossas partes pela via do Cairo e Alexandria. Também as levam caminho da Arábia e Pérsia e para a Índia, onde as nossas gentes as compram para levarem a Portugal.

Aqui acham também muita soma de babagoure, que nós chamamos calcedónia, que são umas pedras de umas veias pardas e brancas, que eles fazem muito redondas e furadas, trazem-nas mouros nos braços, em lugar que lhe toquem na carne, dizendo que são boas para guardarem castidade; são pedras de pouca valia porque há aí muitas.

---

[1] Excelentes.

REINEL

Saindo assim deste lugar de Limadura, tornando aos de porto de mar, passando Guindarim ao diante, ao longo da costa está um rio, que desta própria banda tem um lugar de mouros que chamam Reinel que é de mui formosas casas e praças, e um lugar muito aprazível e rico, porque os mouros dele tratam com suas naus em Malaca, Bengala, Camarasim e Pegú, em Martabão e Samatra, em muitas sortes de especiarias e drogarias, e em muitas sedas, almiscar, beijoim, porcelanas, e em outras muitas mercadorias.

Têm os moradores dele grandes e formosas naus, que neste trato andam, e, quem quiser haver à sua mão cousas de Malaca e China vá-se a este lugar, onde as achará mais perfeitamente que em outra parte, e de bom preço.

Os mouros daqui são ricos e honrados, brancos e gentis homens, andam mui bem ataviados e têm mui formosas mulheres e boas casas bem concertadas e alfaiadas.

Nas casas dianteiras costumam ter muitos prateleiros, ao redor, e todas cercadas deles ao modo de botica, todos cheios de formosas e ricas porcelanas de novas feições.

As mulheres não são encerradas, como as dos outros mouros, mas andam muito por fora de dia, negociando o que lhe cumpre, com o rosto descoberto, como as de nossas partes.

SURATE

Indo ao diante passando o rio de Reinel, da outra banda, está uma cidade que chamam Surate, povoada de mouros e pegada no rio. Tratam-se nela muitas mercadorias e é de grande trato.

Para ela navegam muitas naus do Malabar, e doutras partes, onde vendem o que trazem, e tornam a carregar do que querem, porque é este porto de muito trato, e há nele mui grossos mercadores, assim mouros como gentios, que também aqui vivem.

Rende a deniva, que é a alfândega, cada ano, grande soma de dinheiro a el-rei de Cambaia.

Até agora mandava e governava nela um gentio por nome Milocoxim, que el-rei de Cambaia mandou matar por má informação que dele teve, o qual era muito amigo dos portugueses.

DINUI

Passando esta cidade de Surate, ao longo da costa está um mui bom lugar que chamam Dinui, povoado de mouros e gentios, que é também de grande trato de muitas mercadorias, onde sempre navegam muitas naus do Malabar e doutras partes.

BAXAI [1]

Indo ao diante ao longo da costa, passando Dinui, está outro lugar que chamam Baxai, de mouros e gentios, de mui bom porto, que também é do reino de Guzarate. É de grande navegação, tratam-se aqui muitas sortes de mercadorias, de muitas naus de fora que a ele vêm do Malabar carregadas de muita areca, cocos, especiarias e outras mercadorias, donde levam outras que no Malabar se gastam.

---

[1] Baçaim.

BENAMAJAMBU

Ao diante de Baxai, ao longo da costa está uma fortaleza del-rei de Guzarate, a que chamam Benamajambu. Derredor dela está um lugar de mouros mui gracioso, de muitas ostras, onde estão muitas mesquitas de mouros e casas de oração de gentios, o qual está quási no cabo do reino de Cambaia, que é muito bom porto de mar, e de assaz trato, onde há muitos corsários de uns navios pequenos como atalaias, de que vêm ao mar, e achando navio pequeno com que eles possam, tomam-no e roubam-no, e, às vezes, lhe matam a gente.

FIM DO REINO DE GUZARATE E BREVE RELAÇÃO DAS MERCADORIAS QUE NÊLE HÁ

Aqui faz fim o grande e rico reino do Guzarate e Cambaia, em que há muitos cavalos que dele levam por mercadorias aos reis da Índia, Arábia, Pérsia, e muitas cotonias de algodão para velas e outros panos dele, brancos e grossos, de que vêm muitas naus carregadas para Arábia, Pérsia, Índia, Malaca, Samatra, Melinde, Magadaxo e Mombaça, e, assim, há outros panos pintados, muitos e de muitas sortes, cotonias de seda, alaquecas, óleo de gergelim, erva lombrigueira (1), espiquenarde, tutia, tincal (2), anfião, anil fino de tabuleta, e outro mais baixo, e assim, outras muitas drogarias que nós não conhecemos, e em Malaca e China são muito estimadas

(1) Planta aromática vermífuga, também chamada abrótano.
(2) Borato de sódio natural.

e têm grande valia, *silicet*, cachopucho e muito incenso que vem de Xaer, muito trigo e milho grosso, e arroz em grande abastança, gergelim, grãos, chícharos, feijões e outros muitos legumes, que em nossas partes não há, e tudo isto muito barato, e para todas as partes o levam.

Há também muita prata e ouro amoedado; há uma moeda de ouro redonda, com letras mouriscas e vale duzentos réis, pouco mais ou menos, e outra de prata que vale sessenta réis. Há aí outro conto por onde fazem todas suas mercadorias que chamam redes, e não é mais que o nome, que vale dezoito réis e catorze e doze, segundo os lugares, porque em uns vale mais e em outros menos, e, também, correm neste reino amêndoas por moeda baixa, assim como em outras partes os búzios pequenos. Também corre aqui a moeda del-rei de Narsinga que são os pardaus e valem trezentos réis, pouco mais ou menos; e já atrás disse sua feição. Seus pesos de ouro e prata e pedraria, são meticais que dois e meio pesam uma onça, têm outros pesos maiores que chamam candil, que pesam quatro quintais, pouco mais ou menos, segundo os lugares, porque em uns são maiores e outros mais pequenos que chamam mãos que são vinte no candil, o qual, como digo, pesa um bahar, que é quatro quintais.

REINO DAQUEM (1)

Saindo deste reino de Guzarate indo caminho da Índia, de longo da costa, está o reino Daquem, a que os Índios chamam Daquanil.

O rei dele é mouro, mas muita parte dos moradores são gentios; é gram senhor de muita e mui grossa terra que se

(1) Decan.

estende pelo sertão, assim mesmo tem muitos portos de mar de grosso trato, de muitas mercadorias, que se gastam na terra firme, e as cidades e melhores lugares dele são as seguintes.

CHAUL

E entrando assim neste reino Daquem, de longo da costa está um grande e formoso rio, dentro do qual está um lugar que chamam Chaul, de casas cobertas de palha, que é de grande trato, onde sempre nos meses de Dezembro, Janeiro, Fevereiro e Março, se acham grande soma de naus, principalmente da terra de Malabar e de outras muitas partes.

As do Malabar trazem aqui muita especiaria, areca, cocos, muita drogaria, açúcar de palma, cera, esmeril, o que tudo aqui vendem muito bem, e se gasta no sertão e no gram reino de Cambaia, onde aqui o vêm buscar os navios dele, trazendo em retorno muitos algodões, panos e outras mercadorias que valem muito no Malabar. Os zambucos que dele vêm as levam também em retorno do que assim trazem, e assim levam muito trigo, grãos, arroz, milho e gergelim, de que aqui há muito, e muitas peças de beatilhas e beirames que neste reino de Daquem se fazem.

Trazem aqui também mercadorias do Malabar, muito azougue, vermilhão e cobre que compram nas feitorias del-rei nosso senhor, e o quintal de cobre vendem aqui de vinte cruzados para cima, o qual se gasta no sertão, e no reino de Guzarate, do qual lavram em moeda e fazem caldeiras para cozerem o arroz, e também o trazem aqui os portugueses, afora outro muito que vem de Meca.

Deste porto de Diu levam os mouros de Chaul, cada ano, grande soma de peças de beatilhas para toucas, com que tratam para Arábia e Pérsia, onde têm grande valia, e, assim, têm muitos beirames finos e toucas de Roma, as quais três peças de pano se fazem neste reino. Dos beirames se servem muito os naturais da terra e se vestem deles, trazendo-os assim crus; depois que os trazem os curam, fazendo-os muito alvos e gomando-os, e, assim os vendem para muitas partes, e, por isso, se acham às vezes muitos rotos. Também fazem deles, depois de trazidos, capas, ajuntando-os, de dois em dois, e pintando-os em forma de mui boas cores, e, assim, os trazem sobraçados por capas, porque este é o seu trajo, com uma peça de beatilha na cabeça. Estas sortes de panos pendem eles por corjas que, entre eles, é um conto de vinte, como que dizemos dúzia, e a corja dos beirames ou beatilhas vale a dez pardaus, mais ou menos, segundo a bondade deles.

Neste tempo que digo da navegação, se acha aqui muita gente junta, e é como feira, e, acabado, cada um vai fazer seus tratos e aviar-se para a tornada do ano que vem.

Neste lugar está um mouro governador de um senhor, que é vassalo del-rei Daquem e que lhe dá conta de suas rendas e lhas arrecada; chama-se xeque, é grande servidor del-rei nosso senhor, muito amigo dos portugueses, e quantos ao porto vêm são dele mui bem agasalhados.

Aqui está sempre um feitor, posto pelo capitão e feitor de Goa para lhe lá mandar mantimentos, e outras cousas necessárias para as nossas armadas. Os mercadores que aqui vêm tratar no tempo que acima digo, os que são do sertão vêm da terra, e assentam arraial com tudo o que trazem, em um lugar que está de Chaul contra o sertão uma pequena légua. Trazem estes suas mercadorias em mui grandes récuas de bois mansos, com suas albardas, como castelhanas, e, em cima, umas sacas compridas atravessadas, sobre que carregam suas mercadorias, e traz logo um condutor que leva vinte, trinta bois diante de si.

DANDA

Passando este lugar de Chaul, de longo da costa, indo caminho da Índia, está outro lugar também porto de mar e do senhorio Daquem, chamado Danda, onde entram e saiem muitas naus de mouros, guzarates, malabares, como em Chaul.

MANDABA

Deixando este lugar de Danda, ao diante está um rio que chamam Mandaba, onde está outro lugar de mouros e gentios do próprio reino Daquem, também muito bom porto, onde entram muitas naus de muitas partes, que ali vêm comprar pano, principalmente do Malabar, donde se tratam para aqui muitos cocos e arecas que se gastam bem no sertão, e, assim, trazem alguma especiaria, cobre e azougue, que se vende muito bem aqui, aos mercadores do sertão.

DABUL

Indo mais ao diante passando Mandaba para a Índia, ao longo da costa, está um mui formoso rio que, na entrada, tem um grande lugar de mouros e gentios do reino Daquem, que chamam Dabul, e, na boca do rio, tem um baluarte com muita artilharia para sua defensão.

Tem bom porto de mar onde navegam muitas naus de mouros de muitas partes, *scilicet*, de Meca, Adem e Ormuz, que trazem aqui muitos cavalos; e de Cambaia, Diu e Malabar, que continuamente aqui tratam toda a sorte de mercadorias, com muitos e honrados mercadores, que na terra há

mui ricos, mouros e gentios. Aqui se despede grande soma de cobre para o sertão e muito azougue, vermelhão. Do sertão vem pelo rio abaixo soma de panos que as naus carregam, e, assim, muito trigo, grãos e chícharos e outros muitos legumes.

A alfândega daqui rende muito dinheiro, que se arrecada para el-rei por pessoas que ele nela para isso tem.

É o lugar formoso e bem assentado; tem umas casas cobertas de palha e mui formosas mesquitas pelo rio dentro, assim de uma banda como da outra, onde há muitos lugares graciosos.

A terra é muito aproveitada, rica; é grossa de muita lavrança, e criação de gados.

Aqui veio ter uma armada del-rei, nosso senhor, de que era capitão-mor D. Francisco de Almeida, que então era vice-rei na Índia, e desembarcando a gente em terra, os mouros dela se puseram em defensão, e pelejaram mui rijamente com ela, onde morreram muitos mouros e gentios, e tomaram o lugar por força, fazendo neles grande estrago, destruindo e queimando tudo, e, assim, muitas naus que no rio estavam surtas. A gente que deste destroço escapou, tornou a reformar a cidade que agora está povoada e tão próspera como dantes, e rica. Faz quanto mal pode aos nossos.

SINGUIÇAR

Passando este rio de Dabul, indo ao longo da costa caminho de Goa, está um rio que chamam Cinguiçar, que tem dentro um lugar, onde se tratam muitas mercadorias, e entram muitas naus e sambucos pequenos do Malabar a vender o que trazem, e comprar outras da terra. É o lugar povoado de mouros e gentios do mesmo reino Daquem.

O RIO DE BÉTELE E LUGARES

Indo ao diante ao longo da costa para Goa, está outro rio, que chamam de Bétele, dentro do qual vão uns lugares pequenos de muitas e mui graciosas hortas, onde se colhe muita quantidade de bétele, que carregam em pequenos navios e o levam a vender a muitas partes, ao qual bétele nós chamamos fólio índio, que tem a folha tamanha como tanchagem, é quase de sua feição e nasce em uma árvore como hera e também sobe pelas outras árvores, outros há deles enlatados; não dão nenhum fruto, sòmente uma folha muito hemática [1], que em todas as Índias costumam muito comer, assim homens com mulheres, assim de dia como de noite, pelas praças e caminhos, de dia, e até de noite na cama, de maneira que nunca deixam de comer, a qual folha é misturada com uma poma pequena, que chamam areca, e, quando a hão-de comer, primeiro a untam com uma cal molhada que é feita de marisco, de casca de mexilhões e ameijoas; e ajuntadas, assim, estas duas coisas com o bétele, o comem, do qual não levam para baixo mais que o sumo; faz a boca vermelha e os dentes negros. Dizem que é esta folha boa para enxugar e conservar o estômago e miolo; faz deitar muita ventosidade, mata muito a sede, e faz que não bebem com ele. Deste lugar para diante caminho da Índia há muita soma dele, e é uma das principais rendas que os reis índios têm. Os mouros, arábicos e pérsios chamam a este bétele, tambul.

Passando este rio de Bétele, indo pela costa adiante, estão outros lugares pequenos que também são porto de mar e do reino Daquem, onde entram zambucos pequenos do

(1) Nota de Mendo Trigoso: «Talvez quererá dizer aromática».

Malabar a carregar de muito arroz ruim que nele há, e outros legumes aos quais a um chamam Arapatão e ao outro Muruari.

BAMDA

Indo destes lugares ao longo da costa para Goa, está um muito bom lugar que chamam Bamda, povoado de mouros e gentios, em o qual há muitos mercadores que tratam na terra firme com os malabares. A este porto trazem (e assim outras naus de muitas partes por o porto ser muito forte e ter grande saca), da terra firme muitos mantimentos e mercadorias. Carregam aqui as naus do Malabar muito arroz, milho grosso e outros legumes, do que hão muito proveito. Os malabares lhe trazem aqui cocos, pimenta e outra muita especiaria e drogarias, que aqui vendem mui bem. Também vem aqui muitas naus de Adem e Ormuz.

Passando este lugar entre ele e Goa, está outro rio que chamam Bardes, em que estão muitos lugares que não têm nenhum trato.

GOA

Adiante ao longo da costa, está um mui formoso rio, que lança dois braços ao mar, entre os quais se faz uma ilha, em que está a cidade de Goa, que foi de Daquem, e era um senhorio sobre si, com outras terras derredor dela pelo sertão, onde há um gram senhor, vassalo do dito rei, que chamam Sabaio que, por ser muito bom cavaleiro, manso e esforçado na guerra, lhe foi dado este senhorio de Goa, para dali fazer

guerra a el-rei de Narsinga, como sempre fez até morte, pela qual ficou esta cidade ao cabaim hidalcão, seu filho.

É habitada de muitos mouros honrados, muitos deles estrangeiros de muitas partidas. Eram homens brancos, entre os quais, além de muito ricos mercadores que aí havia, eram outros lavradores. A terra por ser muito bom porto, era de grande trato, onde vinham muitas naus de Meca e da cidade de Adem, Ormuz, de Cambaia e do Malabar.

O hidalcão tinha nela um capitão com muita gente de armas que a guardavam, e ninguém não estava na ilha senão por grande regimento e recado.

Tinham também alcaides, escrivães e guardas e registavam todo o homem que entrava, escrevendo-lhe quem e donde era, e quantos sinais tinha, e, assim, deixavam entrar e sair.

É a cidade mui grande, de boas casas, bem cercada de fortes muros, torres e cubelos; ao redor dela muitas hortas e pomares, com muitas formosas árvores e tanques de boa água com mesquitas e casas de oração de gentios. A terra é toda arredor muito aproveitada.

Tinha o hidalcão aqui grande renda assim de terra como de mar, o qual, sabendo o desbarate que o vice-rei D. Francisco de Almeida fizera defronte de Diu nos rumes, como atrás em seu lugar tenho dito, mandou chamar todos os que deles escaparam, os quais deixando Mirocem, seu capitão, no reino de Guzarate, se vieram a Goa. O hidalcão os recebeu muito bem, determinando de lhe dar toda ajuda e socorro que houvessem mister e de os tornar a reformar com ajuda de outros reis mouros e mercadores, para fazerem guerra às nossas gentes.

De maneira que, tendo junto muito dinheiro, começaram a fazer em a ribeira de Goa formosas galés e bergantins, tudo à nossa maneira e feição, assim muita artilharia de ferro e cobre, e toda a outra munição de guerra necessária para o

mar, dando a tudo tamanha pressa, que, em mui pouco tempo, tinham grande parte da frota feita e mui grandes armazens cheios de todo o necessário em grande perfeição, e, com isto, estavam já tão confiados que saiam ao mar em atalaias e fustas aos zambucos que por aí passavam, que levavam seguros de capitaes del-rei nosso senhor e de Afonso de Albuquerque, que então era capitão-mor do mar na Índia, e os tomavam.

Indo isto em muito crescimento, foi disso avisado o dito Afonso de Albuquerque e determinou de os ver e tirar de sua determinação, e, ajuntando mui bem suas naus, caravelas e galiões, entrou dentro no rio, e, combatendo a dita cidade, a tomou por força de armas, no que se passaram muitas e notáveis cousas, que aqui não digo por abreviar, porque não é minha tenção de fazer crónica, mas um breve sumário do que mais na verdade pude alcançar dos notáveis lugares da Índia.

Mas tornando ao propósito: neste recontro morreu muita gente dos da cidade e sua valia, e as naus que se faziam prestes foram delas tomadas, outras muito queimadas. Logo meteu a cidade debaixo do mando e senhorio del-rei nosso senhor, como agora está, fortalecendo-a de mui boas fortalezas e está povoada agora de muitos portugueses, mouros e gentios.

As frutas da terra e mantimentos, rendem cada ano de direitos a el-rei nosso senhor, afora o porto de mar, vinte mil cruzados. Neste porto de Goa há grande trato de muitas mercadorias de todo o Malabar, Chaul e Dabul, do grande reino de Cambaia, que se gastam para a terra firme. Do reino de Ormuz vem aqui cada ano muitas naus carregadas de cavalos, os quais vêm aqui comprar muitos mercadores do grande reino de Narsinga e Daquem, e compram cada um a duzentos e trezentos cruzados e segundo é, e vão-nos a vender aos reis e senhores das suas terras, e, todos, uns e outros, ganham nisso muito e assim el-rei nosso senhor, que de cada cavalo a quarenta cruzados de direitos.

Neste reino de Decão há muitas cidades grandes e muitos lugares e aldeias pela terra dentro, habitadas de mouros e gentios.

É pois muito frutífero e abundante de víveres e de grande tráfico. Os mercadores de Ormuz carregam aqui suas naus de muito arroz, açúcar, ferro, pimenta, gengibre e outras muitas especiarias, drogarias que para lá levam. Em todos estes tratos el-rei nosso senhor os manda tratar mais brandamente do que os reis mouros o faziam. O rei desta terra e de todo o reino Daquem se chama soldão Maamude; é mouro, está sempre em uma cidade que se chama Bider, onde está muito viçoso, levando muito boa vida; não manda no reino, nem faz cousa alguma acerca de seu governo, entregando-o todo para o governarem a certos senhores mouros, a cada um dos quais reparte certas vilas e cidades, e cada um governa as que lhe são por el-rei encarregadas; se algum destes se alevanta contra ele, os outros todos se ajuntam contra este rebelde, e o tornam à obediência del-rei ou o destroem.

Estes governadores muitas vezes têm guerra uns com os outros, trazem muita gente de cavalo, são muito bons archeiros de arcos turqueses, são homens brancos mui bem apessoados, vestem panos delgados de algodão com suas toucas nas cabeças, são homens de diversas partidas e paga-lhe mui bom soldo; falam arábio, pérsio e daquanim que é a língua natural da própria terra.

Os senhores mouros costumam muito trazerem tendas com que assentam arraial nos campos, quando andam caminho ou quando vão combater algum lugar; cavalgam à bastarda, servem-se de zojares, pelejam atados na sela, com uns piques compridos e muito leves, de ferros de uma braça, quadrados e mui fortes; trazem laudeis embastados de algodão, e, muitos deles, saias de malhas; os cavalos mui bem acobertados, com suas testeiras de aço; trazem maças e machadinhas, e, cada um duas espadas e sua adarga, dois ou três

arcos turquescos pendurados da sela, com grandes frechas, de maneira que cada um traz armas para dois homens.

Quando vão pelejar trazem consigo suas mulheres, servem-se de bois de carga em que levam seu fato [1] andando caminho. Muitas vezes têm guerra com el-rei de Narsinga, a quem têm tomados muitos lugares, e ele os vai tornando a cobrar e muito poucas vezes têm paz e muito menos a tinham em vida do sobaio.

Os gentios deste reino Daquem são homens pretos e bons de suas pessoas, os mais deles pelejam a pé, alguns deles a cavalo, mas são poucos, os peões trazem espadas e adargas, arcos e frechas; são mui bons archeiros, seus arcos são compridos à maneira dos de Inglaterra; andam nus da cinta para cima, e, para baixo, cobrem-se; nas cabeças trazem umas touquinhas; comem toda a vianda, tirando carne de vaca, que lho defende sua idolatria, a qual eles guardam muito, mandam, quando morrem, queimar seus corpos, e suas mulheres se queimam vivas, como ao diante falarei tratando do reino de Narsinga .

CINTACORA

Saindo desta cidade ao longo da costa, caminho do Malabar, está um rio que chamam Ligua, que é a divisão do reino Daquem com o de Narsinga, e na boca do rio, em cima de um monte, está uma fortaleza a que chamam Cintacora, que aí tem o sabaio para defensão de sua terra, em que tem conti-

[1] Os bens móveis de uso pessoal.

nuamente muita gente de pé e de cavalo, e aqui se acaba o reino Daquem da banda do norte, que é ao longo da costa até Chaul, e terra desta fortaleza pela costa noventa léguas.

REINO DE NARSINGA NA PROVÍNCIA DE TOLINATE

Passando esta Cintacora, logo a terra de além é do grande reino de Narsinga que é tamanho que tem cinco províncias mui grandes, e, cada uma, língua sobre si. A primeira é ao longo da costa até o Malabar, que chamam Tolinate; outra dentro no sertão que chamam Danseão Raien; outra que parte com o próprio reino de Narsinga, que chamam Telingu, e a própria cidade de Bisnaga que chamam Tanarim, e o reino de Charamandel [1], cuja língua é tamul.

É este reino mui grande, rico e abastado de mantimentos, e mui grossa terra, de muitas criações, e de grandes vilas e lugares e cidades.

Nesta provínca de Tolinate estão alguns rios e lugares de porto de mar, em que há grande navegação e se tratam muitas mercadorias, dos quais começarei aqui a tratar e dalguns deles que se seguem.

MERGEU

Primeiramente está no princípio desta província de Tolinate, um rio mui grande que chamam Mergeu, onde se colhe muita soma de arroz preto muito ruim, que malabares vêm

(1) Coromandel. João Ribeiro (séc. XVII) escreve Xoromandel.

comprar para gente miúda, e o levam em pequenos zambucos, trazendo em retorno cocos, azeite deles e muita jágara, que tudo se gasta muito bem na terra.

HONOR

Adiante passando Mergeu, ao longo da costa, está outro rio em que está um bom lugar que chamam Honor. Os moradores dela são da própria língua da terra, os malabares lhe chamam Poncuarão. Aqui tratam muito os malabares e levam dele muito arroz preto, como do que há em Mergeu, trazem em retorno cocos e azeite deles, jágara e vinho de palma, de tudo em mui grande soma, e cada ano vem a este trato infinitos zambucos, assim grandes como pequenos, porque no Malabar se gasta muito arroz, por ser o seu principal mantimento.

Neste lugar de Honor havia dois corsários gentios, favorecidos do senhor da terra, um chamam Timoja, outro Raogi, cada um tinha cinco e seis naus muito grandes, com muita e bem armada gente, e saindo ao mar tomavam quantas naus achavam por ele, não sendo de Malabar, e as roubavam de quanto levavam, deixando a gente viva. Do roubo partiam [1] com o senhor da terra por lho consentir, e disto viviam, estando mui ricos e arreigados na terra.

Eram naturais do reino Daquem, donde se vieram a este lugar, por não estarem sujeitos entre os mouros, os quais se desfizeram, e não ousaram mais andar daquela maneira depois que as armadas del-rei nosso senhor navegaram pelas partes da Índia.

(1) Repartiam.

BATICALA

Indo mais ao diante ao longo da costa, passando o rio de Honor, está outro rio não muito grande, que tem um bom lugar que chamam Baticala, de mui grande trato de muitas mercadorias.

É povoado de mouros e gentios, que todos são mui grandes mercadores.

A este porto vem cada ano muitas naus de Ormuz, carregar de muito arroz branco, açúcar em pó, que a terra dá em muita abastança, e não o sabem fazer em pães, antes assim em pó o enfardelam em uns fardos pequenos, a arroba do qual vale a duzentos e quarenta réis, pouco mais ou menos; e, assim, carregam muito ferro, de maneira que estas três sortes de mercadorias são a principal carregação que aqui tomam, e depois alguma pimenta, especiaria que os malabares aqui trazem da Índia. Há neste lugar muitos e bons miramulanos, e fazem alguns deles em conserva, para venderem aos mouros da Arábia e Pérsia, que os compram muito bem.

Estas naus de Ormuz que, como digo, vêm aqui cada ano, trazem muitos cavalos e muitas pérolas, que aqui vendem para o reino de Narsinga; agora por causa da nossa gente, os levam a Goa com outras mercadorias.

Aqui vêm também a este porto carregar de especiarias algumas naus de mouros de Meca, aventurando-se, sem embargo de ser defeso pelas ordenações e regimento de nossas gentes.

Os zambucos do Malabar vêm carregar aqui cada ano de ferro e açúcar, trazendo muito açúcar, cocos, azeite deles e vinho de palmeiras, muita pimenta e alguma outra drogaria, que levam escondida mui secretamente e outra com licença dos captães das fortalezas nossas.

É este lugar mui rico, rende grande soma de dinheiro a el-rei e ao governador que nele tem posto que chamam Da-

machate, que é um mouro mui rico de grande dinheiro e grande pedraria e mui formosa. El-rei de Narsinga o tem dado a um seu sobrinho, com outros muitos ao redor dele, que é gram senhor e traz mui grande casa, chama-se Reimas, obedece em tudo ao de Narsinga seu tio, e, na terra, obedecem tanto ao governador como a ele.

Usam-se aqui muitos desafios e por qualquer cousa os aceitam, e el-rei lhes dá para isso licença, e nomeiam os desafiados o dia em que ha-de ser, e as armas que hão-de levar hão-de ser por medida, tão comprida de um como do outro. El-rei lhes dá padrinhos e campo, e dado eles vão nus, sòmente cobertos da cinta para baixo com uns panos, muito encachados [1], com mui alegre rosto; e, fazendo primeiro sua oração, se começam a ferir, e, como vão nus em poucos golpes se acabam em presença del-rei e de toda a corte, e ninguém lhes pode falar ao tempo de ferir, senão os padrinhos que cada um está a par do seu, e é isto tão acostumado entre eles que cada dia se matam.

Aqui se soiam pagar páreas a el-rei nosso senhor; de pouco tempo para cá não pagam, antes nos fazem o dano que podem. Está este lugar assentado em uma terra chã, bem povoado e arruado, mas não é cercado; tem derredor muito boas hortas e graciosos pomares e boas águas.

Correm nele os pardaus, que é a moeda de ouro do reino, e valem aqui a trezentos e vinte réis. Seus pesos grandes são baharès que pesa cada um quatro quintais, como já disse.

Além das mercadorias que acima digo que se aqui tratam, se gasta também muito cobre, que daqui levam para o sertão, para moedas e caldeiras, e outros vasos de que a gente da terra se serve; vende-se aqui também muito azougue, vermelhão, coral, pedra-ume, marfim, que aqui há muito.

---

[1] À maneira de encachos, tangas.

MAJANDUR

Mais ao diante ao longo da costa, caminho do Malabar, está outro rio pequeno em que está um bom lugar chamado Majandur, e é do senhorio de Baticala, onde se colhe grande quantidade de muito bom arroz, daqui vai quási tudo o que se carrega em Baticala.

De redor deste lugar o semeiam em vales e várzeas alagadiças, porque em água se semeia, e nela se colhe.

Lavram a terra com bois e búfaros à nossa maneira, de dois em dois, e o ferro do arado tem um vão em que leva o arroz, quando a terra está alagada, e, indo o ferro lavrando, vai o arroz ficando debaixo da água e terra; na que está enxuta o semeiam à mão, e cada ano dá esta terra duas novidades, o primeiro é giracal, e é melhor, o segundo é chamado acal, ao outro chamam cavagas, o outro pachari e cada um tem muito diferente preço.

BACANOR E BRACALOR

Indo mais ao diante, passando Majandur, ao longo da costa, estão dois rios pequenos, em que estão dois lugares, a um chamam Bacanor e a outro Bracalor, que são do reino de Narsinga, nesta província de Tolinate.

Há neles muito bom arroz, que se cria derredor deles, e se carregam dele muitas naus de fora e muitas do Malabar, e levam-no depois de debulhado e limpo, metido em fardos da própria palha dele. Todos são de uma medida, leva cada um quatro alqueires e meio e vale cada um cento e cinquenta, e duzentos réis, segundo a qualidade do arroz. Muita soma dele se leva também daqui para Ormuz, Adem, Xaer, Cananor, Calecut a troco de cobre e cocos, azeite deles e jágara,

mas no Malabar se gasta mais dele que em nenhuma parte, por os malabares não terem outro mantimento, e posto que a terra é pequena, é tão povoada e cheia de gente, que bem podíamos dizer tudo uma cidade, do monte Deli até Coulão.

MANGALOR

Passados os dois lugares sobreditos, acha-se um rio grande e muito formoso que desagua no mar, e, junto à costa para o Meio-dia está um lugar muito grande, povoado de mouros e gentios do dito reino de Narsinga, o qual tem por nome Mangalor, e nele se carregam muitos navios de arroz preto que é melhor e mais sadio que não o branco, para vender no país do Malabar à gente baixa, que o tem por preço mais cómodo. Carrega-se igualmente o dito arroz em muitos navios de mouros para Adem, e, em as terras, daqui por diante, principia a produzir-se alguma pimenta, porém pouca, mas melhor do que a outra, isto é, do que aquela que aqui trazem os malabares em pequenas barcas.

Este rio é muito ameno e belo, cheio de bosques de palmeiras, de cocos e muito habitado por gentios e mouros, com edifícios sumptuosos e muitas casas de oração de gentios muito grandes e ricas. Tem também muitas mesquitas em honra do seu Mafoma.

CUMBOLA

Ao longo da costa, caminho do Malabar, está outro lugar deste próprio reino e província, que chamam Cumbola.

Colhe-se nele muita quantidade de arroz preto muito ruim, que os malabares vêm comprar e carregar em zambucos, para vender à gente miúda que o compram bem, e eles ga-

nham nele muito por ser muito barato, e se ganha nele mais que no bom. Também levam soma dele para as ilhas de Maldiva, que estão através do Malabar, por os moradores delas serem mouros pobres, e folgarem mais com ele preto por ser de mais baixa valia, que com o branco; dão-lho a troca de cairo, que é um fio para fazer calabres e cordoalha, que se faz de cascas de cocos e aqui se faz muito, e é mui certa mercadoria para todas as partes.

Este lugar de Cumbola tem um senhor que o manda e governa, posto por el-rei de Narsinga, e está fronteiro com o reino de Canamor, e aqui se acaba o reino de Narsinga pela costa da província de Tolinate.

DO PRÓPRIO REINO DE NARSINGA E SUA GRANDEZA

Indo mais ao longo da costa, entrando para o sertão, a quinze ou vinte léguas do mar, está uma terra mui alta e fragosa de subir, que vai dês o começo do reino de Narsinga até o cabo de Comorim, que é além da terra do Malabar, e aqui pela terra de Tolinate ficam muitas terras baixas entre a serra e o mar, e dizem os mouros daqui que, antigamente, o mar chegava a esta serra, e este baixo era todo coberto dele, e que depois foi por tempo correndo, e descobriu esta terra em que eles vivem, e, ainda agora, ao longo da serra aparecem muitos sinais de marisco e doutras coisas de mar, como se ele em algum tempo ali chegasse.

Desta serra por diante, para trás, é a terra muito chã e igual, e desta outra banda é tão áspera a subida, que parece ir-se ao céu, e, tão fragosa, que não podem as gentes passar senão por alguns lugares e portos, e, por esta razão, estão os reis do Malabar tão isentos que, se não fora o empedimento desta serra, el-rei de Narsinga os tivera já tomados, porque a terra do Malabar fica desta serra para o mar, e, por isso não podem passar a ele. Cria-se nela muita madeira e muitas alimárias monteses, *silicet*, porcos, veados, onças, leopardos, tigres e ursos; há também umas alimárias cinzentas que parecem camelos, tão ligeiras que ninguém as pode matar. Há outro-sim umas cobras que voam e tão peçonhentas que o bafo e vista delas mata a quem quer que a elas chega, e estas andam pousando por árvores e por onde querem; e há também muitos elefantes bravos.

Acha-se também aqui muita pedraria, jagonças, amatistas e umas safiras moles que se acham entre ribeiras e rios que por esta serra correm, que é muito povoada de rios.

Tem este reino de Narsinga mui grandes cidades, vilas e lugares e fortalezas.

É a terra de mui grandes lavouras, de arroz, grãos, feijões e outros legumes. Há também grande criação de cabras, vacas e ovelhas, e há também muitas facas [1], pequenas, que andam muito, e asnos e bois, dos quais todos se servem de carrego e para fazerem suas lavouras. Todos estes lugares e povoações são de gentios entre quem vivem alguns mouros.

Aqui há muitos lugares de senhores que os têm por el-rei de Narsinga, o qual nos seus tem postos governadores e arrecadadores seus e de seus direitos.

A GRANDE CIDADE DE BISNAGA

A quarenta léguas desta terra para dentro, contra o sertão, está uma mui grande cidade que chamam Bisnaga povoada de muita infinda gente, cercada de mui bons muros e de um rio, da outra banda de uma grande serra.

---

[1] Cavalos pequenos e membrudos.

Está assentada em uma terra mui chã e nela está sempre o rei de Narsinga, que é gentio e chama-se Raien; aqui tem uns grandes e formosos paços em que sempre se aposenta, de muitos pátios e grandes casas mui bem lavradas, dentro grandes terreiros, muitos tanques de água, em que se criam muitos peixes. Tem jardins de muitas árvores e cheirosas ervas.

Pela cidade há também alguns paços assim à maneira destes, em que vivem grandes senhores e governadores da cidade. As outras casas da povoação são cobertas de palha, mas, nem por isso, deixam de ser muito bem concertadas e arruadas de mui compridas ruas e de grandes praças, e continuadamente é aqui a gente tanta que não cabe pelas ruas e praças.

Há grande trato de muitos infinitos mercadores e grossos, assim dos estantes [1] e que vivem na cidade e são dela naturais, como dos que a isso vêm de fora, e dá-lhes el-rei tanta liberdade, que todos podem entrar e sair e viver em sua lei, sem lhe ser feito nenhum nojo, sem lhe tomarem conta se é cristão, se judeu, se mouro e gentio. Aqui lhes é a todos guardada muita verdade e justiça, assim uns aos outros, como pelos governadores.

Há aqui uma mina de diamantes, como a do reino Daquem, de que se tiram muitos e bons. De Pegú e Ceilão lhe trazem aqui a vender toda outra pedraria, e de Ormuz lhe trazem muito aljôfar e pérolas, e corre esta pedraria mais aqui que em outra nenhuma parte, porque entre eles é mui estimada.

Também se gasta nesta cidade soma de brocados baixos que lá vão vender da China, com metal lavrado e por lavrar, muito cobre, azougue, vermelhão, açafrão, águas-rosadas, soma de anfião, sândalo, lenho aloés, cânfora, almíscar (de

(1) Que têm residência fixa.

que se aqui gasta cada ano muita quantidade, porque se costumam eles untarem-se com ele) e outros materiais cheirosos.

Também se gasta nesta cidade e por todas as outras partes do reino, muita pimenta, que vem aqui ter do Malabar em bois e asnos; tudo isto se compra e vende por pardaus [1], que neste reino se fazem em alguns lugares dele, principalmente em uma cidade que chamam Hora, donde eles lhe chamam horãos, cuja valia e feições em muitos lugares atrás fica declarada; são os daqui muito verdadeiros e nunca nenhum se achou falso, nem se acha, e dos outros muitos.

Mui poucas vezes sai el-rei fora desta cidade, vive nela mui viçosamente sem nenhum trabalho, porque descarrega toda a governança do reino sobre uns governadores. Os próprios naturais da terra são gentios como ele, são homens baços quase brancos, de cabelos compridos, corredios e pretos; são homens de boas estaturas quase das nossas fisionomias, suas mulheres andam mui bem ataviadas.

Os homens andam vestidos de uns panos da cinta para baixo, com muitas voltas, mui bem apertados; trazem umas camisas curtas de pano branco de algodão ou seda ou brocadilho que lhe dão pelo meio das coxas, e abertas por diante com umas touquinhas na cabeça e deles com uns barretes de seda ou brocado, com suas abarcas nos pés; trazem outros panos grandes sobraçados à maneira de capas; trazem pagens detrás com suas espadas nas mãos. Os materiais com que sempre andam untados são sândalo branco, aloés, cânfora, almíscar e açafrão, tudo muído e diluído em água rosada, e untam-se com eles depois de banhados, e, assim, andam sempre muito

(1) Nota de Mendo Trigoso: «Estes pardaus, diz a tradução, valem trezentos maravedis, e o ouro é baixo, e a forma da moeda redonda, algumas têm de um lado letras indianas, e do outro duas figuras, uma de homem, outra de mulher, outras finalmente não têm senão letras de um lado».

cheirosos; trazem muitos aneis de rica pedraria e muitas joias nas orelhas de finas pérolas. Além do pagem que digo que trazem com uma espada, trazem outro com um sombreiro de pé, que lhe faz sombra, e lhe tolhe a chuva, e destes são alguns de panos de seda mui bem lavrados, de muitos pendentes de ouro, com muita pedraria e aljôfar, são feitos de tal maneira que se abrem e cerram; muitos deles fazem de custo trezentos e quatrocentos cruzados.

As mulheres trazem uns panos brancos de algodão muito delgado ou de seda de boas cores, e de cinco varas em comprido, parte dele cinge da cinta para baixo, e a outra volta, lançam-na por cima de um hombro, e pelos peitos, de maneira que um braço e hombro lhe fica de fora, à maneira de regacho; calçam abarcas de couro lavradas muito bem de sedas, trazem as cabeças descobertas, e os cabelos apertados, e feitos deles uma formosa trunfa que lhes fica em cima da cabeça, e por elas metidas muitas e cheirosas flores.

Trazem em uma das ventas dos narizes um pequeno buraco, e, por ele, metido um fio de ouro, com uma pendente de uma pérola, safira ou rubi; também trazem as orelhas furadas com orelheiras de ouro nelas, com muita pedraria; ao pescoço uns colarinhos de ouro e pedraria, justos nos braços muitos braceletes de ouro e pedraria, e mui boas contas de coral, assim que pela maior parte é gente mui rica.

Ensinam as mulheres de meninas a cantar, tanger, bailar e voltear, e fazer muitas ligeirezas. São mui formosas mulheres e de grande presunção.

O rei e gentes da terra casam quase à nossa maneira, e têm lei de casamento, porém casam com muitas mulheres, principalmente os grandes que as podem manter; tem el-rei nos paços aqui consigo muitas mulheres recebidas [1], filhas de

[1] Adoptadas.

grandes senhores do reino, e, além destas tem outras como mancebas e outras como servidoras, para o que são escolhidas pelo reino as mais formosas e sãs, que limpamente o possam servir, porque todo seu serviço é de mulheres, e elas o servem em tudo das portas para dentro, e elas têm todos os ofícios de sua casa, e todas se recolhem dentro nos paços, onde são abastadas de quantas cousas hão mister, e têm muito bons aposentos; estas tangem e cantam e fazem mil prazeres com isso a el-rei; banham-se todas cada dia em muitos tanques que ele, como atrás disse, tem; el-rei as vai ver ao banhar, e, a que lhe melhor parece, manda levar para sua câmara; o primeiro filho que há, quer seja de uma quer de outra, herda o reino. Há tamanha inveja e competimento entre estas mulheres, sobre a privança del-rei, que se matam umas às outras, e outras a si mesmas com peçonha.

Tem o dito rei uma casa como relação, em que certos dias está com seus governadores e oficiais, entendendo nos despachos e governança do reino; castiga mui asperamente quem o merece, e aos bons faz muitas honras e mercês. Achando algum grande senhor ou seu parente culpado em algum delito, manda-o chamar, e, como eles, todos trazem mui grandes estados, vêm em ricos andores que lhe trazem seus vassalos, com muitos cavalos a destro [1], e com muita gente de cavalo, e descido à porta do paço, vão dizer dele a el-rei, que o manda, e, não lhe dando de seu erro justa desculpa, castiga-o de palavra mui bem segundo merece, e além disso lhe tira a metade da renda que tem, e nem por isso o deixa de mandar tão honradamente como veio para sua pousada. E assim estão sempre à porta do paço muitos andores e gente de cavalo.

Este rei de Narsinga tem continuamente mais de nove-

[1] Desmontados, a utilizar em caso de necessidade.

centos elefantes, que compra a mil e quinhentos cruzados, e a dois mil cada um, que são mui grandes e formosos, os quais ele continuadamente traz consigo assim por estado como para guerra, e, assim, de vinte mil cavalos para cima, que cada um lhe custa de quatrocentos até seiscentos cruzados, e alguns que são escolhidos para a sua pessoa compra a novecentos e a mil cruzados.

Estes cavalos se repartem por grandes senhores, a quem os del-rei dá para os terem de sua mão, e a todo o tempo lhe darem conta deles, e assim os dá a outros fidalgos. Aos cavaleiros manda dar a cada um um cavalo, para sua pessoa, e um moço e escrava para o servirem, e quatro e cinco pardaus cada mês segundo é, e mais mantimento cada dia para o cavalo e moço, o qual vão buscar a umas cozinhas grandes, onde el-rei manda dar de comer aos elefantes e cavalos, os quais são em muitas e mui grandes casas, onde há muitas somas de grandes caldeiras de cobre e há nelas muitos oficiais que mandam fazer de comer e muitos mais que o fazem, que é arroz cozido com muitos grãos e outros legumes, e, cada um, como digo, manda ali pela ração ao seu cavalo ou elefante.

Se algum cavalo ou elefante destes vê que medram bem, na mão daquele a que foi entregue, tomam-lhe aquele e dão-lhe outro pior, e, assim, cada um por ter bom cavalo ou elefante, pensa-os [1] muito bem, e outro tanto como isto fazem os grandes senhores a seus vassalos. Os cavalos não se dão nesta terra bem, antes vivem nela muito pouco tempo, e estes que aqui há vêm do reino de Ormuz e Cambaia, e pela muita necessidade que deles têm valem aqui muito.

Tem entre cavaleiros e peões este rei de Narsinga mais de cem mil homens de guerra a que continuamente paga soldo,

(1) Trata do seu sustento, limpeza e saude.

e cinco ou seis mil mulheres a que também o paga para andarem em sua corte, e onde quer que há guerras reparte-as segundo a gente que lá manda, e diz que se não pode fazer guerra onde não houver mulheres, as quais todas são solteiras e mui grandes músicas, bailadoras e volteadoras, o que fazem mui desenvoltamente.

Os oficiais da guerra quando para ela assentam algum homem, despem-no nu, e olham-lhe quão comprido [1] é, e como o nome e a terra onde nasceu, e o nome de seu pai e mãi, e, desta maneira, fica assentado, sem nunca mais lhe quererem dar licença para se ir a sua terra, e se acontece ir-se sem licença, e depois o tomam é muito maltratado; e, entre estes homens de armas há muitos cavaleiros que vêm assoldadados de diferentes reinos, os quais nem por isso deixam de viver na sua lei.

Neste reino de Narsinga há três leis de gentios, que cada uma delas tem muita diferença de lei sôbre si, e outro-sim os costumes deles são mui desviados uns dos outros, principalmente os dos reis, grandes senhores e cavaleiros e homens de armas, que podem casar, como já disse, com quantas mulheres quiserem e poderem manter. Seus filhos herdam suas fazendas.

As mulheres são obrigadas por mui antigo costume, quando os maridos morrem queimarem-se vivas com os seus corpos deles, que também se queimam, e isto por lhe fazerem honra, e se a tal mulher é baixa e pobre, quando o marido morre, vai com ele ao campo onde o queimam, que é em uma cova que fazem muito grande, em que arde soma de lenha, e depois do corpo morto do marido ser deitado dentro, e começando de se queimar, por sua própria vontade, se lança no meio da dita fogueira, onde ambos os corpos se fazem em cinza.

(1) Completo.

Porém, se ela é mulher honrada, rica, e aparentada, quer seja moça, quer velha, quando o marido morre, vai com o dito corpo do marido ao dito campo onde se há-de queimar, pranteando-o, onde fazem uma mui grande cova redonda e mui larga, que enchem de lenha com muito sândalo, e, depois de a acenderem, metem o corpo morto do homem dentro no fogo, e, ali, se queima, e ela o chora muito; então querendo fazer honra a seu marido, tem chamados todos seus parentes dele e dela, para que em tal acto a venham festejar e honrar, os quais se ajuntam todos no dito campo para este prazo, onde ela despende, com eles e com seus parentes e amigos, tudo o que tem, em muitas festas de tanger e cantar e bailar e em muitos banquetes. Então se veste ela mui ricamente com quantas joias tem, e, a mais fazenda que lhe fica, reparte com seus filhos, parentes e amigos, e, assim, arraiada sobe para cima de um cavalo, que será ruço pombo, se for possível, para que melhor seja vista de todo o povo. E, em cima dele, a levam por toda a cidade com muita festa, até tornarem ao próprio lugar onde o marido se queimou, e na própria cova lhe lançam muita quantidade de lenha, e fazem grande fogueira na borda da cova; arredado um pouco fazem um cadafalso de madeira de quatro ou cinco degraus, onde a sobem assim da maneira que está, e, tanto que é em cima, dá por ele três voltas, adorando contra o nascimento do sol. E, acabado isto, chama os filhos, parentes e amigos e a cada um dá sua joia, que consigo tem muitas, e assim todas as outras peças e vestido, até lhe não ficar mais que um pequeno pano com que se cobre da cinta para baixo, e tudo isto faz e diz tão segura e com tão bom rosto, como se não houvesse de morrer. Então diz aos homens assim de cima do cadafalso que olhem quanto devem a suas mulheres que, estando em suas liberdades, se queimam vivas por amor deles, e às mulheres diz que vejam quanto devem a seus maridos, que daquela maneira os hão-de acompanhar até morte; e, como isto acaba de dizer,

metem-lhe na mão um cântaro cheio de azeite, e ela o põe na cabeça, e dando com ele outras três voltas no cadafalso, torna a adorar contra o nascimento do sol, lançando logo o cântaro de azeite na fogueira, após o qual se lança de tão boa vontade, como se se lançasse em um pouco de algodão, onde não houvesse de receber dano. Os parentes lhe acodem logo e deitam no fogo muitos cântaros de azeite e manteiga, que para isso têm prestes, e após eles muita lenha, e com isso se alevanta tamanha lavareda que não vêem mais.

A cinza que destas cerimónias fica, se lança em rios correntes, o que eles usam geralmente sem nenhum pejo, por cousa mui acostumada, e as que o não fazem têm-no por mui grande desonra, e seus parentes lhe rapam as cabeças e as deitam fora por mui envergonhadas e corridas de sua linhagem, e a algumas que por não fazerem, querem dar algum favor, metem-nas sendo moças ainda em uma casa de oração para nela por seu corpo ganharem para a dita casa. Destes templos há muitos que têm logo destas mulheres cento e mais fidalgas, e algumas solteiras se metem aqui também por suas vontades, as quais são obrigadas a tanger e cantar diante dos ídolos certas horas do dia, e o mais do tempo que lhes fica ganham para eles.

É este abominável uso, do queimar, tão acostumado e honroso entre eles que quando el-rei morre se queimam com ele quatrocentas e quinhentas mulheres da própria maneira, para o que fazem a cova e a fogueira tamanha, que possam nela caber quantas nela se quiserem deitar, e para isso têm, assim, prestes em muita abastança lenha de sândalo, águila, brasil, aloés e muita soma de óleo de gergelim, e manteiga para fazer melhor arder o fogo. Destas mulheres umas se lançam subitamente, estando el-rei ardendo, outras com as cerimónias que já disse, e é tanta a pressa a quem se com ele queimará que é cousa espantosa, e também se queimam com ele muitos homens seus privados. Estes comem carnes e pes-

cados e outras viandas (1), sòmente (2) vaca, que lho defende sua idolatria preversa.

Há entre eles outra lei de gentes que chamam bramenes que são sacerdotes e governadores de suas casas de oração. Estes não comem coisa que sinta morte, casam com uma só mulher, se esta lhe morre nunca mais casam.

Trazem a tiracolo três fios de linhas em sinal da sua dignidade, têm entre todos grande liberdade e isenção, não podem morrer por coisa nenhuma que façam. Os reis e grandes senhores e gente honrada lhe fazem grossas esmolas de que se mantêm, e, muitos deles, têm fazendas, outros vivem nestas casas de oração à maneira de mosteiros, que têm mui boas rendas. Alguns são mui grandes corredores, e por al não trabalham senão para comer bem, e logo andam seis jornadas, só por levarem uma boa fartadega; seus comeres são mel e manteiga, arroz, açúcar e manjares de legumes e leites.

Há neste próprio reino outra lei de gente quase como bramenes. Trazem ao pescoço uns cordões de retrós branco, em que trazem dependurado um pano com uma pedra tamanha como um ovo, que eles dizem ser o seu deus. Também estes são entre eles mui acatados e honrados, nem lhe fazem nenhum mal por coisa que façam por reverência daquela pedra a que eles chamam tambarane.

Estes também não comem carnes, nem pescados, andam mui seguros por todas as partes, passando, de uns reinos a outros, mercadorias, e por lhe não serem roubados quando as conduzem, devem levar os seus tambaranes presos ao pescoço, e, muitos deles, são mercadores.

Tratam também e casam com uma só mulher, a qual, morrendo eles, se enterra viva, e fazendo uma grande cova, tão comprida que lhe dê pelo pescoço, metem-na dentro viva

(1) Alimentos.

(2) Excepto.

e em pé, e começam a juntar terra derredor dela, calcando-a aos pés, até a tugirem (1) de terra bem calcada até o pescoço, e então lhe põem uma grande pedra em cima, e ali fica viva morrendo taipada, fazendo-lhe outras grandes cerimónias, que seriam longas de escrever, coisa miserável e lastimosa, e que faz ver quanta força tem neste mundo a ambição e a opinião que conduz voluntàriamente estas mulheres a um tão horrível fim, sòmente para serem reputadas como mulheres honestas, julgando que faltassem a esta obrigação seriam reputadas como mortas (2).

As mulheres deste reino são tão atrevidas em idolatria, que fazem tantas maravilhas por amor dos seus deuses, que é cousa espantosa. Se alguma moça solteira se deseja casar com algum mancebo que lhe cai em vontade, fazem voto a seu deus, que, dando-lhe maneira para se com ele casar, que antes que se entregue ao esposo lhe fará um grande serviço, e se esse desejo vem a efeito, ela alcança-o por marido, diz-lhe que antes que se entregue há-de fazer um sacrifício a tal deus, que lhe tem prometido que há-de ser, oferecer-lhe seu sangue. Então limitando dia para fazer tal festa, tomam uma carreta grande com bois, e arrimam nela uma picota alta, à maneira de umas com que em Castela tiram água dos poços, na ponta da qual picota vão dois ganchos de ferro bem agudos.

Ela sai aquele dia de casa honradamente acompanhada de seus parentes, amigos, homens e mulheres, com muita

(1) Taparem.

(2) O costume das mulheres acompanharem os homens na morte recebeu o nome de sati; foi abolido por Afonso de Albuquerque em Goa, e pelos ingleses, nos territórios sob a sua dependência, no século XIX. Liga-se esta determinação, começada a efectuar em 1829, ao governador geral lord Bentinck; encontrou resistência nas próprias mulheres que, durante muito tempo, iludiram a vigilância oficial. A abolição estendeu-se seguidamente aos Estados independentes e feudatários.

música de tanger e cantar e bailados, chocarreiros diante, da cinta para cima nua, e para baixo apertada com seus panos de algodão, e, chegando à sua porta, onde está a carreta prestes, abaixam a picota e metem-lhe aqueles ganchos pelos lombos por entre o couro e carne, e, metendo-lhe na mão esquerda uma adarga pequena, fazem da outra alevantar a picota, com muitos clamores e brados da gente, ficando ela dependurada na picota.

Vai-lhe o sangue correndo pelas pernas abaixo, de que ela não mostra nenhuma dor, antes vai mui leda esgrimindo com a adarga, tirando com limões ao esposo, e, desta maneira a levam ao templo onde está o ídolo a quem ela votou tal sacrifício, e, chegando à porta dele, descem-na e curando-a a entregam a seu esposo, dando ela, segundo sua pessoa, grandes dádivas e esmolas aos bramenes e ídolos, mui bem de comer a quantos a acompanharam.

Usa-se também neste reino outra idolatria que, muitas mulheres por devoção, oferecem as virgindades das suas filhas a um ídolo, e como elas são de idade de doze anos, levam-nas ao mosteiro ou casa de oração, onde o tal ídolo está, mui honradamente acompanhadas de todos seus parentes, festejando a filha como se casasse.

Fora do mosteiro ou igreja, à porta, está um poio [1] de uma pedra preta muito rija, quadrada, e será de altura de um homem, derredor há umas grades de pau que o fecham, metidos por elas muitos candeeiros de azeite que ardem de noite, as quais grades elas armam para esta cerimónia com muitos panos de seda, por ficarem fechados, a gente de fora as não poderem ver; sobre o dito poio está outra pedra de altura de um homem curvado que tem no meio um buraco onde está metido um pau muito agudo, e a mãe da moça se mete dentro

[1] Assento.

das grades com a filha e com algumas mulheres suas parentes.

Depois de feitas grandes cerimónias, de que não tenho muita informação, por se fazerem ali fechadas, a moça com aquele pau perde a sua virgindade, derramando-a sobre aquelas pedras, e, com isto, acabam sua idolatria.

Este rei de Narsinga tem muitas vezes guerra com el-rei Daquem, e com el-rei de Otisa, que é outro rei de gentios, e ele é também metido dentro pelo sertão, os quais se fazem uns aos outros o mal que podem.

O de Narsinga poucas vezes anda na guerra em pessoa, senão manda seus capitães e gente, e, quando ela vem a tal estado que ele lhe parece necessário ir lá em pessoa, e depois de em seu conselho se determinar que vá, em um dia para isso assinado, sai el-rei a um campo, como se fosse a folgar vai em elefante ou em um andor, cada um mui bem guarnecido de ouro e pedraria, acompanhado de muita gente de cavalo e pé, e muitos elefantes adestra diante de si, mui bem concertados e cobertos de panos de grã e seda.

Andando ele neste campo lhe dão um cavalo em que cavalga com um arco e uma frecha na mão, a qual frecha ele tira contra o reino onde há-de ir pelejar, nomeando logo dali a quantos dias há-de partir.

Disto corre logo a nova por toda a cidade e reino, da qual se ele logo sai, assentando seu arraial no campo, onde está esperando o prazo que para sua partida limitou; o qual cumprido, manda lançar um pregão, que se façam prestes com suas mulheres e filhos e fazenda, e todos manda assim lá ir, porque diz que com a obrigação de mulher e filhos e fazenda pelejarão melhor, e a todos paga mui bom soldo, principalmente às mulheres solteiras de que levam grande quantidade, que são deles mulheres mui honradas e principais, ricas e formosas, por cuja causa os que com elas andam de amores pelejam por seu serviço melhor, e dizem que de mui-

tos reinos concorre ali grande multidão de homens por causa destas mesmas mulheres.

Há entre estas muitas mui privadas del-rei, e que trazem mui grande casa por terem muito dinheiro; cada uma destas principais traz em sua casa cinco ou seis mulheres moças formosas, que lhe suas mães dão para as criarem, e trazem sempre consigo na corte, assentadas em mui bom soldo, que eles hão entre si por mui grande honra. Há destas tão ricas, que muito pouco tempo há que morrem uma sem ter filho nem filha, e, por sua morte, deixou a el-rei por herdeiro de toda sua fazenda.

Ela morta mandou el-rei arrecadar tudo o que lhe ficasse e achou que lhe ficavam setenta mil pardaus, além de doze mil que ela em sua vida apartou e deixou a uma sua criada que ela criara de pequena; e isto não é muita maravilha, que é mui grande e mais rico de mercadoria que se acha no mundo, e tem mui grandes cidades, onde vivem muitos mercadores mouros e gentios de muito dinheiro e grosso trato, principalmente de pedraria, que neste reino é mui estimada, e de que nele se honram muito. El-rei tem mui rico tesouro dela, e preza-se muito disso, por onde quer que sabe que está alguma pedra, manda buscá-la, porque diz que o que deu por ela, isso lhe fica em preço por ser sua.

Quando a pessoa do rei abala, não vão menos com ela de cem mil homens de guerra, e o seu modo de caminhar é, que não andam cada dia senão três léguas, as quais andadas, assentam seu arraial mui grande, e logo ali nele é armada uma grande vila de palha, mui bem arruadas as casas, e com muitas praças; e ali hão-de estar três dias, de maneira que em cada três léguas gastam três dias, e, quando hão-de partir, tocam uma bacia, e logo é posto fogo à vila e todos partem. Assim, desta maneira e ordem, vão até chegarem ao lugar onde hão ir.

REINO DE OTISA

Indo mais adiante contra o sertão, está outro reino que confina com o de Narsinga, e doutra parte com Bengala, e doutra com o gram reino de Deli, o qual reino é de gentios. O rei dele é mouro e senhor de muita gente de pé, como já disse. Tem muitas vezes guerra com o de Narsinga, e tomam um ao outro as terras que podem, e poucas vezes estão em paz.

Os costumes destas gentes e suas povoações não escrevo por não termos dele tanta informação, por estar tão metido no sertão, sòmente que nesta terra há mui poucos mouros, e são mui bons homens de guerra.

REINO DE DELI

Entrando mais ao diante contra o sertão, está um mui grande reino que chamam Deli, de muitas terras e cidades grandes e ricas, onde vivem grossos mercadores.

É povoado de mouros e el-rei, outro-sim, é mouro e mui gram senhor. Foi o reino em outro tempo de gentios, e, ainda entre eles agora, há alguns que vivem mui atribuladamente, e, muitos deles que são homens fidalgos e honrados, por não viverem debaixo da sujeição dos mouros, os mais deles se saiem da terra, e tomando hábitos pobres determinam de andarem por todo o mundo, e não assentarem em nenhum lugar, e, assim, o fazem até que nesta peregrinação morrem. Estes não têm nada de seu, porque a fazenda que tinham perderam-na; andam nus e descalços, nem trazem nenhuma coisa na cabeça, sòmente cobrem suas vergonhas com uns tangueiros de latão mourisco, de que trazem uns cintos de

muita peças e jogam de ambas as bandas, de largura de quatro dedos, envasados em forma, com muitas figuras neles esculpidas, e trazem-nos tão apertados que lhe fazem subir as tripas mui acima, e, nestes cantos andam os bragueiros pegados, onde vêm fechar com seus fechos, tudo tão apertado que lhe dá grande pena, e, além disto, trazem mui grossas cadeias de ferro pelo pescoço e cinta.

Os corpos e rostos trazem untados de cinza, trazem mais um cornete pequeno ou buzina, com os quais, onde quer que chegam, chamam e pedem de comer, principalmente nas casas de oração e de reis ou grandes senhores. Andam estes pela maior parte juntos como os egiptanos [1] em nossas partes, nem costumam estarem muito em qualquer parte, antes mui poucos dias.

Estes chamam jones [2] ou coamerques, quer dizer tanto como servidor de Deus. São estes gentios homens baços, mui bem dispostos e apessoados, e gentis homens dos rostos; nunca penteiam os cabelos, trazem-nos feitos em tranças.

Eu lhes perguntei muitas vezes porque andavam assim, eles me respondiam que traziam aquelas cadeias de ferro sempre sobre si, em penitência do grande pecado que fizeram em não quererem sofrer as armas de sua honra, e deixaram-se tomar a tão ruim gente como são os mouros, e que andavam nus em sinal de muita desonra, porque deixaram perder suas terras e casas em que os Deus criou, e que não queriam nenhuma fazenda, pois perderam as suas sobre que deveram de morrer, e que se untavam de cinza por lhe lembrar, que de terra e cinza eram feitos, e nelas se haviam de tornar, e que todo o al era mentira, e desta cinza traz cada um um saquinho consigo.

---

[1] Nome pelo qual eram então conhecidos os ciganos.
[2] Jogues (do persa jugui).

Os gentios da terra lhe fazem muita honra e acatamento, e eles lhe dão daquela cinza, com que eles assinam, pondo uns riscos dela pelos peitos, testas e hombros, e costuma-se muito isto entre eles. Estes homens comem toda a vianda, não guardam outra nenhuma idolatria, tocam-se com todo o género de gente, nem se lavam por ordem como os outros gentios, senão quando lhes vem a vontade.

Há neste reino de Deli mui bons cavalos que nele nascem e se criam. Os naturais dele assim mouros como gentios, são bons homens de peleja e bons cavaleiros; armam-se de muitas maneiras de armas, são mui rijos e também bons archeiros. Têm mui boas lanças, espadas, maças de aceiro e machadinhas com que pelejam, e costumam trazerem umas rodas de aço, que chamam chaçarão, de largura de dois dedos, tão agudas por fora como navalhas e por dentro rombas; são do tamanho de um pratel pequeno e são furadas.

Traz cada um destas até dez, metidas no braço esquerdo, e tomam uma na guerra e metem-na no dedo da mão direita, andando com ela um pouco derredor para tomar força, então a despedem rijo contra o inimigo, e se acertam em braço, perna, pescoço, cortam tudo sércio, e assim fazem mui grande dano, e aqui há homens mui certo delas.

É el-rei de Deli mui gram senhor de muita e belicosa gente e de grandissima terra. Confina da banda do norte com Tartária e tem muitos reinos; os de Cambaia e Daquem eram seus, e mandando a eles uns capitães aos acabarem de tomar, se lhe levantaram com eles, e assim ficaram reinos isentos.

Há nesta terra umas árvores a cuja raiz chamam braechaga, e é tão peçonhenta que a toda coisa que a come mata; a fruta desta própria árvore a que chamam miralexi tem tal virtude que mata toda peçonha, e a qualquer homem apeçonhentado que a come, dá vida, ainda que coma a própria raiz ou outra qualquer forte peçonha.

Os jones, que são gentios de que acima tratei, trazem

consigo esta raiz e fruta, e alguns as dão aos reis índios. Também trazem algum alicorne [1], mas é de maravilha e mui pouco. Muitas vezes, perguntei a estes homens como era feito o corno do alicorne, responderam-me que o verdadeiro havia de ser feito em cocheduras [2], como de uma cobra, e que dentro as há também de ter, porque havia muitos cornos doutras alimárias que se queriam parecer com eles, e não se conhecem nestes sinais.

Também trazem estes jones uma pedra, que chamam paza, e se acha no bucho de uma alimária que eles chamam pagem, e é tamanha como uma amêndoa e parda; dão-na moída em água-rosada a qualquer homem que tem peçonha, e bebe-a por um canudo de cana, porque, se toca nos dentes, quebram-nos, e, assim mata toda a peçonha, e é mui estimada entre os mouros e grandes senhores. Também a há em Ormuz onde se vende por maticais. Esta alimária em que se acha é bode bravo.

COMEÇAM AS TERRAS DO MALABAR, ENTRA TAMBÉM O REINO DE CALECUT

Deixando assim esta terra e reinos, tomando à costa do mar, começa-se a terra do Malabar, donde chamam Cumbola, que por todo o monte Deli se acaba ao cabo de Comorim, que são cento e trinta léguas, pouco mais ou menos, ao longo da costa.

Dizem que havia em outro tempo um rei gentio que chamam Cirimai Pirençal, que era mui gram senhor, se começaram a navegar para ela, e vieram para esta terra do Malabar por causa da pimenta, a qual começaram primeiro a carregar em Coulão, que é cidade porto de mar, onde, muitas vezes, está o rei, isto não haverá menos de seiscentos anos, porque os índios deste tempo tomaram a era porque se regem estes mouros.

Navegando na Índia, por muitos anos, começaram-se a estender por ela, e vieram a tomar tanta conversação com o próprio rei, e ele com eles, que o vieram a converter à seita do abominável Mafamede, pelo que se foi com eles caminho da Casa de Meca, onde morreu, ou parece que no caminho, porque dizem que nunca mais os malabares houveram nova dele.

Antes que se este rei partiu, partiu o reino com seus parentes, fazendo muitas partes como agora está, porque dantes todo o Malabar era um só rei, e andando assim repartindo, assim como dava uma terra a um, logo se saía dela para nunca mais a ela tornar. E tendo já por derradeiro tudo dado, vindo-se embarcar em uma praia desabitada, onde agora é Calecut, mais acompanhado de mouros que de gentios, trazia consigo um seu sobrinho, que o servia como pajem, ao qual deu aquele pedaço de terra, dizendo que assentasse nela e a fizesse povoar, dando-lhe uma espada sua, e um candeeiro de ouro, que ele trazia por estado, e deixou mandado a todos os reis e senhores a quem dera as terras, que lhe obedecessem e acatassem, sòmente el-rei de Cananor e de Coulão que fez isentos, de maneira que deixou dentro no Malabar três reis, livres uns dos outros, mas que nenhum fizesse moeda senão aquele seu sobrinho, que depois o foi de Calecut, e com esta repartição feita se embarcou o dito velho.

O sobrinho, que ali ficou naquela praia, fundou uma cidade a que pôs nome Calecut, e os mouros em lembrança que o rei índio se embarcara ali, a ir-se a tornar mouro, começaram vir ali carregar a pimenta antes que a outra nenhuma

(1) Chifre do unicórnio, espécie de rinoceronte.

(2) Rugas.

parte, e, assim, foi crescendo em Calecut o trato, e a cidade se foi fazendo grande e nobre, e o rei se fez o maior e mais poderoso de todos que no Malabar houvesse, e lhe puseram nome Camide, que é um ponto de honra sobre os outros que não são mais de três, *silicet*, este Camide, que chamam Mali Conadari, e o de Coulão, que chamam Benatad, e o de Cananor, que chamam Cobertorim, afora outros muitos grandes senhores que há na terra, que se querem chamar reis, e não o são, porque não podem fazer moeda, nem cobrir casas de telha, nem em todo o Malabar ninguém as pode cobrir, por grande senhor que seja, porque logo os mouros se alevantam contra ele, salvante sendo casa de oração ou paço de rei; depois por tempo el-rei de Cochim e o de Cananor fizeram moeda forçosamente.

Nesta terra do Malabar todos se servem de uma língua que chamam maliama. Os reis todos são de uma lei e costume pouco mais ou menos, mas a da gente é mui diferente, porque haveis de saber que, em todo o Malabar, há dezoito leis de gentios naturais, cada uma apartada das outras, e tanto que, não se tocam uns com os outros, sob pena de morte ou perdimento de suas fazendas, assim que todos têm leis, costumes e idolatrias sobre si, como irei declarando.

Os reis do Malabar são gentios honradores de ídolos, são homem baços, quase brancos, alguns há aí mais pretos; andam nus, da cinta para baixo se cobrem com panos brancos de algodão ou seda; às vezes vestem umas roupetas abertas por diante, que lhe dão por meia coxa, de panos de algodão ou seda ou grã muito fina ou brocadilho.

Trazem os cabelos atados em cima; trazem às vezes nas cabeças umas carapuças compridas como cascos galegos; fazem as barbas à navalha, deixam uns bigodes compridos à maneira de turcos, trazem as orelhas furadas, em que põem mui ricas jóias de pedraria, e sartas de pérolas mui grossas; sobre os panos cingem umas cintas de pedraria, de três dedos em largo,

mui bem obradas e ricas. Pelos peitos, hombros e testas, uns riscos de cinza, de três em três, que põem por costume de sua lei, por lembrança que se hão-de tornar cinza, a qual põem misturada com sândalo, açafrão e água-rosada e lenho aloés.

Vivem em casas térreas, assentam-se em uns poios muito plainos, embostados cada dia, uma vez com bosta de vacas, onde põem uma tábua muito alva de quatro dedos de altura, e um pano de almáfega, de lã de carneiro preto por tingir, tamanho como uma manta de Alentejo, dobrado três vezes, e sobre ele se assentam, com umas almofadas de algodão, redondas e compridas, e outros panos ricos em que se encostam, e alcatifas mui ricas, em que também se assentam; porém sempre têm junto de si ou debaixo aquele pano de almáfega, por estado, lei e costume. Muitas vezes se encostam em camilhas [1] de colchetes [2] de seda, e de panos brancos muito delgados, e se alguém os vem ver trazem-lhe aquele pano de lã e põem-no junto consigo, e, quando vão fora, leva-lho um pajem diante deles dobrado por estado; também têm sempre junto consigo uma espada, e, quando se mudam de um cabo para o outro, a leva ela sempre na mão.

Estes reis não casam, nem têm lei de casamento, sòmente têm manceba, que é mulher fidalga, de linhagem de naires, formosa a seu contentamento; estas têm eles aposentadas junto de seus paços, em uma pousada sobre si, mui bem servida; dá-lhe certa coisa por mês ou por ano para sua despesa, a qual eles deixam cada vez que se delas descontentam, e tomam outra. Porém, muitos deles, pelo que toca à honestidade real, as não trocam, nem bolem com elas, e entre eles é grande honra ser manceba uma mulher de el-rei.

Os filhos que eles nelas hão, não os têm por filhos, nem

---

(1) Cama ligeira.
(2) Obra de tecido acolchoado.

herdam o reino, nem outra nenhuma coisa de el-rei, sòmente o que da parte das mães hão; enquanto são meninos, são mui favorecidos dele, como crianças alheias que ele criasse, mas não como seus filhos, porque como são homens não têm mais honra que a que lhe vem da linhagem da mãe, porém, fazem-lhes às vezes os reis mercês de dinheiro com que se possam manter melhor que os outros naires.

São herdeiros dos reis: irmãos seus, ou sobrinhos, filhos de irmãs, porque estes hão eles por verdadeiros seus filhos, porque já sabem quem é sua mãe, e, isto, por as mulheres nestes reinos serem mui livres de seu corpo, e, por isso, a verdadeira cepa da linhagem dos reis desta terra jaz nas mulheres, e o primeiro filho que a mais velha irmã do rei pare, esse herda o reino, e, assim, todos os irmãos herdam uns aos outros, e quando os não há, herdam os sobrinhos filhos da irmã mais velha, e se estas irmãs não acertam de parirem, nem há herdeiro para o reino, e se el-rei falece sem ele, elas se ajuntam em conselho, e elegem por rei um parente seu, e se o não há aí, outro qualquer homem que seja para isso, e, por isso, são estes reis do Malabar sempre velhos.

As sobrinhas ou irmãs que eles têm, de que há-de sair o herdeiro para o reino, são mui honradas, bem guardadas e servidas, e têm renda sobre si de que se mantêm, e, como alguma é de idade de doze até catorze anos, para poder chegar homem a ela, mandam chamar fora do reino algum mancebo de linhagem de fidalgos, que lá há assinados para isto, mandando-lhe dinheiro e dádivas para que venha haver de virgindade aquela moça.

Ele vindo, fazem-lhe muita honra, festa e cerimónias, como se houvesse de casar; então ele lhe ata ao pescoço uma jóia de ouro pequena, que ela traz toda sua vida em sinal de lhe haverem feito aquela cerimónia, para dali por diante poder fazer o que quiser de si, o que antes daquilo não fará. Este está mui bem servido com ela alguns dias, e então se

torna para sua terra, então ela daí por diante toma qualquer bramene que quer, e toma quantos quer, e destes há os filhos.

Quando qualquer destes reis do Malabar morre, queimam-nos em um rossio com muita lenha sândalo e aloés, e, ao queimar-se, ajuntam todos os sobrinhos e parentes seus mais chegados, e, assim, os grandes do reino, e privados do rei morto; e há-de estar o corpo três dias esperando por eles, e ali tiram a limpo se morreu de sua morte ou se o mataram, para acudirem por isso, como são obrigados. E, então, depois destes três dias, o queimam e pranteiam, e todos se rapam, da coroa até aos pés depois dele queimado, que lhe não ficam senão as pestanas e sobrancelhas, isto do príncipe até o menor herdeiro do reino gentio, e então alimpam os dentes daquela pretidão do bétele, o qual não come ninguém por espaço de treze dias, e se, neste tempo, acham que alguma pessoa o coma, cortam-lhe os beiços por justiça.

E nestes treze dias o príncipe nem manda, nem governa, nem é alevantado por rei, senão depois deles passados, esperando se haverá alguém que o contradiga. E, passados, os grandes juntamente o fazem jurar de manter todas as leis do outro rei passado, e de pagar as dívidas que ele devia e de trabalhar por ganhar o que os outros perderam, e este juramento lhe tomam desta maneira: metem-lhe na mão esquerda uma espada nua, e a outra direita têm-na posta sobre uma candeia de azeite acesa, de muitas matulas [1], e dentro um anel de ouro, em que toca com os dedos, de maneira que naquela candeia e ouro faz seu juramento de manter tudo com aquela espada, e, feito, lançam-lhe sobre a cabeça um pouco de arroz, fazendo grandes cerimónias e adorando contra o sol; logo certos condes, a que eles chamam caimal, com o

[1] Torcidas.

que há-de ser príncipe, e com os outros herdeiros fazem juramento ao dito rei, sobre a mesma candeia, de o servirem e ajudarem, e lhe serem leais e verdadeiros.

Nestes treze dias, em que estão esperando por esta cerimónia, governa o reino um caimal, que é como escrivão-mor dele, o qual cárrego e dignidade é seu de juro; este é também teoureiro-mor do reino, e el-rei nem pode tirar nada do tesouro sem ele estar presente, nem tira nada dele senão por grande necessidade, e por conselho deste e doutros; em poder deste homem estão também todos os regimentos do reino.

Nestes treze dias não come ninguém carne nem pescado, nem nenhum barco vai pescar sob pena de morte, e, neste tempo, se fazem muitas esmolas da fazenda do rei morto, aos pescadores, e dão de comer a muitos pobres e bramenes, e, acabados os ditos treze dias em que é alevantado rei, na maneira que acima disse, todos tornam a comer o bétele, carnes e pescados, tirando o rei novo, que põe dó pelo morto, todo um ano, e não come carne, nem pescado, nem bétele, nem faz barba, nem corta nenhum cabelo de seu corpo, nem unhas; reza certas horas do dia, não come mais de uma vez a ele, antes que coma se lava, e depois de lavado não o há-de ver ninguém até comer.

El-rei de Calecut está sempre na cidade em uns mui grandes paços arredados dela, e, cumprindo o ano da morte do rei, vem o que há-de ser príncipe, e assim os herdeiros seu irmãos e sobrinhos e todos os outros senhores do reino, ajudar a honrar uma cerimónia que ele faz no fim do ano à morte do rei, à maneira de saimento, onde se dão muitas esmolas, e se gasta muito dinheiro em dar de comer a muitos bramenes e pobres, e a todos quantos o vêm ver, e quantos consigo trazem, e aqui se ajuntam mais de cem mil homens, e então ali confirmam o príncipe por herdeiro, e assim aos outros detrás dele, cada um em seus graus.

Aos governadores e oficiais que foram do outro rei morto, deles tiram os ofícios, e aos outros os confirmam; e dali expede o príncipe cada um para onde vive, e o príncipe também para suas terras que tem apartadas, o qual príncipe não entra mais em Calecut até el-rei morrer; todos os outros o podem vir ver à corte, e andar com ele, senão o príncipe que por lei o não pode fazer.

Como se expede [1] vai-se a uma ponte, por onde passa um rio junto à cidade, e ali toma um arco e atira uma frecha contra onde fica o rei, e fazendo ali oração à maneira de adorar se vai o príncipe, e quando o vêm ver ou por este mesmo saimento, vem acompanhado de muitos grandes senhores, que todos trazem consigo naires com muitos atambores grandes e pequenos, trombetas à maneira de anafis e frautas, bacias, cestros [1], com que vêm fazendo mui grande harmonia.

Os naires vêm adiante, e atrás eles lanceiros, e estão adargueiros com espadas nuas nas mãos, e, saindo el-rei dos paços, põe-se a uma porta em pé, vendo como toda esta gente vem. E, como cada um chega a ele, fazem-lhe suas reverências, como que o adoram, e apartam-se a cabo, e assim está um grande espaço que todos acabam de passar, e o príncipe aparece um tiro de besta com uma espada nua na mão, vindo brandindo, muitas vezes, com o rosto alto e os olhos em el-rei, e, em o vendo, adora-o, lançando-se no chão de bruços, com os braços estendidos por diante, e, jazendo assim um pouco, torna-se a levantar, e da mesma vai até chegar a el-rei, diante do qual se torna a lançar no chão.

El-rei, então, anda dois passos, e, tomando-o pela mão o alevanta, e, assim, se vão ambos para dentro, onde el-rei se assenta em seu estrado, e o príncipe com todos outros

(1) Despede.
(2) Pandeiros.

herdeiros e senhores estão diante dele em pé, com as espadas nuas nas mãos direitas, e as esquerdas postas diante da boca por grande cortesia, e arredados del-rei; e se lhe releva falarem, há-de ser mui manso, sem os ele ouvir, de maneira que estão logo dois mil homens na própria casa onde el-rei está, sem cuspirem diante dele, nem os ouvir ninguém.

El-rei de Calecut tem contìnuamente em seus paços muitos escrivães, que estão assentados a um canto longe dele; escrevem estes sobre um poio todas as cousas assim da fazenda del-rei, como da justiça e governança do reino, escrevem em umas folhas de palmeira compridas e tesas, com um penão de ferro sem tinta; fazem suas letras em riscas, assim talhadas como as nossas e às direitas como nós. Cada um destes, por onde quer que anda, traz um molho destas folhas escritas debaixo do braço, e a pena de ferro na mão, e por isso logo são conhecidos.

Há aí sete ou oito escrivães mais privados del-rei, que são homens mui honrados, e estão sempre diante del-rei com as penas na mão, e molho de folhas debaixo do braço; cada um destes tem soma destas folhas em branco, assinadas por el-rei nos começos, o qual quando quer dar ou fazer alguma cousa de que se há-de fazer provisão, diz a cada um destes sua tenção, e eles a escrevem, começando do sinal del--rei para baixo, e, assim dá o alvará a cujo é. Eles são homens velhos e honrados e de grande crédito.

Todos estes escrivães, quando se alevantam pela manhã e querem escrever alguma cousa, a primeira vez que tomam a pena na mão cortam uma pequena daquela folha com a navalha, que a pena tem em um dos cabos, e no cabo da mesma folha escrevem o nome de seus deuses, adorando contra o nascimento do sol com as mãos alevantadas, então rompendo o escrito lançam de si, e, isto feito, começam a escrever.

Este rei tem mil mulheres a que contìnuamente dá man-

timento, que sempre andam na corte para varredeiras de seus paços, isto por estado, porque para varrerem menos de cinquenta bastariam. Estas são fidalgas e de boa casta, e varrem cada dia duas vezes, e, cada uma, traz sua vassoura e uma bacia de latão com bosta de vacas delida em água; e depois de tudo varrido, embostam as casas com a mão, mui delicado, que logo se enxuga.

Estas mulheres não servem todas, mas revezam-se e quando el-rei vai de uma casa para a outra, ou vai a uma casa de oração, vai a pé e vão destas mulheres diante dêle com suas vassouras e bacias na mão, embostam-lhe o caminho por onde há-de pôr os pés.

Estas mil mulheres fazem uma grande festa a el-rei, quando novamente reina; passando o ano do seu dó e jejum, ajuntam-se todas assim moças, como velhas nos próprios paços de el-rei, mui bem ataviadas de colares de pedraria e contas de ouro de mui subtil obra, manilhas de ouro nas pernas e muitos braceletes e anéis; da cinta para baixo vestidas de mui ricos panos de seda, e para cima nuas, como sempre andam, untadas com sândalo e outras coisas cheirosas; metidas entre os cabelos muitas flores; não trazem na cabeça nada, sòmente seus cabelos, que são bem pretos, mui bem penteados, e feita deles uma formosa trunfa, trazem as orelhas furadas e muito ouro nelas; descalças, como sempre andam.

Com elas se ajuntam todos os instrumentos e tangeres de el-rei, muitas espingardas e artifícios de fogo de muitas maneiras; também se ajuntam muitos naires, que as acompanham e com elas andam de amores, mui bem ataviados e galantes, e sete ou oito elefantes cobertos de panos de seda com muitas campainhas penduradas e grandes cadeiras de ferro lançadas por cima, e, assim, tomam um ídolo que têm por seu valedor [1], e um sacerdote seu o toma nos braços, e

[1] Patrono.

se assenta com ele em cima do maior daqueles elefantes, e desta maneira andam em procissão com grandes tangeres, fazendo muitos jogos, e tirando muitas espingardas, com muitos chocarreiros diante, e assim vão até chegarem a uma casa de oração, e ali o descem, e ajuntam com outros, que na própria casa estão, onde lhe fazem muitas cerimónias. Aqui se ajunta gente infinita a vir adorar aqueles ídolos e honrar suas vistas.

As mulheres têm ali cada uma sua bacia de latão larga e plaina, cheia de arroz, e em cima dele candeeiros de azeite com muitas matulas e flores derredor. Aqui estão com estas cerimónias até à boca da noite, que partem contra os paços de el-rei, onde o hão-de pôr.

As mil mulheres vêm adiante do ídolo todas em ordem, de oito em oito, mui bem concertadas, com suas bacias e candeias acesas, e tão compassadas que uma não dá um passo mais que a outra; vão homens junto com elas, pela banda de fora, que lhe vão metendo bétele na boca, que sempre vão comendo, e que lhe levam os candeeiros, quando disso têm necessidade, e também os naires, que com algumas andam de amores, que lhes vão falando a seu propósito, e alimpando-lhes o suor do rosto, peitos e pescoço e abanando-lhes com abanos, por elas levarem as mãos pejadas.

Nesta procissão lançam muitos foguetes e bombas de fogo, e também levam umas árvores de fogo que vão sempre ardendo, de maneira que isto é a mais formosa coisa do mundo para ver, ao menos neste passo de noite.

Vão também diante do ídolo muitos naires com espadas nuas, dando em si mesmo por onde podem, boas cutiladas, e vão escumando e bradando que parecem demoninhados, e eles assim dizem que os deuses se metem neles, e lho fazem saber. Vão também ali muitos volteadores e chocarreiros e governadores do reino e outros homens honrados, governando

e regendo a procissão; e, assim, a levam em singular ordem, até chegarem aos paços de el-rei, onde se desfaz.

Costuma muito este rei de Calecut, quando está assentado, estarem-lhe homens privados seus esfregando-lhe braços e pernas e corpo, um pajem está contìnuamente com ele; com uma toalha a tiracolo cheia de bétele, dando-lhe a comer, às vezes em uma caixa pequena dourada ou pintada e guarnecida de prata, às vezes em um bacio de ouro; dali toma o pajem folha e folha que ajunta com um pequeno [1] de sal de marisco, delido em água-rosada à maneira de unguento, que tem dentro de uma boceta de ouro, e, assim, lhe dá a folha com arecas, como já mais largamente em outra parte disse; é a virtude deste bétele, de maneira que de dia e de noite está roendo nele.

A maneira de seu comer é que nenhuma pessoa há-de estar onde ele come, nem o há-de ver comer, sòmente quatro ou cinco servidores que o servem. Quando há-de comer lava-se primeiro em um tanque, que tem dentro nos paços, limpo e grande, e ali nu faz suas cerimónias, adorando três vezes contra o vento Oriente, andando derredor, e mergulhando três vezes debaixo de água, e, ali, se veste doutros panos limpos e lavados, e, assim, se vai assentar em uma casa que para comer tem despejada, a qual está embostada, e posta no chão uma tábua redonda para comer, porque no chão comem; e, ali, trazem-lhe um bacio de prata grande, chão e sem bordas, e dentro nele salseirinhas de prata pequenas, e tudo vazio, o que põe sobre outra tábua que no chão está, como outra em que se assenta, pondo as salseirinhas pelas bordas do bacio, todas em ordem.

Então vem o cozinheiro, que é um bramene, e traz uma panela de arroz cozido, e lançam-lhe com uma colher no

[1] Pouco.

meio do bacio um pouco, o qual vem tão inteiro e enxuto que parece que nunca foi cozido, e logo detrás do arroz trazem outras muitas panelas e iguarias, as quais lhe lançam nas salseirinhas cada um sua, e, assim, começa de comer com a mão direita, tomando o arroz às mãos cheias, sem colher, e, assim, toma todos os outros manjares que mistura com o arroz, e, com a mão esquerda não há-de tomar coisa nenhuma do que come, e, ali lhe põem um gomil de prata com água, e, quando quer beber, toma-o com a mão esquerda, e empinando-o no ar lança a água de alto, que lhe cai na boca sem com ela tocar no gomil.

Todos os manjares que come assim de carne, como de pescado e legumes, e outros mantimentos, são feitos com tanta soma de pimenta que não haverá homem em nossas partes que o possa comer.

Nunca quando come alimpa as mãos, nem tem toalha, nem panos para isso, e, acabando de comer, se lava, e, se no tempo que há-de comer se acham aqui alguns brâmanes honrados, seus privados, manda-os comer no chão, arredados um pouco dele, e põe-lhes diante umas folhas de figueira da Índia que são sempre largas e tesas, sobre as quais lhe manda lançar de comer, assim como para si, e, se não querem comer, vão-se fora, porque não há-de de estar ninguém onde el-rei come, os que houverem de estar hão-de comer, afora dois ou três que o servem, como já disse; acabando de comer torna-se ao estrado, onde torna a comer o bétele.

Quando este rei sai fora, a ir folgar ou fazer oração a algum ídolo, são logo para isso chamados todos os naires que mais perto estão, e, assim, os ministros e gentios, e sai el-rei em um andor, que levam dois homens, com suas almofadas de seda em que vai encostado, e o andor é de pano de seda pendurado em uma cana de muita pedraria, tão grossa como um braço de um gordo homem, com umas voltas que de seu nascimento lhe afeiçoam para aquilo, a qual cana

dois homens levam aos hombros, de que vai o dito andor dependurado.

Leva el-rei infinitas coroas de ouro e pedraria, e, no pé direito, uma manilha mui rica e grossa nele; muitos instrumentos de metal diante dele tangendo, e muitos naires frecheiros com seus arcos e frechas à maneira de ingleses, outros com lanças mui compridas, e ferro de côvado; nos contos [1] argolinhas de metal; e, indo-as brandindo, fazem com elas grande traquinada, e também vão outros naires adargueiros com suas espadas nuas nas mãos, e junto com o punho outras argolas com que fazem grande arruído, vão bradando uns aos outros em altas vozes por sua língua: — Andar, andar. Alguns vão esgrimindo diante de el-rei, e fazendo terreiro [2] por que os veja, e são homens mui ligeiros e grandes mestres de esgrima, o qual jogo eles hão entre si por mais honrado do que nós havemos o bom cavalgar. El-rei se vai detendo para os deixar jogar a seu prazer, gabando e favorecendo os que melhor o fazem.

Leva el-rei diante de si um pajem que lhe leva sua espada e adarga, outro que leva um estoque de ouro e outro que leva uma espada que foi do rei que senhoreou todo o Malabar, e se tornou mouro, e, na esquerda, leva uma flor de liz, e, de cada banda, leva dois homens, um com um abano mui largo redondo, outro com outro abano de um rabo branco de uma alimária como cavalo que, entre eles, é mui estimado, posto em uma haste de ouro, os quais o vão abanando dois de um cabo e dois de outro.

Junto com ele vai da banda direita um pajem com um gomil de ouro cheio de água, à parte esquerda outro com um de prata, e outro pajem com uma toalha, e, quando quer que el-rei põe a mão nos narizes ou nos olhos e boca, lan-

(1) Ponteiras.

(2) Abrir caminho; afastar a multidão.

çam-lhe nos dedos água com aquele gomil, e outro lhe dá a toalha que leva para se alimpar. Leva também consigo outros pajens, dos quais um leva uma copa, da banda direita, de ouro, outro leva a copa de prata, da banda esquerda, nas quais cospe o bétele que vai comendo sempre, o qual outro lhe vai dando; detrás de si lhe levam dois cântaros grandes rendondos, um de prata à mão esquerda, e o de ouro à direita, cheios de água.

Vão mais diante dele quatro esparaveis (1) postos em umas hastes, *scilicet*, dois de pano branco muito delgado, e dois de seda, muito bem obrados e broslados (2); junto dele lhe levam um sombreiro de pé em uma cana muito alta que tolhe o sol.

Após dele vão seus sobrinhos e os governadores da terra, seus oficiais, todos a pé com suas espadas nuas, todos, nas mãos e adargas, e assim vão em boa ordem muito devagar, vendo muitos jogos, chocarreiros, volteadores e espingardeiros que o vão festejando. Se el-rei vai fora de noite, é nesta própria ordem, mas leva quatro candeeiros de ferro grandes com umas hastes, à maneira dos nossos fogaréus, cheios de azeite, com mui grossas matulas, dois diante e dois detrás.

El-rei de Calecut tem posto na própria cidade um governador, o qual chamam talixe, naire que tem cinco mil naires de jurisdição, a que paga seus assentamentos de sua renda, que tem mui grossa, este tem alçada na justiça, mas não tanto que de tudo não dê conta a el-rei, e como há muitas leis de gentes, também há muitas diferenças nas justiças, dos quais todos falarei ao diante, e dês que são de brabares (1) para baixo, dizem que são escravos de el-rei e dos naires e senhores.

---

(1) Copas de sombreiros.

(2) Bordados.

(3) Mercadores indianos.

Se alguns destes baixos faz algum delito ou furto ou a pessoa a quem o fazem se vem a queixar ao dito governador, ali o manda prender, e, confessando ele o furto, ou achando-o em flagrante delito, sendo gentio, levam-no a um lugar onde executam a justiça, onde estão uns paus altos muito agudos, e uma tábua pequena, por onde passam aquela ponte, e ali lhe cortam a cabeça com uma espada, e, então, o espetam pelo meio das espáduas naquele pau que lhe sai na boca do estômago mais de um côvado fora, a cabeça que lhe metem no outro pau. Se o que fez o tal delito é mouro, levam-no a um grande rossio, e, ali, o matam às cutiladas.

O furto se guarda para o governador da terra, sem seu dono haver nenhum proveito, porque a lei que justiçando o malfeitor perca seu dono o furtado; se achando o tal furto o ladrão foge, está o furto certos dias em mão do governador; e, se, em este tempo, não tomam o malfeitor, então o tornam a seu dono, ficando a quarta parte para o governador, e se o tal ladrão o nega e não lho acham, prendem-no em um tronco como os nossos, e, ali, o têm preso por espaço de nove ou dez dias para ver se o confessa, dando-lhe muito mal de comer e muito má vida. A cabo do dito tempo, se não confessa, chamam o que o acusou, dizendo-lhe, como aquele homem não confessa, se quer que o jure, ou que o soltem; se diz que quer que o jure, mandam-no preso, que jejue e que se lave muito bem, encomendando-se ao seu deus; e que não coma nenhum bétele, e alimpe os dentes dele, para o outro dia fazer juramento; se o faz assim ao outro dia o tiram do tronco, e levam a um tanque, de água onde se lava muito bem, fazendo muita cerimónia, dali o levam a uma casa de oração e então faz seu juramento desta maneira: Se é gentio, aquentam-lhe uma panela de azeite mui quente de cobre até que ferva; e, para saber se está bem quente, lançam-lhe dentro umas folhas de certa árvore, e o azeite as faz saltar para cima; isto bem visto, tomam dois escrivães à mão direita do mal-

9

feitor, e, olhando se tem alguma chaga ou outra coisa alguma, e da maneira que a dita mão está, o escreve, e, assim a mostram à parte, e, feito exame, mandam-lhe que olhe para o ídolo, que tem diante, e que diga três vezes: — Eu não fiz este furto que este homem põe, nem sei quem o fez. Então lhe mandam que meta dois dedos da dita mão naquele azeite que está fervendo, até os nós, o que ele logo faz, dizendo que se o não fez que não se queimará, e, como mete a mão e a tira, tornam a olhar os escrivães, estando a parte presente e o governador, e com todos estes exames assinam da maneira que está a mão, e atam-na mui bem com um pano, quer seja queimada quer não, e, então, o tornam ao tronco, e dali a três dias ao mesmo lugar. Então lhe desatam a mão os escrivães diante do governador, e, achando-lha queimada, então padece na maneira sobredita, dando-lhe, além disso, muitos tormentos para o fazer confessar onde tem o furto ou o que fez dele, e, ainda que o não confesse também padece, e, achando a mão sã, hão-no por absoluto e livre, e matam a quem o acusou ou lhe dão pena de dinheiro ou degredo.

Desta própria maneira castigam quem mata outro ou quem mata vaca ou pôs mão irosa em algum bramene ou naire ou se toca com alguma mulher de bramene.

Aos mouros fazem este juramento, com lhe fazerem lamber um machado muito quente e vermelho com a língua, e se se queima levam-no a um rossio onde, como já disse, o matam às cutiladas; e se este governador acha nesta terra alguns moços ou homens mancebos, que sejam vadios e não tenham ofícios, nem pai, nem mãe, nem senhor com que vivam, são perdidos para ele, e ele os vende como seus escravos a mouros ou a quem lhos compra, por mui pouco preço, a quatro e cinco cruzados cada um, assim homem como mulher.

Fazem também justiça aos naires desta maneira, os quais são tão privilegiados como ao diante falarei, e posto que não

possam ser presos em ferros por nenhuma coisa que façam, se um naire mata outro ou faz algum furto, ou matar vaca, ou dormir com mulher de baixa lei, ou comer, ou beber em casa de vilão, ou dormir com mulher de bramene, ou dizer claramente mal de seu rei, e a parte do que faz o tal delito se aqueixa ao governador, ele o manda chamar, e, não querendo vir, manda chamar três ou quatro naires, bons homens de suas pessoas, e dá-lhes um alvará assinado por sua mão, em que lhes diz: — Matem Fuão, naire, onde quer que o acharem porque assim é sua vontade.

Eles se vão em busca do outro e o matam, onde quer que acham, às lançadas ou frechadas, e tal há aí que antes que o matem fere três ou quatro se anda avisado, e assim o matam, ainda que o topem dentro na cidade. Depois de morto viram-no com os peitos para cima, pondo-lhe o alvará sobre eles, e ali o deixam onde não é ousado ninguém de o tocar, e ali o comem as aves e os adibes (1); se o matam, dentro na cidade, os moradores da rua onde ele jaz, o não podem tirar sem o irem pedir a el-rei que lho mande tirar dali, e ele o faz, às vezes, por dinheiro, às vezes de graça.

Se o tal naire é acusado por algum furto grande de fazenda que cumpre a el-rei, então o manda meter em uma câmara, mui bem cerrado e guardado, para que não possa fugir, donde o levam a fazer juramento da maneira que já disse, senão que, em lugar de azeite, levam-no a um rossio, e matam-no às cutiladas e lançadas.

Quando o governador manda chamar o acusado, chamam também a parte que o acusou, e, como são ambos juntos, faz dizer ao acusador que é o que sabe do outro; então o acusador toma na mão um ramo pequeno de ervas verdes ou de árvore, e diz: — Fuão fez tal coisa. O outro toma outro tal ramo e diz: — Eu não fiz tal coisa. Então manda o gover-

(1) Espécie de chacal.

nador pôr a cada um diante duas moedas de ouro baixo que chamam fanões, que vale cada um vinte e dois réis, e, como fazem seu exame, diz-lhes o governador que daí a oito dias venham ali a tirar a limpo o que cada um diz, e assim, se vão e, passados os oito dias, tornam a casa do governador, e, dali, se vão a casa de oração a jurar, na maneira que atrás disse.

Neste reino de Calecut há um governador que é como justiça-mor, que se chama Contante Carnaxé; este tem postos em todos lugares homens de sua mão, a que tem arrendado a justiça de coisas que não são de pena de morte, porque todas as outras penas que se dão são de dinheiro, e a ele acodem com todos os queixumes e agravos de que ele dá conta e razão a el-rei, faz justiça dos culpados como o governador de Calecut.

Neste reino não morre nenhuma mulher por justiça de nenhuma qualidade que seja, sòmente às malfeitoras dão-lhes pena de dinheiro e degredo; se alguma de casta de naire era em sua lei, e o rei o sabe primeiro que seus irmãos e parentes, manda-a tomar e vender fora do reino a mouros ou a cristãos, e se seus irmãos ou parentes o sabem primeiro, matam-na às cutiladas e lançadas, dizendo que se o assim não fizerem ficam mui desonrados, e el-rei não lhe faz nada por isso, porque assim está em lei e costume.

Há também, neste próprio reino de Calecut, uma lei de gente a que chamam bramenes, que são entre eles sacerdotes (como entre nós os clérigos) de que já em outra parte falei. São todos de uma língua, nem o podem ser senão filhos dos próprios bramenes, os quais, como são de idade de sete anos, lançam-lhe um tiracolo de uma correia de largura de dois dedos, crua com seu pêlo, que é de uma alimária que chamam criuarmergão, que é como asno bravo, e mandam-lhe que não coma bétele sete anos, todo qual tempo traz aquele tiracolo, e, como é de catorze anos, fazem-no bramene, tirando-lhe o tiracolo de couro, e lançam-lhe outro de três linhas,

que toda sua vida traz em sinal de bramene, e os que isto fazem é com muita cerimónia e festa, assim como cá festejamos um clérigo quando canta missa nova. Daqui em diante podem comer bétele, mas não carnes nem pescado, são entre os índios mui acatados, e, como já disse, não morrem por coisa que façam; o seu maior os castiga brandamente.

Casam uma só vez à nossa maneira, e não casa senão filho mais velho, e deste se faz a obra nele como cabeça de morgado, todos os outros irmãos ficam solteiros para sempre.

Estes bramenes têm suas mulheres mui bem guardadas e estimadas, nenhuns outros homens dormem com elas; se alguns deles morrem nunca mais casam, se a mulher faz algum malefício a seu marido, ele a mata com peçonha. Os irmãos deste que ficam solteiros dormem com as mulheres dos naires, e eles o hão por grande honra, e para bramenes nenhuma mulher se lhes nega, mas eles não hão-de dormir com uma mulher mais velha que si.

Vivem em suas casas e cidades; e, nas casas de oração, servem como clérigos, ali vão rezar suas horas certas no dia, e fazem suas cerimónias e idolatrias. Estas casas têm as portas principais para o Poente como as nossas, e cada casa tem três portas diante da principal.

Fora da igreja está uma pedra da altura de um homem, com três degraus derredor de si, e, defronte dela, no meio da igreja, está uma capela pequena, mui escura por dentro, e, nela, um ídolo de ouro, prata ou metal, onde estão três candeias de azeite sempre ardendo. Ali dentro não há-de entrar senão o seu ministro, que entra ali com muitas flores e ervas cheirosas e água-rosada e o tira fora pela manhã uma vez e outra á tarde; e ele vai mui bem lavado, e tira-o em cima da cabeça com o rosto para trás e andam com ele derredor com mui grande procissão tangendo-lhe muitos instrumentos, e vão certas mulheres de bramenes com candeeiros acesos diante; e cada vez que chegam à porta principal, o põem sobre

aquelas pedras e ali o adoram e fazem muitas cerimónias e dando assim três voltas à igreja o tornam na mesma ordem dentro da capela.

Esta casa de oração é cercada de parede entre a qual eles andam em procissão e quando andam nela trazem-lhe um sombreiro de pé por estado; esta pedra que está à porta em que eles também costumam pôr suas ofertas é lavada duas vezes ao dia; sobre ela dão de comer arroz cozido às gralhas, por cerimónia, duas vezes ao dia.

Estes bramenes honram muito o conto de três, têm que é Deus em três pessoas que não é mais de uma, toda sua oração é cerimónia e honram a Trindade, querendo-a quase figurar. O nome que lhe põem é Bermabesma Maçeru, que são três pessoas num só Deus, o qual confessam ser dês o começo do mundo. Não têm conhecimento nem notícia da vida de Nosso Senhor Jesus Cristo, crêem e honram muitas verdades que não dizem com verdade. Estes põem sempre nas testas, cada vez que se lavam, uns sinais de cinza, em lembrança que são dela, e mandam queimar seus corpos mortos.

Quando as mulheres destes emprenham e o marido o sabe, alimpa os dentes e não come mais bétele, nem faz a barba e jejua até que a mulher pare.

Destes bramenes se servem os reis em tudo, senão em coisas de armas. Não pode ninguém fazer de comer a el-rei senão bramenes ou de sua linhagem. Servem também de caminheiros para outros reinos com cartas, dinheiro e mercadorias, passando por onde quer que vão seguros, sem lhes ninguém fazer mal, ainda que os reis estejam em guerra.

Estes bramenes são letrados em suas idolatrias e têm delas muitos livros, os reis os têm em grande estima.

Atrás falei muitas vezes em naires e, porque até agora vos não tenho dito que gentes estas são, haveis de saber que nesta terra do Malabar há outra lei de gente que chamam naires e entre eles são fidalgos, nem têm outro ofício senão

servirem na guerra, e, continuadamente, por onde quer que andem trazem suas armas, e são espadas e adargas e outros com arcos e frechas e outros com lanças.

Vivem todos com el-rei e com outros grandes senhores; porém todo têm assentamento, de el-rei, e, ainda que sejam pobres, e de pouca valia, todos têm assentamento de el-rei, ou dos senhores com que vivem; não pode ser naire senão de linhagem de naire.

São homens mui limpos com sua fidalguia, não se tocam com nenhum vilão, não comem nem bebem senão em casa de naires, são grandes servidores de el-rei ou dos senhores com que vivem, guardando-os mui bem, andam sempre de dia e de noite diante dêles com suas armas.

São homens que estimam muito pouco o comer e dormir por servirem e fazerem o que devem, e, assim, dormem muitas vezes sobre um poio sem nenhuma roupa por guardarem quem lhes dá de comer, fazem muita pouca despesa, e, assim, não têm mais, os mais deles, que duzentos réis por mês para si e um moço.

Estes naires, geralmente, como são de idade de sete anos, são postos em escolas para aprenderem nelas muito boas manhas [1] e ligeirezas [2], ali os ensinam a bailar e dançar e dar muitas voltas no chão e saltos reais; e, assim, outros saltos, e isto aprendem enquanto são os meninos, cada dia duas vezes, tão desmembrados e dobrados que lhes fazem mandar os corpos ao revés da natureza, e depois que nisto são bem desenvoltos, os ensinam a jogar daquelas armas a que se eles mais inclinam, deles com frechas e arcos, deles com bastão para serem lanceiros, porém os mais deles com espada e adarga que, entre eles, é mais acostumado, e, nesta esgrima, se exercitam sempre.

(1) Prendas.
(2) Jogos

Estes mestres que os ensinam chamam-se panicais, que entre eles são mui estimados e acatados principalmente de seus discípulos, que grandes e pequenos adoram neles, e, assim, é lei e costume que o adorem onde quer que o toparem, posto que o discípulo seja mais velho que o mestre. E são obrigados os naires, por mais velhos que sejam, irem sempre no inverno a tomar suas lições de esgrima até que morram.

Alguns destes panicais vivem com os reis e grandes senhores, e não ensinam, e são seus capitães na guerra e este nome é grau, e são nesta ciência agraduados, como em nossas partes os letrados, e, assim, levam mais mantimentos de com quem vivem que os outros naires. Estes não são casados, seus sobrinhos, filhos de suas irmãs, os herdam.

As mulheres naires de sua linhagem são mui isentas e fazem de si o que querem com bramenes e naires, porém não dormem com homem mais baixo que sua casta sob pena de morte.

A estas, como são de doze anos, suas mães lhes fazem uma grande cerimónia, e, como uma mulher vê que sua filha é desta idade, roga a seus parentes e amigos que se façam prestes para lhe honrarem aquela filha, então roga a seus parentes e especialmente a um seu parente ou grande amigo que lhe case aquela filha, e ele lho promete de boa vontade, e manda fazer uma jóia pequena que terá meio ducado, comprida como uma fita, com um buraco no meio que passa da outra banda e enfiada em um fio de retrós branco.

A mãe a um dia certo está com sua filha muito arreada com muitas e ricas jóias, fazendo-lhe grande festa com muitos tangeres e cantares e muita gente. Este seu parente ou amigo chega com aquela jóia, e, fazendo certa cerimónia à moça, lança-lhe ao pescoço, que toda sua vida trás em sinal e pode fazer de si o que quiser. Ele se vai sem dormir com ela, porquanto é seu parente e se o não é então pode dormir com ela, porém não o obrigam a isso.

Dali por diante a mãe da moça anda cantando [1] e rogando alguns mancebos que hajam aquela filha de virgindade, e estes hão-de ser naires, os quais hão entre si por coisa suja e quase vileza haverem uma mulher de virgindade, e, depois que algum dorme com ela, é de homem. A mãe torna ir andar rogando a outros alguns mancebos naires, que lhe queiram manter aquela filha e tê-la por manceba, assim que se concertam com ela três e quatro naires, e a mantêm dormindo com ela, e cada um lhe dá tanto por dia. Quanto mais amigos tem quanto mais honra, e cada um está com ela dia certo, dês o meio dia até outro meio dia, e, assim vão passando sua vida temperadamente, sem os ninguém ouvir, nem haver entre eles competimentos, e o que a quere deixar, deixa e toma outra, e ela também, se lhe algum aborrece, diz-lhe que se vá, ele o faz ou a roga.

Os filhos que nelas hão ficam às costas da mãe que têm cárrego de os criar, porque não os dão por filhos de nenhum, ainda que se pareça com ele, nem os estimam como filhos, nem herdam nenhuma cousa deles, porque, como já disse, são seus herdeiros, seus sobrinhos e das mães.

Esta lei quem a quiser considerar mais profundamente, achará que foi instituída com maior sabedoria do que vulgarmente se pensa, pois a fizeram os reis aos naires por não terem coisa que os obrigasse a não fazerem o que pertencesse a seu serviço.

Estes não se chamam naires, senão dês o tempo que são para pelejar; porém gozam de sua liberdade em tudo, nem recebem soldo de el-rei, até serem armados em cavaleiros, principalmente no reino de Cananor, onde se costumam muito fazerem-se cavaleiros por mão do próprio rei, e o mancebo que o quer ser, chama seus parentes os que já são cavaleiros,

---

[1] Buscando.

que o vão honrar, e, assim, se ajuntam com ele muitos, levando-o mui honradamente ao paço, tendo já prasme [1] de el-rei para isso. Chegando ao paço el-rei o manda entrar com quantos ele vem; então põem diante de el-rei sobre uma folha três moedas pequenas que chamam fanões (que vale cada um como em outra parte já disse vinte e dois réis), el-rei lhe pergunta se quer guardar os costumes e leis dos outros naires, e ele e os parentes dizem que sim, e então lhe manda cingir uma espada à parte direita, de uma baínha vermelha, depois de o cingir o faz chegar para si, e lhe põe a mão direita sobre a cabeça, e lhe diz certas palavras que ninguém não ouve, que parece rezar; então o abraça dizendo-he: — Paje Gubramaca, que quer dizer: — Guardarás as vacas e os bramenes.

Depois de feita esta cerimónia está ali um escrivão que lhe pergunta logo diante de el-rei, alto, que o ouçam todos, o nome e de que linhagem é, e todos o respondem, ainda que seja muito conhecido, e o escrivão o assenta assim no livro dos soldos, para dali em diante vencer seu ordenado, e os parentes o levam dali muito honradamente a casa do panical que o ensinou, o qual em o vendo o adora e fazem dele grande cerimónia, e se lança aos seus pés, e dali o levam a sua casa, onde é festejado conforme a sua pessoa, e assim fica sobre, para poder servir el-rei e ir à guerra e desafiar-se com quem quiser.

No reino de Calecut o panical que o ensinou, o arma cavaleiro na escola, com licença de el-rei para o poderem servir e haverem sua morada, onde lhe fazem grande cerimónia, onde lhe metem na mão uma espada nua e uma adarga na outra, e dele recebe certo dinheiro, e diz-lhe as mesmas palavras que acima disse, porém não lhe cingem a espada.

(1) Aprovação.

Então da escola o levam a paço de el-rei, então o manda assentar em soldo [1], e lhe dá por sua mão dois fanões em começo de paga de sua moradia, o que eles hão por muita honra, de maneira que todos são armados cavaleiros antes de viverem com el-rei, nem tomarem armas para servirem ninguém, e todavia el-rei de Calecut arma por sua mão alguns principais da própria maneira que faz o de Cananor, por lhe fazer honra e favor, porém são muito poucos.

Estes naires quando vão à guerra pelejam esforçadamente, tomam a espada dos inimigos que matam, e trabalham muito por isso, por o haverem por grande honra, e trazem-na logo a el-rei ou senhor com que vivem, com muita festa e prazer, acompanhados de seus parentes e amigos, e trazem a espada, que tomou, à mão direita e a sua à esquerda; e, ainda que el-rei esteja muito longe donde foi a guerra, lá lha levam e apresentam com muita alegria, e el-rei se alevanta, e erguendo as mãos para o nascimento do sol, o adora. Então recebe aquela espada, honrando e favorecendo muito ao naire que a traz, e faz logo assentar isto a um escrivão, dando ao naire um bracelete de ouro metendo-lhe no braço por honra, e assim, o despedem; a espada mandam-na meter num armazém onde têm outras muitas, que não servem de mais que de estar ali por memória.

Estes naires, quando assentam vivendo com el-rei ou outra qualquer pessoa de que hão-de receber soldo, prometem de morrerem por ele, e esta lei é entre eles guardada dos mais, alguns o não cumprem, mas é isto de geral obrigação.

Assim que, em alguma guerra matam seu rei, ou senhor, se se eles acham presentes, fazem o que podem até morte; e se não acham aí, ainda que venham de casa, vêm buscar aquela pessoa que o matou ou rei que o mandou matar, e

(1) Mandam-lhe dar soldo.

ali, por mais que sejam os contrários, cada um sem tornar atrás faz tanto até que o matam.

Se alguma pessoa se teme, toma destes naires um ou dois ou aqueles que se atrevem a manter, a que dá uma certa quantia pequena, para que o guardem; ninguém por amor deles lhe ousa a fazer mal, porque eles e toda a linhagem vingam a injúria que ao tal fosse feita, ainda que seja contra el-rei, e, por isso el-rei muitas vezes deixa de matar ou castigar pessoas que o têm ofendido, que têm em sua guarda naires, por não ser causa deles morrerem, porque ainda que à tal injúria não fossem presentes, morrerão por a vingar.

Estes naires vivem sobre si, fora de povoação, apartados de outras gentes, cercados de mui altos vales; ali têm seus palmares e tanques; não se tocam com nenhuma outra gente, nem comem senão com naires, não bebem vinho, não dormem com mulheres baixas, tudo isto sob pena de morte.

Quando vão por caminho ou rua vão bradando aos vilões que se afastem de por onde hão-de passar, eles o fazem, e, não querendo fazer, o naire os pode matar sem pena, e ainda que seja moço fidalgo muito pobre e sem valia.

Achando no caminho um homem baixo, mui rico e honrado, e mui favorecido de el-rei, assim o faz afastar como se ele fosse um rei, e, nisto, têm os naires mui grande primor, e assim, o fazem as mulheres às outras.

Isto dizem que o fazem por não macularem seu sangue, se um destes vilões, por desastre ou vontade, tocar alguma mulher naire, seus parentes a matam logo, e a ele e a quantos parentes têm, se os podem haver à mão. Se estes naires mandam fazer alguma obra aos vilões ou lhe compram alguma coisa, o mandam de pessoa a pessoa, não têm outra pena tocando-se com eles, que serem obrigados a não entrarem em suas casas sem se primeiro lavar e trocar os vestidos que trazem com outros lavados, e, assim, o fazem as mulheres, mas este comércio há-de ser fora e não em casa.

Depois que são dentro nas cidades alguma coisa se tocam mais com a gente, mas todavia os vilões hão-se de chegar às paredes e deixá-los passar.

Nas cidades não entra mulher nenhuma de naire, sob pena de morte, senão uma vez no ano, para o que têm uma noite ordenada em que podem andar com seus naires por onde quiserem; nesta noite entram principalmente em Calecut mais de vinte mil mulheres, todas de naires.

Os moradores da cidade por os honrarem põem esta noite muitas candeias pelas ruas. As casas das pessoas principais estão todas muito alcatifadas e paramentadas de ricos panos. As naires entram a ver as casas dos amigos aonde recebem muitas dádivas e gasalhado, convidam-nas com bétele, que entre eles se costuma e há por honra, e conservas de açúcar, que têm por grande honra receber das mãos de seus amigos, delas vêm embuçadas delas de praça [1]. Também vêm as mães e irmãs, sobrinhas dos reis a ver as cidades e toda a noite as andam vendo, e, assim, as casas destes mais grossos mercadores de que recebem grandes dádivas e presentes, porque elas também têm cuidado de os susterem no favor e amizade do rei.

Estes naires depois que assentam vivenda com el-rei nunca perdem a moradia que dele têm; e, ainda que muito velhas, sempre a hão por inteiro até à morte, antes acrescentam algumas pessoas.

Se passam alguns anos que estes não pagam suas moradias, ajuntam-se quatrocentos ou quinhentos desses agravados avante à porta do paço, donde mandam dizer a el-rei que eles vão de caminho espedidos dele para irem viver com outro senhor ou rei, porquanto lhes não dá de comer; e el-rei lhes manda então rogar que se sofram, que cedo serão remediados; e, se

(1) A cara descoberta.

lhes logo não dão a terça parte do que lhes é devido prometendo-lhes de cedo lhes dar a demasia, vão-se a outro rei que lhes parece que deles terá necessidade, ante quem se apresentam dizendo-lhe quem são, donde e porque vão; e el-rei os agasalha e lhes dá de comer até três dias, sem os assentar em soldo, e também, nestes dias lhes dá certa coisa para cada dia, com que honestamente se podem manter. Neste tempo manda a saber de el-rei de quem se espediram, se lhes quer logo pagar, e, não havendo aí remédio para isso, então se assentam com o outro, o que entre os reis é grande abatimento e injúria de seu estado.

Quando andam na guerra pagam os reis a todos os naires que nela servem, ainda que sejam doutros senhores, suas moradias cada dia, que é quatro taras a cada um; e, cada dia, tem cinco réis; no tempo que andam na guerra se podem tocar com toda a gente e com vilões, e comer e beber com eles em suas casas, sem se lavarem.

El-rei é obrigado a manter a mãe e sobrinhos dos naires, que na guerra morrem; e, logo, os assenta em soldo; se os ferem, el-rei os manda curar muito bem, além do que lhes dá ordinário [1]; e alguns, além disto, têm suas fazendas de que vivem, e com que mantêm suas irmãs, a que têm mui grande acatamento, principalmente às mais velhas, com que têm grande parcialidade, com as mais moças não entram em uma câmara, nem em casa onde estejam sós, nem se tocam com elas, nem lhes falam por não darem azo a pecarem com elas, por serem mais moças, porque com a maior não o poderem fazer pelo grande acatamento que lhe têm.

Estas mulheres naires, quando estão em seu costume [2], fecham-se em sua casa, apartadas três dias sem se tocarem com ninguém; o seu comer elas o fazem em panelas e bacias apar-

(1) Comida, tratamento cotidiano.

(2) Em tempo de mênstruo.

tadas. Acabados os três dias, se lavam em água quente, vestindo-se doutros panos lavados; então saiem de casa, e se vão a um tanque, se lavam outra vez, e deixam aqueles panos limpos e tomam outros, e desta maneira se podem ir a casa, conversar com sua mãe e irmãs e outra gente.

A casa onde elas estiveram aqueles três dias é embostada e varrida; embostada com bosta de bois, porque doutra maneira não entrará ninguém nela.

Estas mulheres quando parem são logo muito bem lavadas com muita água quente os primeiros três dias, e, depois disso, outras muitas vezes, de cima, da cabeça até os pés.

Estas não fazem nenhum ofício senão fazer de comer para si, e ganhar de comer por seus corpos, porque além de que cada uma tem três e quatro amigos, que lhes dão de comer, não se negam a nenhum bramene ou naire que lhe dá dinheiro.

São mulheres mui limpas, tratam-se muito bem, hão por grande honra e galantaria, e prezam-se muito de se saber comprazer aos homens, e têm por fé que toda a mulher que morre virgem é danada.

Têm os naires grande acatamento aos parentes e irmãos, o menor está diante dos outros com muita cortesia, e com a mão na boca por silêncio, respondendo sòmente ao que lhe perguntam, com grande acatamento aos mestres; e, tanto que el-rei se alevanta em pé, quando seu mestre entra onde ele está, e ambos se adoram um ao outro, o mestre há ele por rei, e ele há o outro por mestre.

Quando estes naires morrem, mandam queimar seus corpos dentro em seus cerrados e quintães, e aí os pranteiam sua mãe e parentes, e a cinza deitam em rios correntes.

O sobrinho, ou quem o há-de herdar, toma dó por ele em seu amo, da maneira que o traz o principe por el-rei, faz o comer por sua mão, ou lho faz um bramene; lava-se primeiro que coma com grandes cerimónias, mudando os panos que

traz e tomando outros, bate as palmas primeiro que coma, ao que acodem muitas gralhas, e, ele lhes dá de comer fazendo muitas outras idolatrias, e dando esmola aos pobres e a bramenes, segundo o que tem de seu; acabado o ano tira o dó, e faz outras cerimónias à maneira de saimento.

Todos estes naires são mui grandes guerreiros; crêem em muitos fantasmas; têm entre si dias bons e maus, nos maus não começarão nenhuma coisa nem farão nada; crêem também em sinais, que se um gato se atravessa diante deles, estando para fazer qualquer coisa, não a fazem, se em saindo de casa a algum negócio, acham alguma gralha a acarretar lenha, tornam-se; se em partindo doutras pessoas com que estão, algum dos que fica espirra, o que se ia se torna a assentar, e não parte tão asinha.

Estes adoram o sol e a lua, e a candeia e as vacas, e honram-nas muito; crêem muito de ligeiro, se algum é demoninhado dizem que é o seu deus que se mete nele, e o que lho demónio faz dizer, que são coisas espantosas, tudo crêem, e fá-los acutilar a si mesmos, e tudo o que dizem a el-rei sem dúvida nenhuma o faz logo e o demónio para lhe darem crédito lhe faz mui diabólicos sinais; crêem que um homem depois de morto pode tornar a nascer doutra mulher com os próprios sinais.

Há também neste reino do Malabar outra lei de gente que chamam brabares, que são mercadores índios naturais da terra; e, assim, o eram, antes que gentes estrangeiras houvessem navegação da Índia. Tratam em toda sorte de mercadorias, assim nos portos do mar como no sertão, onde se mais usa seu trato.

Estes recolhem em si toda a pimenta e gengibre dos naires e lavradores, e, muitas vezes, compram as novidades de antemão, a troco de panos de algodão e outras mercadorias que nos portos do mar hão, e depois as revendem e ganham muito dinheiro.

Têm estes tais liberdades, que o rei do reino, em que vivem, os não pode matar por justiça, se el-rei souber que, algum deles, fez algum malefício por que deve ser punido, faz o saber aos outros, e eles se ajuntam os principais em conselho, e matam o delinquente às lançadas e cutiladas, fazendo saber a el-rei a justiça que nele fazem.

São homens mui ricos, e de muitas heranças na terra antigamente havidas, casam com uma só mulher à nossa maneira, os filhos os herdam, e quando morrem mandam queimar seus corpos; suas mulheres os vão pranteando até o fogo, e, chegando a ele, tiram do pescoço uma jóia pequena de ouro que lhe eles dão quando as recebem, e lançam-na sobre ele no fogo; e, assim, se tornam para casa; não tornam a casar ainda que sejam moças de pouca idade. Se elas morrem os maridos as mandam queimar e depois podem casar outra vez; estes são tão limpos de linhagem que se podem os naires tocar com eles.

Há nesta terra outra lei de gente a que chamam cuiavem, que não tinham diferença dos naires, sòmente, por um erro que fizeram, ficaram em lei sobre si. Seu ofício é fazerem louça e tejolo para cobrirem as casas dos reis e dos ídolos, as quais cobrem com o tejolo em lugar de telha, estas sòmente, porque, como já disse, as mais se cobrem com rama. Têm idolatria sobre si, e seus ídolos apartados.

Nas suas casas de oração, a que chamam pagodes, fazem muitas feitiçarias e nigromâncias e os que nascem deles não podem ter outra lei ou ofício.

Acerca do casamento têm a lei dos naires, com as mulheres destes podem os naires dormir, com condição que não podem entrar em suas próprias casas sem se lavarem do tal pecado e mudarem os vestidos.

Há assim outra lei de gentios a que chamam mainates que têm por ofício lavarem roupa aos reis, bramenes e naires, e disto vivem, e não podem tomar outro nem seus filhos;

lavam junto com suas casas em grandes tanques e poços que para isso têm.

Estes têm tantos vestidos assim seus como alheios, que há muitos naires que não têm panos para vestir próprios seus e fazem partido com estes e cada mês lhes dão certa coisa por lhe darem cada dia uns muito bem lavados, e disto vivem.

Este naire manda cada dia a sua casa um moço que lhe leva uns e traz outros, conforme ao que requerem suas fidalguias, e aos outros lavam por dinheiro; e, assim, a todos servem mui limpamente e com isso se mantêm abastadamente.

Suas gerações se não misturam com outras nenhumas, nem outras com elas, sòmente os naires podem ter por mancebas as mulheres destes com a condição de se lavarem e mudarem panos. Estes lavadeiros têm idolatria sobre si e seus templos apartados, crêem em desvairadas coisas. Têm a lei do casamento dos naires; seus irmãos, sobrinhos os herdam.

Há outra lei mais baixa que estes a que chamam caletis, que são tecedores, não têm outro ofício em que ganhem de comer senão em tecer panos de algodões e alguns de seda, mas são baixos, de pouco dinheiro, de que se vestem as gentes baixas.

Têm lei sobre si e idolatria apartada, sua linhagem se não mistura com nenhuma outra, sòmente os naires podem ter suas mulheres por mancebas com a condição acima. Muitos destes são filhos de naires e seus filhos não herdam.

As mulheres são livres de suas pessoas, fazem o que querem de seus corpos, mas não se misturam com outra linhagem senão com a sua e dos naires sob pena de morte.

Há afora estas gentes acima onze leis de outras mais baixas, com que as outras se não misturam e tocam sob pena de morte e entre uns e outros há grandes apartamentos,

guardando-se de se misturar uma casta com outra casta.

Os mais limpos de toda esta baixa e cível [1] chamam tuias, que são grandes trabalhadores, seu ofício principal é adubarem as palmeiras e colherem os frutos delas e acarretarem por dinheiro às costas tudo, que na terra não há bestas de carreto.

São caboqueiros e ganham de comer em toda a cousa de trabalho, alguns aprendem o uso das armas pelejam mui bem quando cumpre.

Estes trazem por sinais nas mãos uns paus de braça. Os mais deles são escravos de terras dos naires a quem os reis os dão para deles comerem e se manterem, e eles têm cuidado de os guardarem e favorecerem.

Têm sobre si ídolos em que crêem. Seus sobrinhos são seus herdeiros, eles são casados, mas seus filhos não herdam porque suas mulheres pùblicamente ganham de comer por seus corpos e a ninguém se negam nem aos estrangeiros, de que os maridos são sabedores e lhe dão lugar para o fazerem.

Estes fazem o vinho da terra e o vendem, o que nenhuns outros podem fazer.

Guardam-se muito de se tocarem com outra gente mais baixa que si, e vivem apartados das outras gentes.

Entre eles há aí alguns que dois irmãos têm uma mulher, e dormem com ela sem o estranhar.

Há outra lei de gente mais baixa que esta que chamam mancu, que se não misturam nem tocam com ninguém, nem outros com eles. São lavandeiros da gente comua, e colchoeiros; os quais ofícios ninguém pode usar senão eles; seus filhos todos por força o hão-de ser.

---

[1] Vilã.

Têm idolatria também sobre si, estes lavam os panos às nairas, de quando estão sobre si com seu costume, os quais panos por orça hão-de ser lavados e torcidos por estes lavandeiros, e não pelos outros, porque não sendo assim não ficam livres do pecado. Estes são escravos de el-rei, e também dos naires.

Há outra lei nesta terra de gente mais baixa, a que chamam canacas, que têm por ofício fazerem adargas e sombreiros; estes aprendem letras para astralomia [1], são grandes astrólogos e dizem muito certo muitas cousas futuras, e há senhores que, por isto, lhe dão mantimentos.

Os reis se desejam saber algumas coisas, mandam chamar estes, e, saindo-se de seus paços por detrás, onde têm as hortas, se vêm com eles, e lhe perguntam o que querem, eles o escrevem, e se vão para suas casas a estudá-lo, e, estudado, se tornam ao mesmo lugar, porque por sua baixeza não podem entrar nos paços, onde el-rei vai com alguns privados, e, arredados dele, lhe dizem o que daquilo alcançam por seu saber.

São também letrados em suas idolatrias e agouros, e, tanto, que não começará nenhum rei ou senhor nenhuma coisa, nem sairá de casa, sem perguntar a estes o dia e hora em que o fará, o que também fazem alguns mercadores grossos para suas viagens; e, com isto, ganham de comer para si, suas mulheres, filhos e senhores, cujos cativos são.

Ninguém sai do que eles dizem. Trazem sempre grandes feixes de folhas de palmas escritas de suas bulras [2]. Não entram em casa de nenhum gentio honrado, na rua se assentam e aí fazem seus juizos e contas; conhecem bem os signos [3] e planetas, e têm tudo afigurado como nós, e os meses partidos [1], senão que têm meses de vinte e nove dias, trinta, trinta e dois, e, assim há pouca diferença dos nossos, porque alguns acertam a ficar iguais. O primeiro mês de seu ano é Abril, porque nesta terra em Maio e Junho, Julho e Agosto e Setembro, meado, é o Inverno com grandes chuvas e tempestades; de meado Setembro o outro é Verão de muitas calmas e poucos ventos.

(1) Astronomia.

(2) Burlas.

(3) As figuras que representam as doze constelações do zodíaco.

Na costa sempre há terrinhos [2] e virações, no verão sòmente navegam, e no inverno varam as naus.

Há outra lei de gente mais baixa, também gentios, a que chamam ageres. Seus ofícios são pedreiros e carpinteiros e ferreiros, vasadores de metal e alguns ourives. Estes são todos de uma linhagem e lei sobre si, e têm seus ídolos apartados das outras gentes.

São casados; seus filhos herdam suas fazendas e aprendem os ofícios dos pais, são escravos del-rei e dos naires, e mui subtis em seus ofícios.

Há nesta terra outra lei de gente mais baixa que chamam mogeres, são quási como os tuias, mas não se tocam uns com outros, estes servem de carretar todas as coisas do estado del-rei, quando se ele muda de algum lugar para outro, mas há muito poucos destes na terra.

Têm lei sobre si, não têm lei de casamento, pela maior parte ganham de comer pelo mar; são marinheiros, e, alguns, pescadores.

Adoram ídolos sobre si. São também escravos dos naires.

Há aí deles muito ricos, que têm navios com que navegam, e tratam com os mouros. Seus sobrinhos são seus herdeiros não seus filhos, porque suas mulheres são muito devassas, e dão-se a quem querem.

(1) Divididos.

(2) Ventos da terra.

Guardam-se muito de se tocarem com outra gente mais baixa que si, vivem em povoações apartadas. São suas mulheres gentis mulheres e brancas, tratam-se mui bem. São filhos de estrangeiros, mais brancos que os naturais do país e as mulheres andam mui bem vestidas com muitos ornatos de ouro.

Há também outra lei de gentios mais baixa a que chamam monquer. São pescadores que não têm outro ofício senão pescar, alguns navegam em naus de mouros e dos outros gentios, e são muito naturais do mar. Estes vivem em povoações apartados sobre si, onde fazem suas pescarias. É uma gente mui cível, são grandes ladrões, sem vergonha.

São casados, seus filhos herdam suas fazendas; suas mulheres são mui soltas, dormem com quem querem sem eles o haverem por mal.

Têm idolatria sobre si. São escravos do rei e naires da terra. Não pagam nenhum direito de pescado fresco; se secam algum pagam a quatro por cento, e, desta maneira, é o pescado muito barato, que é o mor mantimento que entre eles há, porque comem muito poucas carnes, e, na terra, não há muita criação.

Há alguns destes que são mui ricos e abastados, têm grandes casas e fazendas, as quais lhes el-rei toma cada vez que quer, e eles lhe peitam grossamente a seus governadores para que as não tome.

Há nesta terra do Malabar outra lei de gentios mais baixa, a que chamam betunes, cujo ofício é fazer sal e semear arroz, nem vivem doutra coisa. Têm as suas casas apartadas nos campos, desviadas dos caminhos por onde os nobres não andam. Tem idolatria sôbre si. São escravos de reis e naires. Vivem pobres; os naires os fazem andar mui longe de si, e de muito longe lhe falam, não conversam com nenhuma gente outra. São casados, seus filhos herdam suas fazendas.

Há nesta terra outra lei de gentios mais baixa e cível

a que chamam pancens, que são mui grandes feiticeiros, não ganham de comer por outra coisa, falam com os demónios visìvelmente, os quais sentem em alguns, fazendo-lhes dizer coisas espantosas.

Quando algum rei adoece manda chamar estes homens e mulheres, dos quais vêm dez e doze casas, os melhores oficiais e mais aceitos ao diabo, com suas mulheres e filhos. À porta do paço armam uma tenda de panos pintados, onde se metem, e dali vão ao chamado de outro algum senhor, se os há mister; pintam seus corpos de muitas cores, fazem coroas de papel e outras invenções com muitas flores e ervas; fazem grandes fogareiros e candeias acesas; trazem atabaques, trombetas e bacias, com que tangem.

Então saiem das tendas dois em dois com suas espadas nuas nas mãos, dando gritos, fazendo esgares, correndo pelo terreiro, saltando um trás outro; desta maneira andam um pedaço dando-se cutiladas, metendo-se no fogo nus e descalços, até que cansam, e, então, saiem outros dois ou três, assim homens como moços, cantando, e fazem outro tanto. As mulheres estão cantando e bradando, e fazendo grande arruido; nisto estão dois ou três dias de noite e de dia, trabalhando uns com os outros, e fazendo circulos no terreiro com riscos de almagra de um barro branco; lançam dentro no círculo arroz e flores vermelhas, põem derredor candeias. E assim andam nisto até que o diabo, por cujo serviço o fazem, se mete em um deles, e lhes faz dizer de que el-rei é doente e com que será são, e, assim lho diz e ele fica mui contente; manda-lhes dar de comer, dinheiro e panos, e faz o que lhe manda.

Esta gente também vive apartada da conversação [1] da honrada, não se tocam com nenhuma lei das outras.

---

[1] Convivência.

Também são grandes frecheiros, caçadores e monteiros, matam muitos porcos, veados e outras alimárias e aves de que se mantêm.

São casados, seus filhos herdam suas fazendas.

Há outra lei de gente mais baixa e cível que chamam revoleens, mui pobres, vivem e mantêm-se de carretar lenha e erva para as cidades; não se tocam com ninguém, nem ninguém com eles, sob pena de morte.

Andam nus, sòmente cobrem suas vergonhas com uns panos muito pequenos e sujos, os mais deles com umas folhas de árvores.

Têm lei de casamento, seus filhos herdam suas fazendas. Suas mulheres trazem nas orelhas muitas argolas de latão, e no pescoço, braços e pernas, braceletes e manilhas feitos de contas.

Há nesta terra outra lei de gentios mais baixa, a que chamam poleas; estes se têm entre eles por malditos e excomungados. Vivem nos campos e várzeas, em lugares muito descobertos, onde senão por desastre podem ir gentes honradas; vivem em umas casinhas, muito pequenas e vis; semeiam arroz com búfaros e bois. Não falam com os naires, senão de mui longe, quanto os possam entender, bradando.

Quando vão pelos caminhos dão grandes gritos que os deixem passar, e, quem quer que os ouve, se arreda logo do caminho, metendo-se pelo mato para que eles passem; qualquer homem e mulher que com estes se tocar, matam-no logo seus parentes e em vingança matam dos [1] poleas, até que se enfadam sem haverem pena alguma.

Estes em certos meses do ano trabalham quanto podem por tocar qualquer mulher de naire, de noite o mais secretamente que pode ser, por fazer mal só, e vão-se de noite

(1) Uns tantos.

andar por entre as casas dos naires a tocar mulheres, e elas se guardam nestes meses muito, e se eles alguma mulher tocam, ainda que a não veja ninguém nem haja testemunhas, ela se publica [1] logo bradando e não se quer mais meter em casa por não danarem [2] sua linhagem, e o mais que nisto faz é fugir para casa de alguma outra gente baixa, e se escondem para não a matarem seus parentes, para daí se remediar e ser vendida a alguns estrangeiros como se faz muitas vezes.

O tocar é desta maneira, que ainda que não seja de palavra a palavra, arremessa-lhe qualquer cousa, pedra ou pau, e dando-lhe com ela fica tocada e perdida. Estes são mui grandes feiticeiros e ladrões e gente muito ruim.

Há outra lei de gente mais baixa e cível a que chamam parcens, que vivem nos mais desabitados lugares, apartados das outras gentes, não conversam com ninguém, nem ninguém com eles, hão-nos por piores que diabos e danados, porque sòmente de os verem se hão por sujos e excomungados.

Comem inhames e outras raízes de frutas bravas.

Cobrem as vergonhas com folhas. Comem também carnes montesas.

Nestes se acabam as diferenças das leis dos gentios que são por todas dezoito, e cada uma é sobre si, sem se poderem tocar nem misturar em casamento; e, afora estas dezoito leis dos gentios naturais do Malabar, que vos já disse, há outras de gentes estrangeiras mercadores e tratantes na terra, onde têm casas, fazendas, vivendo já como naturais, porém com costumes sobre si, que são estes. Primeiramente destas gentes que digo estrangeiras que no Malabar moram,

(1) Manifesta.
(2) Mancharem.

uma lei há que chamam chatis, naturais da província de Charamandel, de que ao diante falarei.

São homens baços quase brancos e gordos.

Pela maior parte são grandes mercadores, tratam em pedraria, aljôfar e coral e em outras ricas mercadorias como é ouro e prata amoedado e por amoedar, que entre eles é grossa mercadoria e tratam nela porque a levantam e abaixam muitas vezes.

São homens mui ricos e honrados e vivem limpamente. Têm grandes casas em ruas apartadas sobre si; e, assim, têm também suas casas de oração e ídolos diferentes dos naturais da terra.

Andam nus da cintura para cima, e, para baixo, trazem derredor uns panos grandes de muitas varas, nas cabeças umas touquinhas e cabelo comprido apanhado dentro na touca, trazem as barbas feitas e umas dedadas de cinza com sândalo e açafrão pelos peitos testas e hombros, nas orelhas uns furos grandes, por onde caberá um ovo, que trazem cheios de ouro com muita pedraria e muitos aneis nos dedos, cingem cintas de ouro e pedraria e trazem no seio continuadamente umas bolsas grandes em que trazem balanças e pesos de suas moedas de ouro e prata e pedraria.

Seus flhos com são de dez anos logo as trazem também, andam caimbando [1] moedas miudas, são grandes escrivães e contadores, e pelos dedos fazem todas suas contas, são mui onzeneiros, e, tanto que um irmão a outro não empresta um ceitil sem ganho, são mui regrados e regidos no comer e gastar.

Sua lingua é diferente da do Malabar assim como castelhanos e portugueses.

Casam à nossa maneira; seus filhos herdam suas fazen-

---

[1] Cambiando.

das. Se o marido morrer, a mulher não casa, mais por moça que seja; morrendo a mulher o marido se pode casar outra vez; se ela lhe faz malefício pode-a matar com peçonha sem nenhuma pena.

Estes têm jurisdição sobre si, os reis não podem entender em suas culpas, eles fazem justiça uns dos outros de que el-rei é contente.

Quando morrem mandam queimar seus corpos. Comem tudo, sòmente vaca.

Há no reino de Calecut outra lei de mercadores gentios que chamam buzarates, em Cambaia donde eles são naturais se chamam bancanes.

Já no dito de Cambaia disse seus costumes de que pròpriamente usam no Malabar, porque alguns vivem em Cochim, em Cananor também, porém a maior parte em Calecut; tratam em toda sorte de mercadorias para muitas partes, folgam os reis com eles na terra pelos muitos direitos que lhe pagam de seus tratos. Vivem em grandes casas e ruas sobre si, como em nossas partes soiam a viver os judeus. Em seus ídolos são diferentes dos outros. Têm muitos sinos grandes e pequenos à nossa maneira.

Há também nesta região do Malabar grande soma de mouros da própria língua dos gentios da terra. Andam nus assim como os naires, sòmente trazem por diferença de gentios carapucinhas redondas nas cabeças, as barbas compridas. Destes há tantos e tão arraigados por todo Malabar, que me parece que a quinta parte são eles espalhados por todos os reinos e províncias.

São mui ricos e abastados, todo trato e navegação do mar têm, e são de tal maneira que se el-rei de Portugal não descobrira a Índia, já o Malabar fora todo de mouros e tivera rei mouro, pois que os gentios por qualquer desprazer que recebiam se tornavam mouros, e os mouros os honravam muito, e, se era mulher, a tomavam em casamento.

Estes têm costume dos gentios em muitas coisas. Seus filhos herdam a metade de suas fazendas e a outra metade seus sobrinhos, filhos de irmã.

Têm a seita de Mafamede, honram a sexta-feira, têm por toda a terra muitas mesquitas.

Casam com quantas mulheres podem manter, e, além disso, têm muitas mancebas gentias baixas da terra, e, se hão filho ou filha destas tornam-no mouro; e, às vezes, a mãe também, e, assim, foi no Malabar, multiplicando esta péssima geração, a que os da terra chamam mapulures.

Há também na cidade de Calecut muitos mouros outros estrangeiros, a que chamam pardetis, naturais de diversas partes, arábios, pérsios, guzarates, curaanes e daquanis, que aqui estão estantes.

Por a terra ser de grosso trato se ajuntaram aí muitos com mulheres e filhos que vieram a crescer. Navegam para todas as partes com muitas mercadorias.

Têm na própria cidade governador mouro sobre si, que os governa e castiga sem o rei da terra entender neles, sòmente o seu governador dá dalgumas coisas conta a el-rei.

Antes que os portugueses descobrissem a Índia eram tantos e tão possantes e soltos na cidade, que os gentios não ousavam de andar por ela por sua soberba, depois vendo a determinação dos portugueses, trabalharam por os lançar fora da Índia; e, não o podendo fazer, pouco e pouco se foram caminho de suas terras, deixando a Índia e trato, de maneira que assim ficaram mui poucos sem nenhuma força.

Estes no tempo que prosperaram nos seus tratos e navegação, faziam nesta cidade naus de quilha de mil e mil duzentos bahares de cárrega; estas naus eram feitas sem nenhuma pregadura, todo o tabuado cosido com tamisa, e

as obras de cima mui desviadas da feição das nossas, sem nenhuma coberta.

Aqui carregavam toda sorte de mercadorias para todas as partes, e partiam desta cidade cada monção dez e quinze naus destas para o mar Roxo, Adem e Meca, onde vendiam muito bem suas mercadorias, algumas aos mercadores de Judá que, daí, as levavam em pequenos navios ao Toro, e do Toro iam ao Cairo e do Cairo a Alexandria, e daí a Veneza, por onde vinham ter a nossas partes, as quais mercadorias eram muita pimenta e gengibre e canela, cardamomo, miramulanos, tamarinos, canafístula, e toda sorte de pedraria, aljôfar, almíscare, âmbar, ruibarbo, lenho-aloés, muitos panos de algodões e porcelanas.

Algumas destas naus carregavam em Judá de cobre, azougue, vermelhão, coral, açafrão, veludos pintados, águas-rosadas, facas, chamalotes de cores, ouro, prata e outras muitas coisas que tornavam a vender em Calecut, donde partiam em Fevereiro, chegavam de meado Agosto, até meado Outubro do próprio ano, e, neste trato enriqueciam grossissimamente.

Estes de torna-viagem traziam consigo à cidade outros mercadores estrangeiros que nela assentavam, começando a fazer suas naus e tratos, de que el-rei havia grossos direitos, o qual tanto que chegava um mercador destes, à cidade, lhe dava um naire para o guardar e servir, um escrivão chatim para lhe fazer suas contas e grangear sua fazenda, e um corretor para lhe fazer haver a mercadoria que ele houvesse mister, os quais três pessoas o mercador paga cada mês bons mantimentos, e todos eles serviam muito bem, e, quando o mercador comprava especiarias, os vendedores lhe davam por cada vinte e cinco libras de gengibre, quatro libras dela para os ditos três servidores, e, assim, de todas as outras mercadorias.

Estes são homens alvos e mui gentis homens e vistosos;

andam mui bem vestidos e ataviados de panos de seda, grã, chamalotes, algodão, suas toucas foteadas [1] nas cabeças; traziam mui grandes casas e muitos servidores. São mui viçosos em comer e beber e dormir; e, desta maneira, prosperavam estes antes da ida dos portugueses à Índia; já agora não há quási nenhuns e esses que há não vivem soltos.

Até aqui tenho dito bem largamente todas as leis e diversas maneiras de gente do Malabar, e algumas separadas em Calecut. Direi agora o sítio de cada reino dele por si, e com a dita terra do Malabar jaz repartida.

REINO DE CANANOR

Haveis de saber que de Cumbola, que é de el-rei de Narsinga, contra o Sul, ao longo da costa, está um lugar que chamam Cotecolão, em a borda do mar, numa fortaleza em que está um sobrinho do rei Cananor, o fronteiro. Mais ao diante está um rio a que chamam Miraporão, em que está um lugar porto de mar, de mouros e gentios de grande trato e navegação, em que está outro seu sobrinho que muitas vezes se lhe alevanta, e el-rei o torna a meter debaixo de seu mandado.

Passado este lugar de longo da costa está o monte Deli, na beira do mar, que é um monte muito alto e redondo, em terra baixa por onde todas as naus de mouros e gentios que pelo mar índio navegam, se regem, e dele fazem sua rota quando hão-de partir. Deste monte correm muitas águas de

(1) Ao modo de fota.

que as naus se provêm, há nele muita lenha em que entra muita canela brava.

Logo ao pé dele, para o Sul, está um lugar que chamam Maranel, mui antigo, viçoso e farto, povoado de mouros e gentios e judeus da língua da terra, e há muito tempo que nela estão e vivem. Neste lugar de roda do monte Deli se faz mui grande pescaria. Logo perto dali adiante ao longo da costa está um rio do qual está dentro uma cidade mui boa de mouros e gentios, a que chamam Balaerpartão, em qüem el-rei de Cananor sempre está, onde tem mui grandes e mui formosos paços, e na borda dela está um monte em que está uma fortaleza. Ao sertão desta cidade, quatro ou a que cinco léguas, está uma cidade de mouros e gentios mui grande e de grosso trato com os mercadores do reino de Narsinga, a qual se chama Faliparão, gasta-se nela muito cobre.

Na costa do mar passando esta cidade de Balaerpartão, contra o sul, está uma mui grande cidade que chamam Cananor, de muitos mouros e gentios. São mercadores, têm muitas naus grandes e pequenas, tratam em toda sorte de mercadorias para o grande reino de Cambaia, Ormuz, Charamandel, Dabul, Chaul, Banda, Goa, Ceilão, e para as ilhas de Maldiva.

Nesta cidade tem el-rei, nosso senhor, uma fortaleza e feitoria de trato, com muita paz amor e segurança, derredor da qual fortaleza está uma vila de cristãos da terra, casados, com mulheres e filhos, que depois dela feita se converteram à nossa santa Fé e convertem cada dia.

Passando esta cidade de longo da costa ao Sul, está um lugar de mouros que chamam Cragate. Têm naus com que navegam e são naturais da terra.

Adiante deste lugar está um rio, que faz dois braços, com que navegam e cercam uma grande cidade de mouros naturais da terra, a que chamam Tremopatão, os quais são natu-

rais da terra, mui ricos mercadores de muitas e grandes naus.

Este é o derradeiro lugar que el-rei de Cananor tem contra Calecut. Tem mui formosas mesquitas dos mouros; e, são tão ricos e poderosos, que por qualquer agravo que recebem se lhe alevantam com a cidade; de maneira que muitas vezes é necessário vir el-rei para amansá-los e afagá-los, e se os portugueses não descobriram a Índia já esta cidade tivera rei mouro sobre si e convertera todo o Malabar à seita de Mafamede.

Pelo mesmo rio acima, quatro léguas desta cidade, está outra mui grande e rica cidade de mouros, naturais da terra, a que chamam Quategatão. Têm os moradores mui grosso trato com os de Narsinga. Aqui, e em todo reino de Cananor nasce mui boa pimenta, mas não é muita, há muito gengibre, cardamomo, miramulanos, canafístula, zerumba [1] e zodoairo [2].

Há também neste reino, em alguns rios grandes, mui grandes lagartos que comem os homens, cujo bafo, estando vivos, cheiram como algália; pela terra entre os matos e ervas algumas serpentes, a que os índios chamam nurcas e nós cobras de capela, porque fazem um sombreiro sobre a cabeça; são peçonhentas e a pessoa que mordem não dura mais que duas horas e algumas vezes dois ou três dias.

Muitos trejeitadores trazem estas vivas em panelas, encantadas que não mordem, e com elas ganham muito dinheiro, pondo-as ao pescoço, mostrando-as.

Há outra sorte de cobras muito mais peçonhentas, a que os índios chamam madalis, que são tão venenosas que em mordendo matam, sem a pessoa a que mordem em lhe achegando poder mais falar, nem fazer jeito de morrer.

---

(1) Gengibre silvestre.

(2) Planta medicinal.

REINO DE CALECUT

Deixando o reino de Cananor contra o Sul, da outra parte do mesmo rio de Tremopatão, está uma vila de mouros da terra que se chama Firamuingate, onde há muitas naus e navegação. Além desta vila um rio, em que jaz um grande lugar de mouros, que chamam Manjaim, também de grande navegação de muitas naus e trato.

Além deste, está outro lugar também de mouros, que chamam Chamobai, de muita navegação.

Ao sertão destes três lugares é a terra mui povoada de naires, que são mui bons homens, e não obedecem a nenhum rei, e são repartidos em dois senhores naires que os governam.

Passando estes lugares está um rio que chamam Hopedirpatão, em que está um lugar de mouros de muitas mercadorias e navegação, do qual lugar se começa o reino de Calecut, passando o qual está outro ao longo da costa que chamam Tircore.

Passando este, está outro a que chamam Pandanarc; além do qual está outro, que tem um rio pequeno, que chamam Capucate. É um lugar de muito trato e de muitas naus, onde pela praia do mar se acham muitas safiras moles.

Passando este lugar, duas léguas dele, está a cidade de Calecut, em que mais tratavam e tratam os estrangeiros que os naturais da terra, onde el-rei nosso senhor, por própria vontade del-rei dela, tem uma mui forte fortaleza.

Passando esta cidade para o Sul está um rio em que jaz outra que chamam Chiliate, onde há muitos mouros naturais da terra mercadores, que têm muitas naus em que navegam.

Passando este rio e lugar está outra cidade do próprio rei de Calecut que chamam Propriamguari, de muitos mouros e gentios, e de grande trato.

Passando esta estão dois lugares de mouros, cinco léguas um do outro, a um chamam Paranaпor, o outro Banor, e no sertão deles está um senhor que o é deles, e tem a seu soldo muitos naires; e, às vezes, se alevanta contra el-rei de Calecut, e não lhe obedece. Estes dois lugares são de trato de muitas mercadorias, e vivem neles grossos mercadores.

Passando estes, de longo da costa para o Sul, está um rio em que está uma cidade de mouros naturais da terra, e alguns gentios, a que chamam panané. Vivem nela muitos e ricos mercadores que têm muitas naus. Nele tem el-rei de Calecut grande renda de direitos. E, mais ao diante, está outro rio que chamam Chatua, pelo qual acima vão muitos lugares de gentios, por ele sai muito grande soma de pimenta que nasce no país. E, mais ao diante ao longo da costa, está outro rio que parte com o reino de Cochim.

Desta banda dele está um lugar que chamam Cananor, onde el-rei de Cochim tem alguns direitos. Nestes lugares vivem muitos mouros, cristãos e gentios índios; os cristãos são da ensinança do bemaventurado S. Tomé, do qual tem aqui uma igreja, de Nossa Senhora outra. São muito devotos cristãos, sòmente carecem de doutrina, de que adiante falarei, porque daqui até Charamandel vivem muitos que o bemaventurado S. Tomé deixou feitos quando nestas partes faleceu.

Passado este lugar de Cranganor, ao longo da costa do mar, se começa a terra del-rei de Cochim pelo sertão; e, por cima de Cochim se estendem as terras de Calecut.

Esta terra, ou por melhor dizer, toda a do Malabar, é coberta ao longo do mar de palmeiras, tão altas como altos aciprestes, têm os pés mui limpos e lisos, e, em cima, uma copa de ramos, entre os quais nasce uma fruta grande que chamam cocos; é fruta de que se eles muito aproveitam, e de que cada ano carregam muitas naus. Estas dão cada ano este fruto sem nunca faltar, nem haver menos nem mais.

Estas palmeiras têm toda a gente do Malabar, por causa delas não podem cair em fome, ainda que lhe falte o outro mantimento, porque dão estas dez ou doze coisas todas mui necessárias a serviço do homem, e de que se eles muito ajudam e aproveitam, e todas em todos os meses.

Primeiramente dão estes cocos, que, em verdes, é uma fruta mui doce e aprazível, deles se tira leite como das amendoas, e, cada um destes verdes, tem dentro em si um grande quartilho de água muito fresca e saborosa, e melhor que de fonte. Depois que são secos, esta mesma água se coalha dentro neles, em uma poma branca, tamanha como uma maçã, que também é muito doce e saborosa. O próprio coco depois de passado se come, e fazem dele muito azeite em lagares como nós, e da casca, que eles têm junto com o miolo; se faz carvão para os ourives, que não lavram com outro; da outra casca de fora, que lança uns fios, fazem toda a cordoalha donde se servem, que é grande mercadoria para muitas partes. E do gomo da própria árvore tiram mosto de que fazem vinho, propriamente como aguardente, e, em tanta quantidade, que se carregam dele muitas naus para fora. Do mesmo mosto fazem muito bom vinagre e muito açúcar muito doce, que na Índia é mui boa mercadoria.

Da folha da árvore fazem umas empreitadas do tamanho do ramo, com que cobrem as casas, porque, como já fica dito, não se cobre com telha senão a casa da oração ou de el-rei, e todas mais se cobrem com palma. Da mesma árvore fazem também madeira para as casas; e, assim, e, tudo isto, em tanta abastança que se carregam muitas naus para fora.

Há aí outras palmeiras doutra sorte mais baixa, donde se colhe a folha em que os gentios escrevem, e serve de papel.

Há outras palmeiras delgadinhas, mui altas e limpas as hastes delas, em que nasce uma fruta tamanha como nozes, que chamam areca, e comem-na com o bétele. E entre eles

mui estimada; é mui feia, desgotosa; há dela tanta quantidade que se carregam também muitas naus para Cambaia e Daquem, e muitas outras partes, onde a levam passada e seca.

REINO DE COCHIM

Indo mais adiante, ao longo da costa, está o reino de Cochim em que há muita pimenta e nasce em tôda a terra em mais árvores à maneira de hera, e trepa pelas outras árvores e por palmeiras e há outra muita em latadas. Cria-se a pimenta nestas árvores em cacho.

Nasce aqui também muito e formoso gengibre, belide e cardamomo, miramulanos, canafístula, zerumba, zedoaira, canela brava.

Tem este reino um rio mui grande e bom, que sai ao mar, por onde entram muito grandes naus de mouros e de cristãos, que no dito reino tratam. Ao longo deste rio está uma cidade habitada de mouros naturais da terra, onde vivem também muitos mouros chatins e grandes mercadores. Têm muitas naus em que tratam para Charamandel e para o grande reino de Cambaia e Dabul e Chaul, com muita areca, cocos, pimenta, jágara e açúcar de palmeiras.

Na boca deste rio tem el-rei nosso senhor uma fortaleza mui formosa, derredor da qual está uma grande povoação de portugueses e cristãos naturais da terra, que se fizeram cristãos depois de assentada nossa fortaleza, e fazem, cada dia, doutros cristãos índios que ficariam da ensinança do bemaventurado S. Tomé e passaram de Coulão e outros lugares.

Nesta fortaleza e povoação de Cochim há el-rei nosso senhor corregimento de suas naus e outras se fazem de novo, assim galés e caravelas, em tanta perfeição como que se fizessem na ribeira de Lisboa. Aqui se carrega grande soma de

pimenta e outras muitas especiarias e drogarias que de Malaca vêm, e, daqui, se levam cada ano a Portugal.

El-rei de Cochim tem muita pequena terra e não era rei antes que os portugueses descobrissem a Índia, porque todos os reis que novamente reinavam em Calecut tinham por costume e lei que, entrando em Cochim, tirado el-rei fora de seu Estado, meteram-se em posse; e, se lhe prazia, tornavam-lhe a dar ou não.

El-rei de Cochim lhe dava, cada ano, certos elefantes, mas não podia fazer moeda, nem cobrir seus paços de telha sob pena de perder a terra.

Agora que el-rei nosso senhor descobriu a Índia o fez rei isento e poderoso em sua terra, que ninguém entendesse nela e faz moeda do que quer.

REINO DE COULÃO

Indo mais ao longo da costa, passando o reino de Cochim para o Sul, entram logo no reino de Coulão; e, entre ele e o de Cochim, está um lugar pequeno que chamam Porca, de um senhor onde vivem muitos pescadores gentios que não vivem doutra coisa, no Inverno, senão de pescar, e, no Verão, roubar tudo o que acham e o que podem pelo mar.

Trazem uns pequenos barcos de remos com bergantim. Eles são mui grandes remeiros, e ajuntam-se muitos com arcos e muitas frechas, e andam tanto derredor de qualquer nau, que acham em calma, às frechadas, até que a rendem e roubam, pondo os que nela vêm em terra. E, assim, com estes seus barcos, que chamam catures, fazem boas presas, de que dão parte ao senhor da terra.

Passando este lugar, está logo outro, que é o primeiro deste reino de Coulão, a que chamam Cale Coulão, onde

vêm muitos mouros, gentios e cristãos índios da ensinança do bemaventurado S. Tomé; e daí para o sertão entre os gentios vivem também muitos.

Há neste lugar muita pimenta de que se carregam muitos navios, e, às vezes, naus nossas.

Passando Cale Coulão está logo de longo da costa, para o Sul, uma mui grande cidade de mui bom porto de mar que chamam Coulão, onde vêm muitos mouros, gentios e cristãos.

Os mouros e gentios são grandes mercadores, têm muitas naus em que navegam para tódas as partes com muitas mercadorias; navegam para Charamandel e Ceilão e para as ilhas, para Bengala, Malaca, Samatra e Pegú; não tratam em Cambaia.

Aqui nesta cidade há muita pimenta, tem um mui grande rio. Reina neste reino um rei gentio, grande senhor de muita terra e riquezas e gentes de armas, que pela maior parte são grandes archeiros e mui certos.

Em uma ponta que a terra lança ao mar, arredado um pouco desta cidade de Coulão, está uma mui grande igreja, que o apóstolo senhor S. Tomé fez milagrosamente ante que falecesse (o que os cristãos do país me afirmaram achar-se escrito nos seus livros, os quais conservam com muita veneração) e foi desta maneira: ele chegou à cidade de Coulão, sendo todos gentios, em hábito de pobreza, onde andava convertendo algumas gentes pobres à nossa santa Fé, e trazia consigo alguns poucos companheiros naturais da terra.

Estando assim nesta cidade, amanheceu um dia no porto dela um grande madeiro no mar, o qual encalhou na praia, e foi logo isto dito a el-rei, o qual mandou muita gente e elefantes, que o tirassem fora em terra, os quais nunca o puderam bulir, e mandando el-rei que se trabalhasse quanto em possível fosse para o tirar, nunca o puderam tirar.

Vendo o bemaventurado S. Tomé que desesperavam de

o tirarem, se foi a el-rei, a quem disse que ele queria tirar o madeiro à terra, com condição que lhe desse ele um pedaço de terra para fazer uma igreja a louvor do Senhor que o lá mandou.

El-rei se riu dele, dizendo que se ele via que ele com todo seu poder não o podia bulir, como se atrevia a tirá-lo? Respondeu-lhe S. Tomé que ele o tiraria com poder de Deus, que era mui grande, e el-rei lhe mandou logo dar toda a terra que ele houvesse mister. E ele, sendo-lhe dada e outorgada, foi onde o madeiro estava e atou-lhe um cordão com que, pela graça divina, o começou a trazer para a terra sem ajuda de ninguém e o mesmo madeiro se veio atrás ele até o lugar onde quis fazer a igreja.

El-rei vendo tão famoso milagre, mandou que lhe deixassem fazer do madeiro e da terra, que lhe tinha dado, tudo o que ele quisesse, tratando-o com toda a honra e favor, havendo-o por santo.

Muitos da terra se tornaram cristãos, mas el-rei não quis.

O apóstolo, a que eles chamavam Matoma, mandou chamar muitos carpinteiros da terra e serradores, e começou a lavrar o madeiro, que era tamanho que abastou a se fazer dele a igreja, e, assim, se fez.

É por costume entre os mouros e os índios que quando os oficiais vêm fazer qualquer obra lhe dão certo arroz para comerem, e, quando se vão à noite, dão-lhe a cada um seu fanão. O bemaventurado S. Tomé tomava ao meio-dia aquela medida por onde havia de medir o arroz, e dava-a a cada um cheia de areia, e tornava-se-lhe arroz muito bom; quando à noite se iam dava a cada um um cavaquinho do madeiro e tornava-se fanão, e assim acabou sua obra, trazendo sempre os oficiais muito contentes.

Vistos estes milagres e outros muitos que Nosso Senhor cada dia fazia por ele, tornavam-se muitos cristãos, de Co-

chim até o grande reino de Coulão, que chega defronte de Ceilão, em que haverá bem doze mil casas de cristãos espalhados entre os gentios e pelo sertão têm algumas igrejas.

Os mais deles carecem de ensinação e baptismo, sòmente têm o nome de cristãos, que S. Tomé em seu tempo baptizava todos os que o queriam ser. O qual andando, assim baptizando, vendo el-rei de Coulão que se convertia muita gente à sua doutrina começou de atentar nisso, dizendo que se alevantariam com a terra; e, assim, começou a evitar. E com isto se foi S. Tomé, dali, perseguido deles e dos gentios, caminho de Charamandel e chegou a uma mui grande cidade que chamavam Mailapur [1] onde recebeu martírio e jaz enterrado, de que ao diante mais largamente em seu lugar falarei. E desta maneira para o diante ficaram os cristãos neste reino de Coulão com aquela igreja, e pôs renda de direitos da pimenta, de que tem certa coisa; e, assim, doutros direitos.

Ficando estes cristãos, assim, sem nenhuma doutrina, nem sacerdote, que os baptizasse, estiveram muito tempo sem ter mais que o nome de cristãos, então se ajuntaram todos; e, havido seu conselho, determinaram de mandar alguns deles pelo mundo de baptismo sacramento.

Com esta determinação partiram cinco homens deles, com muita despesa pelo mundo e vieram ter em Arménia, onde acharam muitos cristãos e um patriarca que os governava, o qual vendo suas tenções, mandou com eles um bispo com cinco ou seis clérigos, para os baptizarem e dizer missa e ensinar, o qual bispo ia por cinco ou seis anos; e, tornando-se, ia outro por outros tantos, e, desta maneira, se iam remediando muito tempo.

Estes arménios são homens brancos, falam aravia e caldeu, têm a lei da igreja, rezam suas horas continuadamente, mas não sei se rezam todo seu ofício por inteiro como os nossos frades. Trazem as coroas ao revés, no lugar dela cabelo e por redor andam rapados, vestidos com camisas brancas, toucas nas cabeças, andam descalços, trazem barbas compridas. São homens muito devotos, dizem missa no altar como cá, com uma cruz diante de si. O que a diz anda no meio de dois que o ajudam, cada um de sua parte, comungam com pão salgado em lugar de hóstia; consagram dele quanto abasta para todos quantos estão na igreja, todo o repartem entre eles como pão bento, e ao pé do altar o vem cada um receber de sua mão.

(1) Meliapur.

O vinho é desta maneira, porque em aquele tempo na Índia não havia vinho, e tomavam passas, que vinham de Meca e Ormuz, lançando-as uma noite de molho, e ao outro dia que hão-de dizer missa, espremem o sumo, e, com aquilo, as dizem.

Estes baptizavam por dinheiro, e, quando se tornavam para suas terras deste Malabar, iam mui ricos, e, assim, à míngua de dinheiro ficavam muitos por baptizar.

Passando esta cidade de Coulão para o Sul, está ao longo do mar, uma povoação de mouros e gentios que chamam Tirangoto, onde também há navegação, é de um senhor parente del-rei de Coulão, é terra mui farta, de muitos mantimentos de arrozes e carne em grande abastança.

CABO DE CUMERI

Mais adiante pela dita costa, está o cabo de Cumeri, aonde acaba o país do Malabar, mas, ainda dentro do reino de Coulão, que se estende mais oitenta milhas para diante até uma cidade chamada Chael.

ILHAS DO MALDIO

Através desta terra do Malabar, a quarenta léguas, vai um arquipélago de ilhas que, dizem os mouros, que são doze mil, e começam ao mar do monte Deli, onde estão os baixos de Padua, e vão contra Malaca, as primeiras são quatro pequenas, mui rasas, que chamam Maldio, são povoadas de mouros malabares, e dizem serem del-rei de Cananor, onde não há outra coisa senão palmares de que se mantêm, e também de arroz que lhe vai do Malabar nos navios que ali vão carregar de cordoalha de cairos.

ILHAS DE PALANDURA

Ao través de Panani e Cochim e Coulão, há outras ilhas, dez ou doze das quais são habitadas por mouros pardos de pequena estatura, e que têm língua sobre si.

O rei é mouro e tem a sua residência em uma ilha chamada Mahaldiu, e a todas as ditas ilhas dão o nome de Palandura.

As gentes delas não têm armas, e são homens fracos, mas muito engenhosos, e, sobretudo, grandes encantadores.

O rei destas ilhas é eleito por alguns mercadores mouros naturais de Cananor, que o mudam quando lhes apraz, e a quem ele paga cada ano um tributo de enxárcias, cordas de cairo, e outros géneros da terra; e vão os ditos mouros às vezes carregar algumas naus sem levarem dinheiro; e, então, é necessário que, ou por amor ou por força, lhe dêem a que eles querem.

Há nestas ilhas muita moxama [1], daqui levam também uns búzios pequenos, que é grande mercadoria, para o reino de Cambaia e Bengala, onde correm por moeda baixa, e hão-na por mais limpa e melhor que a do cobre.

Fazem nestas ilhas mui ricos panos de algodão e seda e ouro, que valem entre os mouros muito dinheiro, para seus vestidos e fatos.

Os homens destas ilhas trazem lenços mui finos e subtis em as toucas, e tão tapados e primos que os nossos oficiais não os souberam obrar, senão que têm envés e direito.

Apanham-se nestas ilhas umas cascas de tartarugas que chamam alcama, que fazem em pedacinhos mui delgados, que também é grande mercadoria para o reino de Guzarate.

Acha-se também aqui muito âmbar em grandes pedaços, dele branco e dele pardo, e outro preto. Perguntei a muitos destes mouros, por vezes, que coisa era âmbar, e onde nascia. Têm, entre si, que é esterco de aves, e dizem que, neste arquipélago, lá nas ilhas desabitadas, há umas aves grandes que pousam sobre os penedos e rochas do mar; e, ali, estercam aquele âmbar, onde se está curtindo do ar e sol e chuva, até que, por tempestades e tormentas, sobe o mar sobre os penedos e rochas, e o arranca em pedaços grandes e pequenos; e, assim anda no mar, até que o acham ou sai nas praias, ou o comem algumas baleias, e dizem que o que eles acham branco, a que chamam ponambar, há muito pouco tempo que anda no mar, e este é o que entre eles mais vale; o outro pardo há muito tempo que anda no mar, e disso toma aquela cor. A este hão também por muito bom, mas não tanto como ao branco.

O outro que chamam preto e massado, dizem que foi comido de baleias, e que dali se tornou preto, e que tem

(1) Peixe seco e salgado.

tanta virtude que a baleia o não pode desistir, e que o torna a lançar inteiro; a este chamam minambar, e é o que menos vale entre eles [1].

Nestas ilhas de Maldio fazem muitos navios grandes de palmeira, cosidos com tamisa, porque entre eles não há outra madeira, e neles navegam para a terra firme; são de quilha, e de mui grande carrego, e também fazem outros pequenos de remos com bergantim ou fustas, são os mais formosos do mundo, e mui bem obrados, em extremo ligeiros, e destes se servem dumas ilhas para as outras; e, também, atravessam neles ao Malabar.

A estas ilhas vêm ter muitas naus de mouros que da China e Maluco, Pegú, Malaca, Samatra, Bengala e Ceilão, atravessam ao mar Roxo, e fazem aqui sua aguada, e tomam mantimentos, e outras coisas necessárias para suas viagens; às vezes, chegam aqui, tão desbaratadas, que as descarregam e deixam ir ao fundo.

Entre estas ilhas se perdem muitas e ricas naus de mouros, que atravessando pelo mar, não ousam achegar-se ao Malabar com medo das nossas naus. Destas hão os moradores das ilhas ricas mercadorias, que vendem aos malabares que aqui vêm a carregar de cairo, como atrás disse.

A ILHA DE CEILÃO

Deixando estas ilhas de Maldio, indo mais ao diante onde dá volta o cabo Camorim está a grande ilha que os mouros, árabes, persas e sorianos chamam Ceilão e os índios

[1] É formado pelas concreções intestinais dos cachalotes e constituído pela matéria que segregam os moluscos cefalópodes de que se alimentam os cachalotes. Aplica-se na perfumaria e em medicina.

Tenarisim, que quer dizer, terra das delícias, onde el-rei nosso senhor tem uma fortaleza de trato, novamente feita, que fez Lopo Soares, sendo governador da Índia, e esta ilha é habitada de gentios, nos portos de mar dela vivem muitos mouros em grandes povoações, que estão à obediência do rei da terra.

São grandes mercadores os habitadores dela, assim mouros como gentios. São homens grossos e bem apessoados, são baços quase brancos, e, pela maior parte, barrigudos. Mui viçosos, não entendem em coisas de armas, nem as têm. São todos mercadores dados à boa vida. Andam nus da cinta para cima, para baixo se cobrem com panos de seda e algodão, touquinhas nas cabeças, as orelhas furadas com muito ouro nelas, e pedras preciosas, em tanto número e tão grandes, que as orelhas lhe chegam aos hombros; nos dedos têm muitos aneis de belíssimas joias, usam de cintas com que se apertam, feitas de ouro com pedras engastadas. A sua linguagem é tirada em parte do Malabar e em parte de Charamandel.

Muitos mouros malabares vêm assistir [1] nesta ilha por estarem em mui grande liberdade; e, porque além de todas as comodidades e delícias do mundo, é um país de ar muito temperado, e os homens vivem nele mais longamente do que em nenhuma outra parte da Índia, sempre sadios, e são poucos os que adoecem.

Nascem aqui muitos e excelentes frutos, os montes estão cobertos de laranjas doces e formosas, de três ou quatro espécies de sabor, e, algumas têm a casca mais doce do que o sumo, e são maiores que os pomos de Adão; os limões doces são excelentes, uns grandes e outros pequenos, docíssimos.

[1] Residir.

Há muitas outras variedades de frutos, que não se acham nas nossas partes; as árvores estão carregadas deles todo o ano, e contìnuamente se vêem flores e frutos maduros e verdes.

Acha-se também uma grandíssima abundância de carnes de toda a sorte, de mui diversos animais e aves todas delicadas; há igual abundância de peixes que se pescam junto à ilha.

Há aqui pouco arroz, e, por isso, o conduzem da costa de Charamandel, e este é o seu principal sustento.

Tem mui grande abundância de muito bom mel e açúcar que lhe é conduzido de Bengala.

Nesta ilha nasce boa e verdadeira canela, nasce pelos montes em árvores como louros. El-rei a manda cortar em ramos delgados, e mandando-lhe tirar a casca, a manda secar em certos meses do ano, e da sua mão a dá aos mercadores que a vêm comprar, porque nenhum morador da terra a pode colher senão el-rei.

Criam-se nesta ilha muitos elefantes bravos que el-rei manda tomar e amansar, e os vende aos mercadores de Charamandel e de Narsinga, Malabar, Daquem e de Cambaia, que os aqui vêm buscar, os quais se tomam desta maneira: Põem um elefante fêmea por anegaça (1) no monte onde eles se criam, presa ao pé de uma árvore com mui grossas cadeias, derredor lhe fazem três ou quatro covas mui grandes, cobertas de madeira muito delgada, com terra por cima e o mais subtilmente que podem. Os elefantes bravos vendo a fêmea caiem naquelas covas, onde os têm sete ou oito dias; e, ali, os esfaimam, vigiando-os, de noite e de dia, muitos homens que os não deixam dormir, falando-lhe até que os aman-

(1) Chamariz.

sam, dando-lhe comer por suas mãos. E depois que os têm mui aquebrantados e mansos os prendem com cadeias mui grossas, e para os tirar da cova lhe lançam dentro tanta rama, que o elefante se vai subindo pouco e pouco até sair dela; então o atam a uma árvore onde o têm mais alguns dias, vigiando de noite homens com fogo, que sempre lhe falam, e, dando-lhe de comer temperadamente até os fazerem à sua mão (1); e, desta maneira os tomam, machos e fêmeas, e grandes e pequenos, e, às vezes, caiem dois numa cova.

Estes são entre eles mui grande mercadoria, valem muito e são mui estimados entre os reis da Índia, que os têm por estado (2) e para a guerra e trabalho. São deles mui domésticos e tão sisudos e entendidos como homens. Os bons valem a mil cruzados e a mil e quinhentos, e outros quatrocentos e quinhentos, segundo são, e isto no Malabar e Charamandel; nesta ilha se hão por pouco preço, ninguém os pode tomar senão el-rei, que paga a quem os apanha.

Também há nesta ilha muita pedraria de muitas maneiras, assim mesmo bons lapidários, em tanto extremo, que se lhe trazem uma mão cheia de terra onde há pedraria, logo nos dizem: — Nesta haverá rubis e nesta safiras. Isso mesmo como vêem o rubi ou outra pedra, dizem: — Esta aguardará tantas horas no fogo e ficará muito clara e boa.

El-rei, às vezes, se aventura a deitar um rubi em um mui rijo fogo de carvão, o tempo que o lapidário lhe diz; e, se algum o sofre sem perigar fica muito mais perfeito em cor. Como este rei acha alguma pedra guarda-a para sua pessoa e a entesoura.

Junto a esta ilha dentro do mar está um banco coberto

(1) Domesticar.

(2) Fausto.

de dez ou doze braças de água, aonde se acha grandíssima quantidade de pérolas miudas e grossas e algumas delas em forma de pera.

Os mouros e gentios de uma cidade chamada Cael de el-rei de Coulão, vêm aqui duas vezes no ano a pescá-las, e as acham em ostras, que são mais pequenas e mais lisas que o não são as das nossas partes. Os homens descem ao fundo do mar onde as acham e se conservam ali grande espaço de tempo. As pérolas pequenas são daqueles que as apanham, mas as grandes são para el-rei; que ali tem um feitor seu, e, além disso, pagam-lhe um certo tributo para terem licença de pescar.

El-rei de Ceilão faz a sua residência em uma cidade que se chama Calmuco, que está assentada sobre um rio, com um bom porto, aonde cada ano vêm muitas naus de diversas partes a carregar canela e elefantes; trazem ouro, prata, panos de Cambaia, de algodão finíssimos e muitas outras sortes de mercadorias, como açafrão, coral, azougue e vermelhão; e no ouro e prata têm maior ganho, porque vale mais aqui do que em outra parte. Igualmente vêm muitas naus de Bengala, Charamandel e algumas de Malaca, para comprar elefantes, canela e jóias.

Há nesta ilha quatro ou cinco portos que são lugares habitados onde se faz um grande comércio, e são governados por outros senhores, sobrinhos del-rei de Ceilão, a cuja obediência estão, ainda que, às vezes, se sublevem.

No meio desta ilha está uma mui alta serra, onde está um pico de pedra mui alto, em cima do qual está um tanque de água nadível [1], e em uma pedra uma pegada de homem mui grande, e bem afigurada; dizem os mouros que é a pegada de nosso padre Adão, a que eles chamam Adombaba.

[1] Nativa.

De todas partes e reinos de mouros ali vêm em romaria, dizendo que dali subiu Adão aos Céus. Vão em trajos de peregrinos, com grandes cadeias de ferro derredor de si, vestidos de peles de onças e leões e doutras alimárias monteses, nos braços direitos grandes botões de fogo [1], que vão pondo pelo caminho, para sempre levarem chagas abertas, dizendo que o fazem por amor de Deus e de Mafamede e de Adão. Muitos destes levam dinheiro secreto, e vão mui ricos para em Ceilão empregarem em pedraria, como fazem.

Antes que cheguem a este alto monte, onde está a pègada, que eles dizem de Adão, vão por terras alagadiças e vales e ribeiras de água, e levam sempre cinco e seis léguas água até cinta; levam todos facas nas mãos para desapegarem com elas sambexugas [2], que são tantas, que se isto não fizessem os matariam. Chegando à terra, sobem por ela, mas ao pico não sabem subir, por ser muito íngreme, senão por escadas de mui grossas cadeias de ferro, que para isso ali estão postas, de que ao redor todo é cercado. Em cima se lavam com água daquele tanque fazendo sua oração, e com isto hão que ficam salvos, e limpos de todo o pecado.

Esta ilha de Ceilão está mui perto da terra firme, e, entre ela e a terra, estão uns baixos, que têm um canal pelo meio, a que os mouros e gentios chamam Ceilão, por onde passam caminho de Charamandel, todos os zambucos do Malabar; e, cada ano, se perdem muitos nestes baixos, por o canal ser mui estreito, e no ano que o almirante veio a segunda vez assentar à Índia, se perderam neles tantas naus e zambucos do Malabar, que se afogaram doze mil homens por conto, que vinham determinados de lançarem a armada de Portugal da Índia, sem a deixarem tomar carrego.

[1] Ferros em brasa.

[2] Sanguessugas.

QUILICARE

Deixando esta ilha de Ceilão, tornando-me a terra firme, passando o cabo de Comorim, está logo uma terra de el-rei de Coulão, e doutros senhores a ele sujeitos, a qual se chama Quilicare, onde há muitos e grandes lugares de gentios, e outros muitos de porto de mar, onde vivem muitos mouros naturais da terra. Sua navegação é de uns navios pequenos a que chamam champanes, em que os mouros malabares vêm a tratar, e trazem as mercadorias de Cambaia.

Aqui valem muito alguns cavalos, e carregam de arroz e panos, que levam para o Malabar.

Nesta província de Quilicare está uma casa de oração de gentios, onde está um ídolo, que eles têm em muito grande conta; cada doze anos lhe fazem uma muito grande festa, onde todos os gentios vêm como perdões [1], e hão que se salvam [2] como em jubileu [3]. Esta casa tem muitas terras de grossa renda, e é uma coisa tamanha que tem rei sobre si, que não há-de reinar mais de doze anos, de jubileu a jubileu se tanto viver. Nesta maneira, e, acabados os doze anos, o dia que se este ajuntamento e festa faz, há aqui grande poder de gente junta, onde se gasta muita soma de dinheiro em dar de comer a infinitos bramenes.

El-rei manda fazer um andaimo [4], que manda paramentar de muitos panos de seda, e o próprio dia se vai lavar a um tanque com muitos tangeres e cerimónias, dali se vêm fazer sua oração ao ídolo; e, feita, se sobe naquele andaimo de madeira; e, ali, perante todos, toma umas facas mui afia-

(1) Obter remissão de culpas.
(2) São absolvidos.
(3) Período em que são obtidos vários benefícios.
(4) Palanque.

das, e começa de cortar os narizes, depois as orelhas e beiços; e, assim, quantos membros pode cortar de si, e lança fora mui depressa, até que se lhe vai tanto sangue que começa de desmaiar; então lhe dão uma cutilada pela garganta com que o acabam de matar; e, assim, o sacrificam ao seu ídolo. E quem quer reinar no senhorio desta igreja outros doze anos, há-de receber parte daquele martírio por amor do ídolo, e há-de estar vendo este, e ali o fazem logo rei.

A CIDADE DE CAEL

Ao diante, mais ao longo da costa, está uma cidade que chamam Cael, que é também do rei de Coulão, povoada de mouros e de gentios grandes mercadores. Têm mui bom porto de mar, onde, cada ano, vêm muitas naus do Malabar, outras de Charamandel e Bengala, de maneira que se tratam aqui muitas partes [1] de mercadores que de muitas partes aqui vêm.

Os Chatins desta terra são grandes homens, de muita pedraria e aljôfar porque a pescaria dela é de el-rei.

Um mouro mui rico e honrado da cidade tem arrendado esta renda do aljôfar, há muito tempo; é tão rico e poderoso que todos da terra o honram ali como a el-rei, ele faz justiça dos mouros, sem el-rei nisso entender.

Os que pescam este aljôfar pescam toda a soma para si, e, à sexta-feira, para o dono da barca; e, no fim do tempo, pescam toda uma semana para este mouro, donde ele há muito aljôfar. Junto desta cidade está sempre el-rei de Coulão, que, como já em título [2] disse, é mui grande, rico e

(1) Quantidades.
(2) Com fundamento.

poderoso senhor de muita gente de armas, há em sua terra os melhores archeiros de todo o mundo. Traz sempre consigo trezentas ou quatrocentas mulheres archeiras, que andam em sua guarda; e ele as manda ensinar dês meninas; trazem umas fundas na testa mui apertadas, de pano, de seda e algodão, são mui ligeiras.

Este rei tem muitas vezes guerra com el-rei de Narsinga que é tão poderoso como já disse, e defende-se muito bem dele.

CHARAMANDEL

Indo mais ao diante ao longo da costa virando contra o Norte, e chama-se esta terra Charamandel, que terá setenta ou oitenta léguas de costa, onde estão muitas cidades, vilas e lugares, povoados de muitos gentios.

Esta terra del-rei de Narsinga é mui farta, de muitos arrozes, carnes, trigos e todos os outros legumes que se dão nela. É terra de campos.

Aqui vêm cada ano muitas naus do Malabar, grande soma delas carregar de arroz, em que ganham muito dinheiro. Trazem a ela muitas mercadorias de Cambaia, cobre, azougue, vermelhão, pimenta e muitas outras mercadorias.

Há também nesta província de Charamandel muitas especiarias e drogarias que vêm do reino de Malaca, China e Bengala, que aqui as naus dos mouros trazem, porque não ousam passar o Malabar com medo das nossas armadas.

É esta terra a mais abastada que há nestas partes da Índia, tirando Cambaia; porém, se alguns anos acontece de não chover, é tamanha, entre eles, a fome, que dela morrem muitos, e, por causa dela, vendem os filhos por quatro ou cinco fanões. Os malabares lhe trazem neste tempo muita

soma de arroz e cocos, e levam as naus carregadas de escravos.

A maior parte ou todos os mercadores gentios e chatins que vivem por toda a Índia, são naturais daqui, e são homens mui agudos em todo trato de mercadorias.

Nos portos de mar vivem muitos mouros, naturais da terra, grandes mercadores, e têm muitos navios.

MAILAPUR

Mais ao diante, deixando Charamandel e suas terras, está na ribeira do mar uma cidade mui antiga, e assim despovada, a que chamam Mailapur que, em outro tempo, foi mui grande e formosa, do próprio rei de Narsinga, onde jaz soterrado o corpo do bemaventurado S. Tomé, em uma mui pequena igreja junto com o mar.

Dizem os cristãos de Coulão, que, quando S. Tomé dela partiu perseguido dos gentios, que com alguns companheiros veio ter à cidade de Mailapur, que naquele tempo era de dez ou doze léguas em comprido pela cidade, e mui arredada do mar, o qual depois comeu a terra, e entrou por ela muito dentro.

Começando, foi S. Tomé a pregar aqui a Fé de Cristo, e converter a ela alguns, pelo que os outros o perseguiam querendo-o matar, e ele por isso se andava apartando das gentes, e metendo muitas vezes pelos montes; e que, um dia, andando um caçador no monte com seu arco na mão viu estar uma grande soma de pavões juntos no chão, e no meio deles um mui grande e formoso, que estava pousado sobre uma lágea.

O caçador tirou a este, e o atravessou pelo meio com

uma frecha, e ele e os outros se alevantaram. Voando no ar se tornou corpo de homem. O caçador o esteve olhando mui espantado, até que o viu cair; então se foi caminho da cidade, a dizer tamanho milagre e como lhe acontecera.

O governador da cidade com outros senhores dela veio a ver onde o caçador lhe foi mostrar e acharam que era o corpo do bemaventurado S. Tomé. Também foram ver o lugar onde o feriu, e acharam na lágea duas pègadas mui figuradas no meio dela, que lhe fizera quando se alevantara ferido. Quando eles viram tamanho milagre, disseram: — Verdadeiramente este homem era santo e nós não críamos; e, então o trouxeram caminho do lugar, e o vieram soterrar na dita igreja, onde hoje em dia jaz. Assim trouxeram a pedra das pègadas que puseram junto da sua cova; o braço direito lhe não puderam nunca enterrar, nem meter dentro na cova; se lho cobriam, quando vinham ao outro dia estava fora, e assim lho deixaram ficar, e assim esteve por espaço de muito tempo; os gentios da terra o haviam por santo, fazendo-lhe muita honra.

Vinha gente de muitas partes aqui em romaria. E vindo aqui ter os chins, quiseram-lhe cortar o braço e levá-lo em relíquias para sua terra; em querendo dar-lhe com a espada, o bemaventurado S. Tomé encolheu o braço para dentro, e nunca o mais feriram; e, assim, jaz naquela igreja que seus discípulos e companheiros lhe fizeram mui pobremente. Os mouros e gentios o alumiam dizendo cada um que é cousa sua.

A igreja é ordenada à nossa maneira com cruzes no altar, e, em cima, abóbada, e uma grade de madeira, e muitos pavões por divisa, mas está já muito danificada, e o circuito coberto de mato, e um mouro pobre tem cárrego dela, e pede esmola para isso, de que tem uma alâmpada acesa de noite, e do mais se mantém.

Alguns cristãos da Índia vão lá em romaria, e trazem

grandes relíquias, uns pelourinhos da terra da mesma sepultura do bemaventurado S. Tomé, também dão algumas esmolas ao dito mouro, dizendo que repaire [1] a dita casa.

A CIDADE DE PALEACATE

Indo mais ao diante, deixando este lugar de Mailapur, ao longo da costa está outra cidade del-rei de Narsinga povoada de mouros e gentios, grandes mercadores.

A terra é de mui bom porto de mar, onde vêm muitas naus de mouros, com muitas sortes de mercadorias, e também por terra, pelo reino de Narsinga, vêm até esta cidade muitos mercadores, a comprar muitas mercadorias, porque de Pegú, de que ao diante falarei, trazem a esta cidade grande soma de rubis e espinelas, e muito almíscar, a qual pedraria vale aqui muito pouco dinheiro para quem a sabe bem comprar e escolher.

Nesta cidade tem el-rei de Narsinga, posto de sua mão um governador e arrecadadores de seus direitos.

Aqui se fazem muitos panos pintados de algodão, que valem muito dinheiro em Malacá, Pegú, Samatra e no reino de Guzarate e Malabar, para vestidos. Aqui tem muita valia cobre, azougue, vermelhão, e, assim, as outras mercadorias de Cambaia, grãs, veludos de Meca e, sobretudo, águas-rosadas.

Passando esta cidade de Paleacate, indo ao longo da costa, vai já tornando ao Norte contra Bengala, na qual costa vão muitos lugares del-rei de Narsinga, até uma serra que chamam Odirgalemado, onde se acaba seu reino.

---

[1] Repare.

REINO DE OTISA

Indo assim ao diante, deixando esta, fim do grande reino de Narsinga, ao longo da costa, vai o reino de Otisa, que é de gentios, mui bons homens de peleja. É o rei dele mui poderoso de gente de pé, e, muitas vezes, tem guerra com o de Narsinga.

É este reino muito metido pelo sertão, tem mui poucos portos de mar e de pouco trato; chega ao longo da costa contra o Norte.

Tem um rio que chamam Goriga, e da outra parte deste rio começa o reino de Bengala, onde, também, algumas vezes, tem guerra el-rei de Otisa. A este rio Ganges vêm todos os gentios em romaria, e lavam-se nele, dizendo, que nisso se salvam por ele sair da fonte do Paraiso terrestre. Este rio é mui grande e formoso de ambas as bandas, e mui povoado de ricas e formosas cidades de gentios.

Entre ele e Eufrates está a Índia, primeira e segunda, terra mui abundante e sã, e de clima mui temperado, e desta para diante, contra Malaca, está a terceira, segundo dizem os mouros, que há mais tempo que as sabem que nós; entre os quais rios são as terras mui fartas e abastadas, assim pelo sertão, com pela ribeira do mar.

A gente delas é mui delgada [1] e rica, pela maior parte são escaços e pouco gastadores. E a terra é de mui bons ares, de muitas árvores e ruas cheirosas; vivem todos com mui pouco trabalho, não há nela demasia de frio, nem quentura antes é mui bem temperada.

[1] Subtil, de bom discernimento.

REINO DE BENGALA

Indo mais ao diante, deixando este rio Ganges, ao longo da costa contra o Norte, vai o reino de Bengala, onde há muitos lugares, assim pelo sertão como ao longo da costa, povoados de gentios.

Os que vivem no sertão estão sobre si, à obediencia del-‑rei de Narsinga. Os mouros vivem pelos portos do mar, onde há grosso trato de muitas mercadorias e navegação de naus e navios para muitas parte, porque este mar é uma enseada que entra por entre duas terras.

E, indo bem por ela, está, ao Norte, uma mui grande cidade de mouros povoada, que chamam Bengala, de mui bom porto de mar. Tem rei mouro sobre si, os moradores dela são homens brancos, bem apessoados, vivem também nela muitos estrangeiros de muitas partes, assim como arábios, pérsios, abexins e índios. E, isto, por a terra ser mui grossa, farta e sã, e temperada, e todos são grandes mercadores e têm grandes naus na feição das de Meca, outras da China que chamam juncos, que são mui grandes, e levam mui grande carrego, com que navegam para Charamantel, Malaca, Samatra, Pegú, Cambaia e Ceilão, tratam com muitas sortes de mercadorias para esta e outras muitas partes.

Há nesta cidade muitos algodões, grandes canaviais de açúcar, muito bom, gengibre e pimenta longa. Faz-se nela muita sorte de panos em extremo delgados e pintados, para se vestirem, e outros brancos, para mercadorias que, levam para muitas partes, têm grande valia, e uns que chamam extravantes, que é uma sorte de panos ralos, que nós muito estimamos para toucados de donas, e os mouros, arábios e pérsios para toucas; fazem tanta quantidade deles que se carregam muitas naus deles para fora; também se fazem outros que chamam mamonas, outros dugazes, outros chantares,

outros sinabafas, que são os melhores e que os mouros mais estimam para camisas. São todas estas sortes de pano em peças, que cada uma terá vinte e três, vinte e quatro varas portuguesas; valem aqui muito baratos [1]; são fiados em roda por homens e por eles tecidos.

Também se faz nesta cidade muito e bom açúcar branco de canas, mas não no sabem ajuntar e fazer em pães, e, assim, em pó o enfardelam em uns fardos de couro cru, muito bem cosidos, e carrega-se muita soma deles, que levam a vender a muitas partes, porque é mui grande mercadoria.

Quando estes mercadores soem a vir livremente e sem medo ao Malabar e Cambaia com suas naus, valia, no Malabar, um quintal de açúcar mil e trezentos réis, e um chautar, muito bom, seiscentos réis, e uma sinabafa dois cruzados, e uma peça de mui boa beatilha trezentos réis. Os que as traziam, vendendo-as assim, ganhavam muito.

Também fazem nesta cidade muita conserva de gengibre, laranja, limões e outras frutas que nesta terra nascem.

Há aqui muitos cavalos, vacas, carneiros e outras muitas criações em abastança e muitas galinhas.

Quando estes mercadores soem a vir livremete e sem sertão a comprar meninos gentios a seus pais e mães, e outros que furtam e capam-nos, que ficam de tudo rasos; muitos deles morrem disso, os que escapam educam-nos muito bem e vendem-nos, os quais estimam muito para guarda de suas mulheres e fazendas, e para outras vilezas, dos quais capados fazem muita estima, porque são homens de grande recado, e vem deles serem feitores seus senhores e governadores e capitães dos reis mouros, de maneira que vêm a ser homens mui ricos e de grossas fazendas.

(1) Pouco.

Os mouros honrados desta cidade andam vestidos com umas camisas brancas de pano de algodão, muito delgadas, que lhe dão pelo artelho, e, debaixo delas, uns panos cingidos, e, em cima, uns maxilares de seda, suas adargas na cinta guarnecidas de prata e ouro, segundo quem as traz, muitos aneis nos dedos de rica pedraria, suas fotas na cabeça de algodões.

São homens mui viçosos [1], que comem mui bem, e gastam sem medo; e, além disso, têm outros muitos viços [2], lavam-se muitas vezes em grandes tanques que têm dentro em suas casas.

Cada um tem três e quatro mulheres, ou as que podem manter, as quais eles têm mui encerradas e tratam-nas muito bem, com muito ouro e prata, e ricos panos de seda; não saiem fora senão de noite, a visitarem umas a outras, onde fazem muitas festas e bodas, com supérfluas diversidades de vinhos, de que nesta terra fazem muita sorte, principalmente de açúcar de palmeiras, que entre as mulheres são mui costumados. São elas grandes músicas de tanger muitas maneiras de instrumentos.

A gente baixa desta cidade veste umas camisinhas brancas e que lhe dão por meia coxa, e, nas cabeças umas touquinhas pequenas com três ou quatro voltas; calçam todas bom cordovão, deles sapatos, outros alparcas [3] bem lavradas e douradas.

El-rei é muito grande e rico senhor de grande terra e mui povoada.

Os gentios daqui se tornam cada dia mouros, por serem favorecidos de seus governadores.

Saindo desta cidade de Bengala e indo mais para o

(1) Mimosos no trato de suas pessoas.

(2) Confortos, regalos.

(3) Alparcatas.

diante, vem outros muitos lugares, mui povoados de mouros e gentios, assim pelo sertão, como ao longo do mar, sujeitos a este rei, em que ele tem governadores e arrecadadores de seus direitos e rendas que dele há.

Nesta enseada jazem assim todos estes lugares ao longo do mar e a costa começa a fazer outra volta contra o Sul.

REINO DE BERMA

Indo mais ao diante, passando o reino de Bengala, ao longo da costa contra o Sul, está outro reino de gentios, que chamam de Berma, e o rei mesmo o é.

Não há nele mouros, porquanto não tem porto de mar de que se possam servir para seus tratos. São os moradores dele homens pretos, andam nus da cinta para cima, e, para baixo, se cobrem com panos de algodão.

Têm suas idolatrias [1] e casas de orações.

Muitas vezes têm guerra com o rei de Pegú.

Deste reino não há mais informações, porque não há nele navegações, sòmente duma banda confina com o de Bengala e da outra com Pegú.

REINO DE ARACANGIL

No próprio sertão deste reino de Berma está outro reino também de gentios, que não tem nenhum porto de mar, confina de uma banda com o de Bengala, e da outra com o de Daba, ao qual chamam Aracangil.

(1) Nota de Mendo Trigoso: «O italiano diz idolatrias, mas no manuscrito vem indulgências, provàvelmente por engano».

O rei dele é outro-sim gentio e gram senhor. Dizem que tem muitas vilas e grandes cidades, tem muitos cavalos, e, assim, elefantes, os quais elefantes há do reino de Pegú.

São homens baços, andam nus, da cinta para baixo se cobrem com panos de algodões, e, usam, muito, arcos de ouro e pedraria.

Honram os idólatras. Têm grandes casas de oração. E el-rei tem, às vezes, guerra com os reis vizinhos, dos quais alguns lhe obedecem, outros lhe pagam páreas.

Vivem mui viçosamente em mui boas casas; e, onde, quer, que está tem muitos tanques de água e muito aprazíveis vergeis, principalmente em doze cidades principais do reino.

Têm cada uma mui ricos paços, e governador posto por êle, os quais, cada um por sua cidade, toma, cada ano, doze meninas nascidas daquele ano, filhas das mais honradas e formosas mulheres que acham, e as faz criar à custa do dito rei. Nestes paços há grande viço. Até doze anos cada dia são estas moças muitas vezes lavadas, assim mesmo lhe dão mui bem de comer, com muitos cheiros e flores, e andam sempre mui bem vestidas, mandam-nas ensinar a bailar e cantar.

Assim que cada governador traz de contínuo em casa cento e vinte meninas grandes e pequenas, e, cada ano, levam a el-rei doze que chegam a doze anos, onde quer que ele estiver, o qual as manda pôr tôdas mui bem lavadas e limpas, com uns panos bem delgados e alvos vestidos, e, no cabo deles, nome de cada uma escrito.

Pela manha cedo as manda pôr em um terreiro assentadas ao sol, onde hão-de estar em jejum até meio-dia, recebendo mui grande sol, com que suam tanto, que os panos que têm vestidos se lhe molham todos. Então as manda el-rei levar a uma câmara, onde ele mesmo está, mandando-lhe tirar aqueles panos suados, e dar outros com que se vestem; os suados lhe trazem onde ele está com muitos parentes seus, e governadores de seu reino, outros senhores e fidalgos; e ele os to-

ma um e um, e os cheira, os que lhe cheiram bem dá-os aos que com êle estão fazendo-lhes mercê das moças cujos aqueles panos foram, onde usam os outros seus nomes; por esta diferença toma cada um a sua. El-rei guarda as suas para si, que lhe cheiram bem, porque por esta experiência se conhecem as que são sãs e de boa compleição.

Assim que cada ano lhe trazem seus governadores cento e vinte moças de doze anos, de que toma para si, e reparte com seus homens da terra, e assim não têm lei de casamento nenhuma.

É mui rico de dinheiro e senhor de muita gente; tem outros viços de caçar, montear, bailar e tanger e outros muitos desenfadamentos que lhe fazem.

REINO DE PEGÚ

Assim indo à costa do mar deixando o reino de Berna, contra o Sueste está outro reino de gentios mui abastado, e de grande trato de muitas mercadorias por mar, a que chamam Pegú.

Tem três ou quatro postes de mar em que há grossos mercadores e grandes lugares habitados de mouros e gentios, que os hão por próprios.

A cidade de Pegú está arredada pelo sertão sete ou oito léguas do mar, em um pequeno rio que é braço de outro mui grande, que por este reino corre, descendo de umas montanhas; e, em certos meses do ano toma tanta água que, muitas vezes, sai fora do seu curso natural e rega muita terra, em que se cria e colhe muita soma de arroz, de que a cidade é mui abastada, e assim de carnes e outros muitos mantimentos que se carregam em seus portos. Ali há mui grandes naus de

três, quatro mastros a que chamam juncos, que vão caminho de Malaca, e outras muitas partes.

Tiram deste reino de Pegú muito açúcar branco de canas em pães. E aquí vêm, cada ano, muitas naus de mouros a tratar e trazer muitos panos de Cambaia pintados, de algodão e sêda, a que chamam patolas, e são pintados com muitos lavores, que valem aqui muito dinheiro; trazem também muito anfião, cobre, muitos panos de grã, muito coral enfiado, redondo, em rama, vermelhão, azougue e águas-rosadas, e cutras muitas drogarias de Cambaia. Aqui se carregam de laca muito fina, que na terra nasce e doutras muitas mercadorias da China, que aqui de Malaca vêm. Do dinheiro que lhe fica compram muito almíscar, que vem do sertão de uma cidade que chamam Ava, de que ao diante falarei.

Os gentios deste reino adoram muito aos ídolos.

Andam nus, sòmente cobrem suas vergonhas.

Não são bons homens de peleja, são mui legeiriosos [1]. Trazem suas naturas nuns cascaveis [2] redondos, cerrados e mui grandes, cosidos e soldados por dentro, entre o couro e carne, por fazerem grande soma, e trazem muitos destes até cinco; deles são de ouro, outros de prata, ou metal, segundo os que os trazem; e, quando andam, fazem grande som, o que hão por grande honra, gentileza; e, quanto mais honrados, trazem mais. As mulheres folgam tanto com isso que não querem homens que os não tenham. E não digo mais deste costume pela desonestidade.

Este rei de Pegú se chama o rei de elefante branco.

Há neste reino grandes montanhas onde se criam mui bravos elefantes. Tem por ordenança de tomarem um cada dia, que mandam ensinar; e, assim, têm de contínuo, muitos que vendem para muitas partes, principalmente para os reinos

(1) Ágeis.
(2) Guizos.

de Narsinga, Malabar e Cambaia. Neste reino também há muitas e formosas facas, de grande andar, de que se muito servem, e, assim, muitos cavalos em que cavalgam à bastarda, com os quais e com os elefantes fazem sua guerra, com muita gente de pé que têm, e também muitos carneiros e porcos criados em casa, e outros monteses.

Os gentios são grandes monteiros e caçadores.

MARTABÃO

Deixando esta cidade de Pegú, para Malaca estão três ou quatro portos de mar do próprio reino de Pegú, a que não sei o nome, entre os quais está um, a que chamam Martabão, onde vêm muitas naus de diversas partes a tratar e carregar de mantimentos, e doutras muitas mercadorias, principalmente de laca muito boa que na terra nasce, muito melhor que a de Narsinga, a que os índios e pérsicos chamam laca-martabão.

Esta laca, alguns dizem que é goma de árvore, e outros que se cria nos ramos delgados das árvores, como em nossas partes se cria grã nos carrascos; e esta razão parece muito mais natural, porque, assim, vem ele em árvores e varas delgadas, que por razão não podem lançar tanta goma.

Também se fazem neste lugar muitas e grandes jarras de porcelana, mui grossas, rijas e formosas; há aí delas que levam uma pipa de água; são vidradas de preto e muito estimadas entre os mouros, e entre eles valem muito, as quais eles daqui levam com muito beijoim em pães.

A CIDADE DE AVA E REINO

No mesmo sertão deste reino de Pegú, indo dele caminho de Malaca, entre o reino de Racangui e o de Anseão, está um reino de gentios, no qual, entre outros lugares que nele há, está uma mui grande cidade que chamam Ava, povoada de ricos mercadores, onde há grosso trato de rica pedraria, rubis e espinelas que nela há.

Aqui vêm muitos mercadores mouros, gentios e chatins de diversas partes, a comprá-la, e, assim, muito almíscar que nela acham; a qual pedraria e almíscar el-rei manda apanhar para si mesmo, e, por sua conta, se vende aos estranhos, que aí vêm a buscá-los.

De Cambaia lhe trazem aqui muito cobre, azougue, vermelhão, açafrão, água-rosada, anfião, veludos pintados de Meca, e outras muitas coisas estimadas entre eles, a troco das quais levam a dita pedraria e almíscar, a qual el-rei manda apanhar entre serras e ribeiras, para o que fazem mui altas covas.

As espinelas se acham à flor da terra, e os rubis no fundo. E há nesta cidade sempre mui grandes lapidários que os muito bem conhecem.

O almíscar se acha em umas alimárias tamanhas como gazelas, têm dentes pequenos como de elefantes, às quais nascem por debaixo das barrigas umas nascidas como leicenços e pelos peitos, e depois que são maduras, com a matéria, come-lhes; elas vêm-se coçar às árvores, de que tiram alguns grãos do muito excelente e verdadeiro.

Há caçadores que pelo rasto do cheiro vêm ter com elas, e lhes armam [1], e as tomam com redes e com cães, e

[1] Dispõem armadilhas.

tomam-nas vivas; e, assim as levam a uma casa ordenada por el-rei para isso; e, ali, lhe cortam derredor aquelas postemas com a pele, e, deixando-as secar, fica o verdadeiro papo de almíscar e mais excelente; mas deste sai dentre eles muito pouco, porque o falsificam de muitas maneiras. Cortando estas postemas à alimária que está viva, põem-lhe nas chagas muitas sambexugas, e, deixando-as encher bem do sangue, lançam-nas cheias a secar ao sol, e destas lhe põem tantas que a alimária, sem nenhum sangue, cai morta, a qual esfolam, de cuja pele fazem muitos papos contrafeitos, que parecem naturais, e, moídas as sambexugas, secas em pó, fazem à mão grãos, e, tomando um peso do papo de almíscar verdadeiro, e sete ou oito das sambexugas, misturam tudo e fazem bom almíscar; e, tão bom, que se assim viesse ter a nossas partes, have-lo-iam por boa ventura, porque depois disso o falsificam os mercadores, que o compram nesta cidade para outros reinos, porque o verdadeiro almíscar é tão forte que, pondo-o na ponta do nariz, faz logo rebentar o sangue pelas ventas.

Este rei de Ava é mui gram senhor de muita pedraria e ouro, e tem muita soma de cavalos e elefantes e muita gente de peleja. A terra é mui abastada de mantimentos.

CAPELÃO

E mais para dentro desta cidade e reino, está outra cidade de gentios, que tem rei sobre si, que todavia é sujeito e está à obediência do de Ava, ao qual reino ou cidade chamam Capelão. Derredor dele se acham muitos rubis, que trazem a vender à feira de Ava, e são muito melhores que os dela.

REINO DE ANSEÃO

Indo mais ao diante, deixando o reino de Pegú, ao longo da costa contra Malaca, está um mui grande reino que chamam de Anseão, de gentios.

O rei dele o é também, e mui gram senhor; toma desta costa até à outra que de Malaca vai contra a China, de maneira que de ambas as bandas tem portos de mar. É senhor de muita gente de pé e de cavalo, e de muitos elefantes. Não consente que em sua terra os mouros tragam armas.

Logo saindo do reino de Pegú, está uma grande cidade de porto de mar que chamam Tanacari, onde há muitos mercadores mouros e gentios, que tratam tôda sorte de mercadorias; e, assim, tem muitas naus que navegam para Bengala, Malaca e outras muitas partes.

Ao sertão desta cidade nasce muito bom beijoim que é resina de árvore, a que os mouros chamam lobão [1]; há duas qualidades dele, uma não lança cheiro senão depois de posta ao fogo, e a outra antes mesmo de posta ao fogo é mui boa e cheirosa, de que em Levante fazem o estoraque [2].

A este porto vêm muitas naus de mouros de diversas partes, e trazem muito cobre, azougue, vermelhão, panos de grã, seda, veludos de Meca pintados, açafrão, coral branco enfiado e águas-rosadas (que de Meca e Adem trazem em uns pequenos barris de cobre estanhados, que vendem a pêso com o próprio barril), muito anfião e panos de Cambaia; e, tudo isto, tem grande valia neste reino de Anseão, e daqui levam os mercadores tôdas as cousas que há em Pegú.

Passando esta cidade de Tanaçari, ao longo da costa

---

[1] É a árvore chamada estoraque.

[2] Licor aromático, assim chamado do nome da árvore produtora do benjoim.

contra Malaca, está outro porto de mar deste próprio reino, que chamam Quedá, onde também há muitas naus grandes. E este lugar de mui grosso trato, e a ele vem cada ano naus de mouros de muitas partes. Nele nasce muita e formosa pimenta, que dele levam para Malaca e China.

Tem mais este rei de Anseão nesta costa, entre Malaca e Tanacari, outros dois ou três portos de mar que não sei os nomes, e, assim, muitas outras cidades grandes e vilas, e povoações dentro pelo sertão, de gentios, onde não entram nenhuns mouros, nem vivem, e, se alguns lá vão negociar, não lhes consentem trazer armas.

Neste reino de Anseão há muito ouro que nele nasce e se apanha, principalmente no senhorio de Paam, que é além de Malaca contra a China, que sempre foi dêste reino. Agora é alevantado contra ele, e está à obediência del-rei de Malaca.

Há nele também outro senhorio de gentios, que está à sua obediência, onde se apanha muito bom estanho, que levam a Malaca, onde se gasta e vende para muitas partes, ao qual senhorio chamam Caranguer.

Este rei de Anseão é mui grande senhor e gentio, como já disse, venerador dos ídolos, de quem tem muitas casas de oração. Usa de muitos costumes diferentes dos outros gentios.

Andam nus, da cinta para baixo se cobrem com panos de algodão; alguns trazem umas roupetas de pano de seda. Têm em sua terra mantimentos, muitos arrozes e carnes de sua criação, outras monteses; têm muitos cavalos e facas, e muitos lebréus [1] e cães doutras maneiras, porque são grandes monteiros e caçadores.

No sertão desta terra contra a China há um reino de gentios que está à obediência deste de Anseão, que quando

[1] Cães de fila.

algum dele morre, os parentes ou amigos do morto o comem assado desta maneira: fazem uma grande fogueira em um terreiro, sobre a qual armam três paus em pé, à maneira de forca, e, do meio deles, penduram uma cadeia com dois ganchos de ferro, dos quais penduram pelas curvas o corpo morto, onde o estão assando seus filhos e parentes, fazendo grande pranto, e, depois, de bem assado, com muitos vasos e taças de vinho, começam a cortar e comer, bebendo e pranteando, e o mais chegado parente o começa primeiro a encetar, e, ali, o acabam de comer, e não ficam senão os ossos, que acabam de queimar e fazer em cinza.

Dizem que fazem este enterramento a seus parentes, porque a sua própria carne em nenhuma parte a poderão enterrar melhor que em seus corpos. Em toda a mais terra deste reino de Anseão queimam os corpos mortos, segundo costume de todos os gentios, como atrás em muitos lugares disse, e só neste reino do sertão se usa este abominável costume.

A CIDADE DE MALACA E REINO

Este reino de Anseão lança uma ponta de terra ao mar, que é como um cabo, onde o mar torna a fazer volta contra a China, na qual ponta está um pequeno reino, em que está uma mui grande cidade que, em outro tempo, foi sujeita ao de Anseão; e assentando muitos mouros estrangeiros seu trato nela, vieram tanto a enriquecer, que converteram os da terra a mouros, revelando-se contra el-rei de Anseão; e, assim, ficando todos mouros, ficou reino sobre si.

Aqui vivem, já agora, todo o género de grossos mercadores mouros e gentios, muitos de Charamandel, e homens de grossas fazendas e de muitas e grossas naus, a que cha-

mam juncos; tratam para todas as partes em toda a sorte de mercadorias.

Também vêm aqui muitas naus a carregar de açúcar, vêm mui formosos juncos de quatro mastros, e trazem muita seda, sulia [1] mui fina, muitas porcelanas, muitos damascos, brocadilhos, setins de cores, almíscar, ruibarbo, retrós de cores, salitre, muita e mui fina prata, muitas pérolas, aljôfar desigual, cofres dourados, abanos e outros muitos brincos, e tudo aqui vendem muito bem aos mercadores da terra. Em retorno do qual levam pimenta e incenso, panos de Cambaia, de grã, açafrão, coral lavrado e enfiado, e por lavrar, muitos panos pintados de algodão, outros brancos que vêm de Bengala, vermelhão, azougue, anfião e outras muitas mercadorias e drogarias de Cambaia, e uma, que nós não conhecemos, que chamam cacho, e outra que chamam pucho mangição, que são agalhas [2] que trazem do Levante dentro a Cambaia por via de Meca, e valem muito na China e na Jaoa [3].

Vêm também a esta cidade de Malaca do reino de Jaoa as grandes naus juncos, que são mui desviadas da feição das nossas, de mui grossa madeira, porque, como são velhas, em cima daquele tabuado lançam-lhe outro novo, e, assim, ficam mui fortes, nos cabres e em toda a enxárcia delas, são de verga que na terra há.

Estes jaos trazem aqui nestas naus muito arroz, muita carne de vaca, carneiros, porcos, veados, chacina [4], muitas galinhas, alhos, cebolas; e, assim trazem a vender muitas

(1) Nota de Mendo Trigoso: «Pela palavra sulia, entende Duarte Barbosa os casulos da seda antes de dobados; o tradutor italiano assim mesmo o interpretou usando na sua versão das palavras, *seta in mattasse*».

(2) Galhas.

(3) Java.

(4) Carne em postas salgada e curada.

armas, lanças, adargas, traçados, tudo mui bem lavrado, de tauxia de fino aço. Trazem muitas outras miudezas e muito ouro, que no dito reino de Java nasce.

Estes jaos que vivem de navegar, dentro nas naus trazem suas mulheres e filhos, casa, família; nem têm outras casas de seu, nem nunca saiem em terra senão a tratar, e ali nelas morrem; os quais vendendo as mercadorias (que acima disse que trazem) em Malaca muito bem, levam em retorno panos de Paleacate e Mailapur, e outros panos que vêm de Cambaia; anfião, águas-rosadas, vermelhão, muitas grãs, sulia, salitre, ferro, cacho e pucho, que são drogarias de Cambaia. Tudo lá na Jaoa tem grande valia.

Desta cidade de Malaca vão naus às ilhas de Maluco [1] (que adiante tratarei) ali carregar muito cravo, e levam mercadoria de muitos panos de Cambaia, e toda sorte de algodão e seda, e assim outros panos de Paleacate e Bengala, azougue, cobre lavrado, sinos e bacias, pimenta, porcelanas,, alhos, cebolas e outras muitas mercadorias de Cambaia; e, assim navegam desta cidade de Malaca para todas as ilhas que estão por todo esse mar, e para Timor, donde trazem todo o sândalo branco, que entre os mouros é mui estimado e vale muito; para lá levam ferro, machados, facas, cutelos, espadas, panos de Paleacate, cobre, azougue, vermelhão, estanho, chumbo, muitas continhas de Cambaia; em retorno disto carregam além do sândalo, de mel, cera, escravos.

Navegam também estas naus de Malaca para umas ilhas que chamam Bandam, carregar de noz moscada, e de maçãs, onde levam a vender as cousas de Cambaia.

(1) Ou Malucas. «Moloc, que é o seu verdadeiro nome, e não Maluco, que é corrupto dele, cujo nome na sua língua própria quer dizer: cabeça de coisa grande» (Diogo do Couto. *Década* IV. L. VII, cap. VIII). A moderna designação de Molucas já se encontra no século XVII e está mais em conformidade com o que escreveu Diogo do Couto.

Vão da ilha de Samatra, donde trazem muita pimenta, seda, subia crua, muito beijoim e ouro; vão a outras ilhas donde trazem muito cânfora e lenho aloés; vão a Tanacari, Pegú, Bengala, Paleacate, Charamandel, Malabar e Cambaia; de maneira que esta cidde de Malaca é mais rica escala, e dos mais grossos mercadores, e maior navegação e trato, que se acha no mundo.

Vem tanta soma de ouro, que os mercadores dela não estimam suas fazendas, nem contam senão por bahares de ouro, que são como já em outros capítulos disse, quatro quintais, e há nela mercador, que só atravessa três quatro naus carregadas de toda a riqueza, e só as tornam a carregar de sua fazenda, e atravessam outras tantas de mantimentos, e todas são logo mui bem pagas e carregadas.

Há nesta cidade muitos estrangeiros de diversas partes que nela vivem, naturais da terra, são como digo mouros, têm língua separada, chamam-se malaios. São homens bem dispostos. Andam nus da cinta para cima, para baixo se cobrem com panos de algodão; os mais honrados trazem umas roupetas, que lhe dão por meia coxa, de pano de seda, grã ou brocadilho; em cima, seus cingidouros (1); trazem na cinta adargas lavradas de tauxia, que chamam cruz.

Suas mulheres são baças, andam vestidas de mui bons panos de seda, derredor de si umas camisas curtas, e são mui formosas, e arreiam-se de contínuo muito bem, têm muito bom cabelo.

Estes malaios têm grande veneração do Alcorão de Mafamede; têm suas mesquitas, enterram os que morrem.

Seus filhos são seus herdeiros.

Vivem em grandes casas, afora da cidade com muitos pomares, hortas e tanques, em que levam boa vida. Na

(1) Cintos.

cidade têm casas separadas para seus tratos. Têm muitos escravos com mulheres e filhos, vivendo por si, e servem-nos em que os mandam. São homens mui luzidos, galantes, músicos, namorados.

Há aqui mercadores naturais de Charamandel, que são homens grossos, barrigudos. Andam nus da cinta para cima; e, para baixo, se cobrem com panos de algodão.

E também há nesta cidade muitos jaos, estantes nela, que são uns homens, grossetes, parados, de uns peitos largos e mal feitos, e os rostos largos. São mouros, andam nus, cobrem-se da cinta para baixo com panos de algodão, e os trazem derredor de si muito mal entrouxados; não trazem na cabeça nada, trazem os cabelos arrepiados para cima.

São homens mui subtis em toda a obra, sabedores, fundados em toda a malícia, e de mui pouca verdade, de mui grandes corações. Têm mui boas armas, pelejam mui sem medo.

Se alguns destes jaos adoece de qualquer doença, promete ao seu deus que dando-lhe saude dela, tomara outra mais honrada morte por seu serviço, depois que é são toma uma adarga (1) na mão, de umas colubrinas (2) que há entre eles muitos boas; e, saindo as praças e ruas, mata quantos acha, homens e mulheres e meninos, e a ninguém perdoa. A estes chamam eles guaniços; e, como o vêem, logo bradam às gentes, dizendo: — Guaniço; porque se guardem. E às frechadas e lançadas o matam.

É esta cidade de Malaca mui viçosa de frutas e boas águas, os mantimentos principais lhe vêm de fora por mar.

El-rei dela era mui grande senhor de grosso tesouro e renda.

El-rei nosso senhor a mandou descobrir por Diogo Lopes

(1) Escudo oval de couro.

(2) Espada de folha tortuosa e serpeada.

de Sequeira, fidalgo de sua casa; e, depois de descoberta, el-rei e os mouros dela tomaram certa gente nossa à traição e muita mercadoria, e muitos mataram.

Afonso de Albuquerque, que, ao tal tempo, era capitão geral da Índia, veio com sua frota sobre a cidade a lhe pedir conta disso, e, não se querendo pôr em razão com ele, a combatem e tomou por força de armas, lançando o rei fora dela, que se defendia com sua gente, e pelejavam mui bravamente com muita artilharia, espingardas, frechas ervadas, mui boas lanças compridas, com valentes homens de Jaoa, e muitos elefantes armados com castelos de madeira, e gente neles, como na Índia se costuma. Nesta tomada morreram soma de mouros, fugindo el-rei, e com ele os que escaparam, os mercadores se deixaram ficar na cidade à obediência del-rei nosso senhor, a que não foi feito nenhum nojo.

Logo se fez nela uma formosa fortaleza, e a cidade com ela, e todo seu trato, e navegação como dantes era, ficou só à obediência dos portugueses, os quais aqui tomaram rico despojo, e grossa riqueza dos que ficaram.

Esta cidade e reino de Malaca é sujeita à província do Paam que tem rei sobre si, que antigamente era sujeita ao de Anseão contra quem se rebelou, onde há muito ouro baixo. O rei dela sabendo que Malaca estava à obediência del-rei nosso senhor, mandou uma embaixada e presente a Afonso de Albuquerque, que ele queria seguir a mesma rota.

ARQUIPÉLAGO DE MALACA

Do mar desta cidade de Malaca vai uma costa de muitas ilhas formosas, mui ricas e abastadas, de mouros gentios (afora outras pequenas em que vivem gentes) que começa da ilha de Ceilão.

AS ILHAS DE NACABAR

Passando a ilha de Ceilão, atravessando o golfão, antes que se chegue à grande ilha de Samatra, acham-se cinco ou seis ilhas, que têm mui boas águas e pousos para naus, povoadas de gentios pobres, as quais se chamam Nacabar.

Apanham aqui os moradores delas muito âmbar e se leva para Malaca e outras partes.

A MUI GRANDE ILHA DE SAMATRA

Indo mais ao diante, deixando estas ilhas de Nacabar, está a mui grande e formosa ilha de Samatra, que tem em redondo setecentas léguas, contadas pelos mouros que as navegam de ambas as partes. Corre de Noroeste a Sueste, e passa-lhe a Equinocial pelo meio.

É abundantíssima de toda a qualidade de mantimentos, a qual tem muitos portos de mar e mui ricos; os mais deles são povoados de mouros, alguns de gentios, mas geralmente os gentios vivem no sertão.

Um, de mouros, chamam Pedir, onde nasce muita e formosa pimenta, mas não tão fina, nem tão forte como a do Malabar. Também se cria muita seda, mas não tão fina como a da China.

Há aí outro que chamam Panfen, por causa de uma cidade que nele há. Tem um belíssimo porto, e nele nasce grande quantidade de pimenta, de que se carregam navios.

Outro se chama Achem, igualmente da parte do Norte situado num cabo desta ilha em cinco graus, outro Campar, outro Andiagão, outro Macabó, que tem muito ouro que aqui nasce, donde o levam em pó para Malaca.

Há nesta ilha outro reino de gentios que chamam Ara, que comem carne humana; e, qualquer pessoa estrangeira que podem haver, comem sem nenhuma piedade. Além deste tem outros reinos pelo sertão de gentios.

Em algumas partes desta ilha nasce muito beijoim, pimenta longa e outra doutra sorte, cânfora, gengibre, ouro e seda. Navegam a ela muitas naus que vêm buscar estas mercadorias, e trazem-nas de Cambaia, que aqui valem muito dinheiro, e também coral, azougue, vermelhão, águas-rosadas, moxama, que aqui trazem de Maldio.

Estes mouros desta ilha são muito desleais, muitas vezes matam seus reis e fazem outros. Aqui tem agora novamente el-rei nosso senhor uma feitoria de trato.

SUNDA

E passando mesmo Samatra, indo caminho de Jaoa, está Sunda que é um pequeno reino, onde há muita pimenta. Tem rei sobre si, deseja há muito servir a el-rei nosso senhor.

Há aqui muitos escravos e carregam muitas naus da China.

REINO DE JAOA

Indo mais ao diante, deixando a ilha de Sunda, ao mar dela para a banda de Leste e Sul vão muitas ilhas grandes e pequenas, entre as quais está uma mui grande ilha, que chamam Jaoa, habitada pelo sertão de gentios, e pelos portos de mar de mouros, os quais têm mui grandes vilas e

povoações, em que há reis mouros, porém todos vivem debaixo da obediência do gentio, que vive no sertão, que é mui gram senhor, que chamam pateudra. A alguns que se alevantam torna logo a sogigar. Alguns deles têm mui grande ódio aos portugueses, outros desejam com eles paz e amizade.

Esta ilha de Jaoa dizem que é mais abastada ilha que há no mundo; há nela muito e bom arroz, muitas carnes em grande abastanças, muitos carneiros, vacas, galinhas, cabras, muitos e grandes porcos domésticos, outros monteses. Costumam a chacinar veados e vacas.

Nasce nela muita pimenta, canela, gengibre, canafístula, ouro.

Moradores dela são uns homens grossos, largos dos peitos, os rostos grandes. A maior parte deles andam nus da cinta para cima, outros trazem roupetas de seda que lhe dão por meia coxa, as barbas peladas por gentileza, os cabelos meios tosquiados alevantados para cima; não trazem nenhuma coisa sobre a cabeça, dizendo que sobre ela não há-de andar coisa nenhuma. A maior injúria que entre si têm é pôr-lhe algum a mão na cabeça; nem fazem casas sobradadas para não andarem uns em cima dos outros. São homens mui soberbos, muito irosos, tredores [1], e, sobretudo, mui engenhosos. Entre eles, subtis carpinteiros de marcenaria, outros oficiais que fazem soma de espingardas e espingardões, e todos os outros artifícios de fogo. São em todas as partes mui estimados para bombardeiros.

Além dos juncos de que em muitas partes já fiz menção, têm navios, de remos, bem obrados e mui ligeiros, em que alguns andam a roubar, que há deles grandes corsários.

São também mui bons serralheiros, e fazem toda a maneira de armas mui rijas e fortes, e de bom cortar de aço.

---

[1] Traidores.

Outro-sim são grandes feiticeiros e nigromantes, e fazem armas em tais horas e momentos, que dizem que quem as trouxer não pode morrer a ferro, e que matam como tiram sangue, outras que não podem seus donos ser vencidos trazendo-as, e estão em fazer algumas destas armas dês doze anos, esperando por dia e conjunção (2) para isso, as quais os reis estimam muito e guardam.

São também muitos deles grandes monteiros e caçadores, têm muitos cavalos e lebréus para montear, mui bons, e muitas aves de rapina; e, quando vão à caça, levam suas mulheres em carretas de cavalos, que têm bons e formosos, com leitos lavrados de rica marcenaria.

Suas mulheres são mui alvas e de mui formosos corpos; têm os rostos mui largos e mal feitos; são grandes músicas, lavrandeiras, que para tudo são mui engenhosas e mui amaviosas.

JAOA MENOR

Ao diante desta ilha de Jaoa maior, está outra ilha também muito grande e mui farta e abastada de muitos mantimentos de todas sortes e povoada de gentios, e o rei o é também, a qual ilha se chama entre eles Sindoaba, e os mouros, arábios e pérsios lhe chamam Jaoa menor.

Passando esta está outra pequena, que chamam Ocape, que sempre anda em fogo no meio. E povoada de gentios que andam a cavalo; são grandes monteiros; as mulheres trazem suruces, são grandes criadeiras de gado.

(1) Oportunidade.

ILHA DE TIMOR

Indo mais ao diante, deixando estas ilhas de Jaoa maior e menor, ao mar dela estão outras muitas, grandes e pequenas, povoadas de gentios e mouros alguns, entre as quais está uma que chamam Timor, que tem rei e língua sobre si.

Nesta ilha há muitos sândalos brancos, que os mouros muito estimam na Índia e Pérsia, onde se gasta muita soma deles, e têm grande valia no Malabar, Narsinga e Cambaia.

As naus de Meca e Jaoa que aqui vêm por ele, levam por retorno machados, machadinhos, cotelos, espadas, panos de Cambaia e de Paleacate, porcelanas, continhas de cores, estanho, azougue, chumbo e outras mercadorias, com que carregam o dito sândalo, de mel, cera, escravos e dalguma pimenta que na terra há.

ILHAS DE BANDÃO (1)

E mais ao diante deixando a ilha de Timor, estão cinco ilhas (2), assim juntas, que entre si fazem um pouso (3) em que se amarram os juncos, os quais vêm a ele por duas partes.

A estas ilhas chamam Bandão. São habitadas de mouros e gentios. Em três delas nasce muita noz moscada e maçãs, em umas árvores como loureiros, cuja fruta é a noz, e, sobre elas, estão as maçãs à maneira de flor, e em cima delas, outra casca grossa. Vale aqui tanto um quintal de maçã, como

(1) Banda.

(2) Banda, Rosolaguim, Ai, Rom e Neira. (João de Barros—*Ásia, Década* III, L. V, cap. VI).

(3) Ancoradouro.

sete noz, e há tanta quantidade que a queimam, e vale quási de graça. Os que a vão comprar levam panos de Cambaia, uns de algodão e outros de seda e muito cobre, e azougue, e vermelhão, estanho, chumbo e uns chapeus vermelhos de guedelha [1] que vêm de Levante e sinos grandes; por cada um dão vinte bahares de maçã.

Destas ilhas de Bandão contra Malaca, que está ao Norte, estão muitas outras, algumas povoadas, outras desertas, em as quais todas hão, por ricos tesouros, sinos de metal, mui grandes, marfim, patolas, que são panos de Cambaia, porcelanas finas. Não há nestas ilhas rei, nem obedecem a ninguém; algumas vezes estão à obediência del-rei de Maluco.

ANDÃO

Indo mais ao diante, deixando estas ilhas de Bandão, contra Maluco, estão muitas ilhas povoadas de gentios, a que chamam Andão, e cada uma tem língua e rei sobre si.

Há nelas uns barcos de remos com que os mouros andam a saltear de umas em outras, fazendo-se guerra e cativando-se uns a outros, e matando-se.

São entre eles mui estimados panos de Cambaia, e todo homem trabalha por ter tanta soma deles que, dobrados e postos no chão uns em cima dos outros, façam tanta soma como ele, e o que isto tem, há-se por livre e vivo, porque, se o cativam, não resgatam senão por tanta soma de panos.

(1) Felpa.

MALUCO

Deixando estas ilhas de Andão, estão outras cinco, uma entre outra, que chamam Maluco, em que nasce todo o cravo. São de gentios e mouros; os reis delas são mouros. A primeira chamam Pachel, a segunda Moteu, a terceira Machião, a quarta Tidor e a quinta Tanarte, em que está um rei mouro que chamam soldão Binaracola, que o era de todas cinco, agora as quatro alevantadas cada uma sobre si.

Os matos destas ilhas são todos cheios de umas árvores como loureiros, e têm a folha como medronho, em que nasce o cravo em pinhas, como flor de laranja ou madre-silva; nasce muito verde, depois se torna alvo; como é maduro se torna mui fina cor vermelha. Então os moradores da terra o colhem à mão, e lançando-o a secar ao sol, se faz preto e, não havendo aí sol, secam-no em fumeiros, e depois de seco o borrifam com uma pouca de água salgada, para que se não moa, e se mantenha em sua virtude; do qual apanham tanta quantidade destas cinco ilhas, que não se pode tirar fora da terra, afora muito que deixam de apanhar, e, no monte, se perde, se o não colhem por espaço de três anos; as árvores ficam por isso bravas, e o que depois dão não vale nada.

Aqui vêm cada ano muitas naus de Malaca e de Jaoa carregar dele; levam para retorno cobre, azougue, vermelhão, panos de Cambaia, cominhos, alguma prata, porcelanas, sinos de metal de Jaoa, tamanhos como grandes alguidares; dependuram-nos pelas bordas, e, no meio, têm uma mão, e, ali, dão com qualquer coisa para os fazerem soar.

Estes estimam muito os reis e gentes honradas, e têm por tesouro e estado uns grandes, outros pequenos, com que fazem música, e com bacias de metal e estanho, e uma moeda de cobre da China, como ceitil, furada pelo meio, e dão tanto cravo por estas mercadorias; por um sino ou bacio de

porcelana, que seja grande, dão vinte e trinta quintais dele, e, por um sino dão vinte bahares de cravo, e este respeito por as mais coisas, assim, que de Malaca para aqui, há muito grosso ganho.

O principal rei daqui é mouro, quase gentio. Tem uma mulher moura e trezentas a quatrocentas mancebas gentias que traz em casa, cujos filhos e filhas são gentios; sòmente os da moura é que são mouros; ele se serve com mulheres alcorcovadas [1], que tem por estado, e de meninas as manda quebrar pelo espinhaço; destas terá até cinco [2] velhas e moças, e sempre com ele andam, e o servem de tudo, umas lhe dão o bétele, outra lhe traz a espada às semanas. Este rei deseja muito servir a el-rei nosso senhor, a quem se manda oferecer como seu escravo.

Aqui há muitos papagaios vermelhos, de mui fina cor e mui mansos, a que chamám noires; são entre eles mui estimados.

ILHAS DOS CELEBES

Passadas as ditas ilhas de Maluco, acham-se outras da parte do Poente, das quais vêm às vezes algumas gentes brancas, da cintura para cima nus, mas têm panos tecidos de uma certa matéria semelhante à palha, com que cobrem suas vergonhas.

Falam uma língua particular.

As suas barcas são mal feitas, e nelas vão carregar cravo à dita ilha, cobre, panos de Cambaia e estanho, e levam para

(1) Corcundas.

(2) Nota de Mendo Trigoso: «É provável que haja erro no manuscrito, a tradução italiana diz de oitenta até cem».

vender espadas muito compridas e largas de um gume, e outras obras de ferro e bastante ouro.

Estas gente comem carne humana; e, se el-rei de Maluco tem alguma pessoa que queira fazer morrer por justiça, pedem-lhe em graça para comer como se comeria um porco.

As ilhas donde estas gentes vem se chamam Celebes.

ILHA DE TENDAIA

Não muito longe destas acha-se outra ilha de gentios, que têm rei sobre si.

Os seus habitantes têm um costume incrível, segundo me referiram, e é que, sendo ainda mancebos, se fazem serrar os dentes cérceos pelas gengivas, dizendo que o fazem para lhes crescerem mais fortes e mais unidos.

A ilha chama-se Tendaia. Acha-se nela muito ferro, que se leva para diferentes portos.

SOLOR

E passando estas ilhas de Maluco, para o Norte contra a China, está uma ilha mui grande e abastada de mantimentos, que chamam Solor, povoada de homens quase brancos, gentios, mui bem apessoados.

Têm rei gentio e língua sobre si.

Há nesta ilha muito ouro que nasce derredor dela, e, assim, muito aljôfar que os moradores apanham, e boas pérolas perfeitas em cor, e não em redondeza.

ILHAS DE BORNEO

Desta ilha de Solor mais para a China, está outra ilha também mui abastada de mantimentos, e povoada de gentios, que tem rei gentio e língua por si, onde se acha muita quantidade de cânfora de comer, que entre os índios é mui estimada, e vale a peso de prata; a mais levam-na em pó em uns canudos de cana a Narsinga, Malabar e a Daquem, e a esta ilha chamam Borneo.

CHAMPA

Indo mais ao diante, deixando esta ilha de Borneo, contra o reino de Anseão e China está uma mui grande ilha de gentios que chamam Champa, que tem rei gentio e língua sobre si.

Há nela muitos elefantes que aí tomam, donde se levam para muitas partes.

Também nasce muito lenho-aloés, a que os índios chamam águila calambua, é a fina mui estimada entre os índios e mouros, e vale em Calecut o arrátel dela trinta e quarenta pardaus; eles o querem para o misturarem com sândalo, almíscar e água-rosada, para se untarem.

Entre estas ilhas e outras mais de gentios que nesta praia há, está uma que é desabitada a que não sei o nome, onde se acham muitos diamantes, que os da terra colhem e vendem para fora, mas não são tão rijos como os de Narsinga.

O GRANDE REINO DA CHINA

Deixando estas ilhas, que são sem conto, a que não se sabem os nomes, assim habitadas como desertas, torno-me à costa que de Malaca vai contra os chins, de que não tenho informação, mas perguntei a mouros e gentios, homens de crédito, e me disseram que eram quatro ilhas habitadas; e, por eles, soube somente que passando o reino de Anseão, e outros muitos, está o reino da China, que dizem que é uma grandíssima terra e senhorio pela terra firme, e de longo da costa do mar, povoada também de gentios.

O rei dela é gentio, honra muito os ídolos, está sempre no sertão, tem mui grandes e boas cidades, nenhum estrangeiro pode entrar pelo sertão, sòmente nos portos de mar negoceiam; seu maior trato é nas ilhas.

Se algum embaixador doutro reino vem a ele por mar, primeiro que a ele vá, lhe fazem a saber como lhe trazem certas embaixadas e presentes, então o manda ir onde ele está.

Os moradores deste reino são grandes mercadores, são homens brancos e bem dispostos. Suas mulheres são de mui formosos corpos, ele e elas têm os olhos pequenos, nas barbas três ou quatro cabelos não mais, por gentileza, e, quanto mais pequenos têm os olhos, tanto os hão por mais gentis homens.

Andam as mulheres mui ataviadas de panos de algodão, seda e lã.

Os trajos da gente desta terra são como os de alemães.

Comem em mesas altas como nós, com suas toalhas mui alvas, para quantos hão-de comer a uma mesa, põem uma faca, bacio, guardanapo e um pouco de prata; não tocam com a mão o que comem, chegam muito o prato à boca, e, com umas tenazes de prata ou pau metem o comer na boca mui a

miude, porque comem muito depressa, e fazem muitos manjares de carnes, pescadas e outras muitas cousas. Comem mui bom pão de trigo, bebem muitas maneiras de vinhos; e, muitas vezes, a cada comer, comem carne de cães, e hão-na por mui boa carne.

São homens de muita verdade, porém não são bons cavaleiros, mas grandes mercadores, tratantes em toda a mercadoria.

Fazem aqui muita soma de porcelanas, que é boa mercadoria para todas as partes, que se fazem de búzios, de cascas de ovos e claras, e outros materiais, de que se faz uma massa que lançam debaixo da terra por espaço de tempo, que entre si têm por grandes fazendas e tesouro; porque quanto mais se achega o tempo para as lavrar, vale muito mais; o qual chegado, lavram-nas de muitas maneiras e feições, delas grossas, outras finas, e, depois de feitas as vidram e pintam.

Aqui se cria mui boa seda, de que fazem muita quantidade de panos de damasco de cores setins e outros panos rasos e brocadilhos. Também há muito ruibarbo, almíscar, prata, aljôfar e pérolas, porém não são perfeitos em redondeza.

Neste reino se fazem muitos brincos formosos e dourados, como cofres mui ricos, pratos de pau, saleiros e outras subtis coisas, e há na terra para isso homens mui engenhosos.

Calçam botas como gente de terra fria. Navegam em juncos, trazem velas de esteiras como em Moçambique e os cabres e enxárcia de certa verga.

São deles grandes corsários, navegam para Malaca com toda a mercadoria da China, que aí vendem mui bem, e carregam de muito ferro, salitre, retrós de cores e outras miudezas, como os venezianos soiam trazer antes às nossas partes, e de pimenta de Samatra e do Malabar, que vale na China a quinze e dezasseis cruzados o quintal, e daí para cima, segundo onde a levam, e, em Malaca a compram a

quatro cruzados pouco mais ou menos. Também levam anfião a que nós chamamos ópio, incenso, coral, pano de Cambaia e Paleacate.

Estes chins que vivem de trato e navegação, trazem de contínuo suas mulheres e filhos dentro nas naus, onde vivem sempre, e não têm casas.

Confina este reino da China com Tartária da banda do Norte.

LEQUEOS

Defronte desta grande terra da China vão muitas ilhas ao mar, além das quais vai uma terra mui grande, que dizem que é firme, donde a Malaca vinham cada ano três, quatro naus, assim como as dos chins, de umas gentes brancas, que dizem que são mui grandes e ricos mercadores, seda e panos ricos, muito e bom trigo, formosas porcelanas e outras muitas mercadorias.

Levam de Malaca as mercadorias que os chins levam, e dizem os de Malaca, que são os daqui melhores homens, mais ricos mercadores e honrados que os chins. Das quais gentes até agora não temos muita informação, porque não vieram ainda a Malaca depois que é del-rei senhor [1].

Tendo muitas vezes feito menção em o presente tratado de diversas espécies de pedras preciosas, é muito conveniente ajuntar no fim dele algumas relações, havidas de diversos mercadores, tanto mouros como gentios, práticos e inteligentes em semelhante trato, e assim principalmente pelos rubis.

---

[1] Nota de Mendo Trigoso: «O manuscrito português do Livro de Duarte Barbosa acaba neste lugar e nada tem de mais senão a Tabuada que irá ao diante, tudo o mais que se segue é traduzido da versão de Ramuzio».

DOS RUBIS

Primeiramente, os rubis nascem em o país da Índia, e acham-se principalmente em um rio chamado Pegú, e estes são os melhores e mais finos, a que os malabares chamam numpuclo; e, quando limpos e sem nenhuma mancha, vendem-se por bom preço. Os índios para conhecerem a sua finura, põe-nos sobre a língua, e os que são mais finos e duros são reputados melhores. Para lhe examinar a transparência, pegam-lhe com cera pela ponta mais delgada; e, olhando contra o sol conhecem qualquer mancha por mais pequena que seja.

Acham-se também em algumas covas profundas das montanhas que estão além do dito rio.

No Pegû sabem-nos alimpar, mas não os lapidam, e, assim, os levam a outros países e principalmente a Paleacate, Narsinga, Calecut, e a todo o país do Malabar, aonde há excelentes mestres que os lapidam, e montam.

Enquanto ao seu valor deve-se advertir primeiramente que a palavra fanão significa um peso maior do que dois quilates dos nossos, e onze fanões e um quarto equivalem a um metigal, e seis metigais e meio fazem uma onça. Esta palavra fanão significa também uma moeda que vale um real de prata. Isto entendido digo que:

Oito rubis finos do peso de um fanão, que fazem ao todo pouco mais ou menos dois quilates valem fanões	10
Quatro rubis, que pesem juntos um fanão valem ...	20
Dois que pesam um fanão, valem	40
Um que pesa três quartos de fanão	30
Um que pesa um fanão	50
Um que pesa um fanão e um quarto	65
Um que pesa fanão e meio	100
Um que pesa um três quartos	150
Um que pesa dois fanões	200
Um que pesa dois fanões e um quarto	250
Um que pesa dois e meio	300
Um que pesa dois e três quartos	350
Um que pesa dois e três quartos e meio	400
Um que pesa três fanões	450
Um que pesa três e um quarto	500
Um que pesa três e meio	550
Um que pesa três e três quartos	600
Um de três fanões e três quartos e meio	630
Um de quatro fanões	660
Um de quatro e um quarto	700
Um de quatro fanões e meio	900
Um de cinco fanões	1000
Um de cinco e meio	1200
De seis fanões que são coisa de doze quilates	1500

Estes são os preços que valem comummente os rubis perfeitos, porém os que o não são, e têm alguma mancha ou são de má cor, valem muito menos segundo o ajuste dos compradores.

DOS RUBIS QUE NASCEM NA ILHA DE CEILÃO

Na ilha de Ceilão que jaz na segunda Índia, se acham muitos rubis a que os índios chamam maneca.

A maior parte deles nunca chega em cor à perfeição dos que acima tratei, porque, ainda que vermelhos, são desmaiados; são porém muito frios e rijos, e os melhores deles muito estimados destes povos.

O rei daquela ilha os guarda para si ou manda vender por sua conta, e, quando, os ourives encontram com algum bom, o põem ao fogo por espaço de certas horas, e, saindo inteiro, torna-se de uma cor mui viva e de grande valor.

Quando el-rei de Narsinga pode haver alguns destes, manda-os furar subtilmente pela parte inferior, mas de modo que o furo não chegue senão ao meio, e não consente que sejam exportados para fora do reino, principalmente se sabe que já passaram pela prova acima, porque valem muito mais que os de Pegú quando têm todo o seu brio e transparência.

Um rubi destes do peso de um quilate ou meio fanão vale em Calecut	fanões	30
Um de dois quilates	»	65
Um de três quilates	»	150
Um de três quilates e meio	»	200
Um de quatro quilates	»	300
Um de quatro e meio	»	350
Um de cinco quilates	»	400
Um de cinco quilates e meio	»	450
Um de sete quilates	»	530
Um de seis quilates e meio	»	560
Um de sete quilates	»	630
Um de sete e meio	»	660
Um muito bom e provado ao fogo de oito quilates	»	800
Um de oito quilates e meio	»	900
Um de nove quilates	»	1100
Um de dez quilates	»	1300
Um de onze quilates	»	1600
Um de doze quilates	»	2000
Um de catorze quilates	»	3000
Um de dezasseis quilates	»	6000

DOS RUBIS ESPINELAS

Há outra espécie de rubis, a que nós chamamos espinelas e os índios carapuch, que nascem do mesmo modo que os rubis finos em o reino do Pegú, e se acham nos montes à flor da terra. Estes não são tão finos, nem de tão boa cor, antes se assemelham às granadas. Os que são perfeitos e limpos valem a metade menos que os rubis.

DOS RUBIS BALACHES, AONDE NASCEM E O SEU VALOR EM CALECUT

Os balaches são outra espécie de rubis, mas não tão duros; a sua cor é rosada, e alguns, quase brancos, nascem em Balassia (que é um reino dentro da terra firme, além de Pegú e de Bengala) e dali são conduzidos pelos mercadores mouros para todos os outros países, a saber, os bons e escolhidos para serem lavrados em Calecut, aonde os preparam e vendem pelo preço dos espinelas, e os que não são bons ou são furados, compram-nos os mouros de Meca e de Adem, para levar à Arábia aonde se usam muito.

DOS DIAMANTES DA MINA VELHA

Estes diamantes se acham na primeira Índia, em um reino de mouros chamado Decan, e os mouros e índios os levam dali para todas as outras partes.

Há outros diamantes de pior qualidade, porém bastante brancos, que se chamam da Mina Nova, que é no reino de

Narsinga; estes valem menos a terça parte em Calecut e no Malabar, e se preparam no mesmo reino de Narsinga.

Fabricam-se também na Índia outros diamantes falsos e rubis, topázios e safiras brancas que imitam muito as finas e se acham sòmente na ilha de Ceilão. Estas pedras não têm outra diferença das verdadeiras, senão que vêm a perder a sua cor natural, e acham-se algumas, a metade cor de rubi e a outra de safira ou de topázio. Algumas têm realmente todas estas cores misturadas e furam-nas pelo meio, enfiando-lhes dois ou três fios muito subtis, e, então, lhes chamam olhos de gato. Das que saiem brancas fazem muitos diamantes pequenos, que não diferençam dos verdadeiros senão pelo toque aqueles que têm prática disso; vendem-se por um peso que se chama mangiar, o qual vale duas taras e dois terços, e duas taras fazem um quilate de bom peso, e quatro taras pesam um fanão.

Oito diamantes que pesam um mangiar, que são dois terços de quilate valem	fanões	30
Seis que pesam um mangiar	»	40
Quatro que pesam um mangiar	»	60
Dois que pesam um mangiar	»	80
Um que pesa um mangiar	»	100
Um que pesa um mangiar e um quarto	»	165
Um que pesa um mangiar e meio	»	180
De um e três quartos	»	220
De um e três quartos e meio	»	260
De dois mangiares	»	320
De dois e um quarto	»	360
De dois e meio	»	380
Um de dois e três quartos, que for perfeito	»	420
Da mesma perfeição e de três mangiares	»	450
De tres mangiares e meio	»	480
De quatro mangiares	»	550
De cinco mangiares	»	750

De seis mangiares	»	800
De sete mangiares	»	1200
De oito mangiares	»	1400

E assim aumentam em valor à proproção que crescem de peso.

DAS SAFIRAS

Na ilha de Ceilão nascem as melhores safiras, as quais são muito duras e finas, e as que são limpas, e de boa cor azul valem os seguintes preços:

Uma que pese um quilate vale	fanões	2
De dois quilates	»	6
De três quilates	»	10
De quatro quilates	»	15
De cinco quilates	»	18
De seis quilates	»	28
De sete quilates	»	35
De oito quilates	»	50
De nove quilates	»	65
De dez quilates	»	75
De onze quilates	»	90
De doze quilates	»	120
Uma muito perfeita em cor de treze quilates	»	135
De catorze quilates	»	160
De quinze quinze quilates	»	180
De dezasseis quilates	»	200
De dezoito quilates	»	250
A que pesa um metigal que são onze fanões e um quarto ou vinte e três quilates pouco mais ou menos	»	350

Acha-se igualmente em Ceilão outra espécie de safiras não tão grandes, a que chamam quinigenilão; são de cor escura; e, por boas que sejam, valem muito menos, equivalendo treze destas a uma das sobreditas. Acha-se igualmente no reino de Narsinga em uma montanha sobre Bacanor e Mangalor, outra espécie de safiras mais brandas e menos finas de cor, a que chamam cinganolão, estas são algum tanto esbranquiçadas, e valem muito pouco, de modo que a mais perfeita delas do peso de vinte quilates, não chega a valer um ducado, a sua cor é um pouco alourada. Encontra-se também outra espécie de safiras sobre a praia do mar no reino de Calecut, em um lugar por nome Capucar que, entre os índios, se chama carahotomilão; são muito escuras e azuis, e não brilham senão ao ar, são brandas e frágeis. É opinião do vulgo que neste mar vizinho a Capucar houve noutro tempo uma casa, cujas janelas eram feitas de vidro azul, e que depois tendo sido cobertas pelas águas, os bocados daqueles vidros são lançados todos os dias à praia; são muito grossas e por uma das faces parecem vidros. Entre os índios têm mui pouca valia.

DOS TOPAZIOS

Os topázios naturais nascem na ilha de Ceilão; são chamados pelos índios purceragua. É pedra mui dura e mui fria, e do peso do rubi e safira, porque todas três são de uma mesma espécie; a sua cor perfeita é a amarela como ouro batido, e, sendo a pedra perfeita e limpa, valerá em Calecut, quer seja grande quer pequena, o mesmo de ouro fino, e este, comummente, é o seu preço. Quando não são tão perfeitas, valem o seu peso de ouro de fanão que é metade menos, e, sendo brancas valem muito menos, e delas contrafazem diamantes miudos.

DAS TURQUEZAS

As verdadeiras turquezas acham-se em Exeraquirimane, lugar do xeque Ismael; a sua mina é terra sêca, isto é: acham-se sobre uma pedra negra, da qual os mouros as tiram em pedaços pequenos, e as levam a Ormuz, donde são conduzidas a diversas partes por mar e terra.

Os índios chamam-lhe perose, e é pedra mole de pouco peso e não muito fria.

Para se conhecer se é boa ou verdadeira, deve mostrar de dia a cor de turqueza, e de noite à luz deve parecer verde, as que não fazem esta mudança.

Quando estas pedras são limpas e de cor fina, devem trazer pegada na face inferior uma pedra negra, sobre a qual nasceram, e se alguma pequena veia desta pedra se espalha sobre a turqueza, então será ainda melhor. Para conhecer as turquezas verdadeiras, com maior certeza, barram-se com uma pouca de cal viva branca amassada com água, a modo de unguento, e ainda então parecerão coradas. Tendo esta perfeição valem os preços seguintes:

A que pesa um quilate vale no Malabar	fanões	15
A de dois quilates	»	40
A de quatro quilates	»	90
A de seis quilates	»	150
A de oito quilates	»	200
A de dez quilates	»	300
A de doze quilates	»	450
A de catorze quilates	»	550

DOS JACINTOS

Os jacintos nascem em Ceilão, são pedras tenras e amareladas; os mais carregados de cor são os melhores, a maior parte deles têm algumas bolhas, que lhe fazem perder a sua beleza, e aqueles que as não têm, e são perfeitos em cor, valem apesar disso pouco, porque em Calecut, aonde os preparam, não dão mais de meio fanão pelos que têm um peso, e os que pesam dezoito fanões valem apenas dezasseis.

Acham-se igualmente outras pedras, como olho de gato, crisólitos e ametistas, das quais não trato por serem de pouco valor e o mesmo digo das jagonças.

DAS ESMERALDAS

As esmeraldas nascem no reino de Babilónia, aonde os índios chamam o Mar Deigan, nascem também em outras partes. São pedras verdes, de boa cor e belas; e, além disso leves e tenras. Fazem muitas falsas, mas, olhando para a luz, através delas, mostram as contrafeitas umas bolhazinhas, como o vidro, o que não sucede às finas, cuja vista dá aos olhos uma certa satisfação.

As melhores mostram como um raio de sol; e, tocadas na pedra, deixam um risco cor de latão; a esmeralda que faz isto é a verdadeira, e vale, em Calecut, o mesmo que o diamante, e ainda mais, não tanto pelo peso como pela grandeza; advertindo que o diamante pesa proporcionalmente mais que a esmeralda.

Acha-se também outra espécie de esmeraldas que são muito verdes, mas não tão estimadas; contudo os índios servem-se delas para as misturar com as outras pedras preciosas; estas não deixam sobre a pedra de toque a cor de latão.

Das diversas qualidades de especiarias, aonde nascem, quanto valem em Calecut, e para onde se carregam.

DAS DIVERSAS QUALIDADES DE ESPECIARIAS, AONDE NASCEM, QUANTO VALEM EM CALECUT, E PARA ONDE SE CARREGAM

DA PIMENTA

Primeiramente em todo o reino de Malabar, e em o de Calecut nasce pimenta, e cada bahar dela se vende em Calecut de 200 até 230 fanões, cada um dos quais vale, como já dissemos, um real de prata de Espanha; cada bahar pesa quatro quintais do peso velho de Portugal, pelo qual se vende em Lisboa toda a especiaria. Pagam-se a el-rei de Calecut os direitos de 12 fanões por bahar.

Os mercadores costumam conduzi-la a Cambaia, Pérsia, Adem e Meca, e dali ao Cairo e Alexandria.

Actualmente dão-na a el-rei de Portugal à razão de seis mil quinhentos e sessenta e dois maravedis o bahar (entrando os direitos que são cento e noventa e três fanões e um quarto), parte porque já ali não concorrem tantos mercadores a comprá-la, e parte pelo contrato que fez el-rei de Portugal com aquele rei, e com os mouros e mercadores do país.

Nasce igualmente muita pimenta em a ilha de Samatra, vizinha a Malaca, a qual é mais bela e grossa que a do Malabar, mas não tão boa nem tão forte como a sobredita, e esta se conduz a Bengala, à China e alguma porção a Meca

por contrabando, às escondidas dos portugueses, que não consentem que ela passe para lá. Vale em Samatra de quatrocentos a seiscentos maravedis o quintal de peso novo; e do peso novo ao velho há a diferença de duas onças por arrátel, sendo o velho de catorze e o novo de dezasseis.

DO CRAVO

O cravo nasce nas ilhas chamadas Malucas e delas o levam a Malaca, e, dali, a Calecut no Malabar. Vale em Calecut cada bahar de 500 a 600 fanões, e, sendo bem limpo e escolhido, até 700; e pagam-se direitos 18 fanões por bahar. Em Maluco onde nasce, vende-se de um até dois ducados o bahar, segundo a quantidade de compradores que vão por ele, e, em Malaca de dez até catorze, segundo as encomendas que há.

DA CANELA

A boa canela nasce na ilha de Ceilão e a má no país do Malabar; a boa vale pouco em Ceilão, mas em Calecut, sendo fresca e bem escolhida, dão 300 fanões por cada bahar.

DO GENGIBRE BELEDI

O gengibre beledi nasce ao redor da cidade de Calecut, de seis a nove milhas, e vale cada bahar quarenta fanões, às vezes cinquenta, trazendo-o das montanhas à cidade a

vendê-lo por miudo. Compram-no os mercadores índios que o ajuntam, e, no tempo que chegam os navios para carregá-lo, o vendem aos mouros pelo preço de noventa até cento e dez fanões; porém então é mui bem pesado.

DO GENGIBRE DELI

O gengibre Deli nasce desde o princípio do monte Deli até Cananor; é miudo e não tão branco, nem tão bom; vale o bahar em Cananor a 40 fanões, e pagam-se 6 de direitos por cada bahar.

GENGIBRE VERDE EM CONSERVA

Acha-se igualmente em Bengala muito gengibre beledi, do qual fazem muita e mui boa conserva com açúcar, e a levam a vender em vasilhas de Matarbão ao país do Malabar, vale cada farazola (que são vinte e dois arráteis e seis onças) à razão de 14, 15 e 16 fanões. A que está fresca mete-se em conserva em Calecut, e vale a 25 fanões, por ser ali caro o açúcar, e este gengibre verde para pôr de conserva, vale em Calecut a três quartos de fanão a farazola.

DAS DROGARIAS E PREÇOS QUE ELAS VALEM EM CALECUT E NO PAÍS DO MALABAR

Laca de Martabão boa, cada farazola, isto é vinte e dois arráteis e seis e meia onças de peso novo de Portugal...	fanões	18

Laca do país, cada farazola	fanões	123
Tincal bom em pedaços grandes cada faraz	»	de 30 e 40 até 50
Cânfora grossa em pães	»	de 70 a 80
Cânfora para ungir os ídolos à razão de fanão e meio o mitigal, seis e meio dos quais fazem uma onça		
Cânfora de comer e para os olhos, cada mitigal	»	3
Águila, cada farazola	»	de 300 a 400
Lenho aloés verdadeiro, negro, pesado e muito fino vale ...	»	1000
Almíscar bom cada onça	»	36
Beijoim bom a farazola	»	65 até 70
Tamarindos novos dito	»	4
Cálamo aromático dito	»	12
Indigo verdadeiro e bom, dito	»	30
Mirra, dito	»	18 a 20
Incenso bom em grãos dito ...	»	15
Incenso em massa não tão bom	»	3
Âmbar bom, vale cada mitigal	»	de 2 a 3
Mirabulanos em conserva de açúcar, cada farazola	»	16 a 25
Cássia fresca e boa, dito	»	1 e 1/2
Sândalo vermelho, dito	»	5 a 6
Especinardo fresco e bom, dito	»	30 a 40
Sândalo branco e cor de limão, que nasce em uma ilha chamada Timor, cada farazola	»	40 a 60
Noz moscada, que vem da ilha de Bandão (onde vale cada		

bahar de 8 a 10 fanões) vale em Calecut a farazola	fanões	10 até 12
Macis, que vem da ilha de Bandão onde vale o bahar 50 fanões, vale em Calecut a farazola	»	25 a 30
Turbit, a farazola	»	13
Anil nadador muito bom	»	30
Anil pesado, que tenha areia ...	»	18 a 20
Erva de vermes, boa, que se chama sementinha	»	15
Zerumba	»	2
Zedoária	»	1
Sagapeno	»	20
Aloés sacotorino	»	8
Cardamomo em grão	»	20
Ruibarbo, nasce em grande abundância no país do Malabar, e o que vem da China por Malaca vale	»	40 até 50
Mirabulanos ênblicos	»	2
Mirabulanos beléricos	»	1 1/2
Mirabulanos citrinos e chebulos, que são todos da mesma espécie	»	2
Mirabulanos índicos, que nascem nas mesmas árvores de citrinos	»	3
Tutia	»	30
Cubebas, que nascem em Java, dão-se aqui por pouco preço, e vendem-se a olho ...		
Ópio que vem de Adem aonde		

o fazem, vale em Calecut a farazola	fanões	280 a 320
Outro ópio que se faz em Cambaia	»	200 a 250

DOS PESOS DE PORTUGAL E DA ÍNDIA E COMO ESTES CORRESPONDEM COM OS DE PORTUGAL

O arrátel de peso velho tem catorze onças. O arrátel de peso novo tem dezasseis onças. Oito quintais velhos fazem sete quintais novos e cada quintal novo tem cento e vinte e oito arráteis de dezasseis onças. Cada quintal velho são três quartos e meio de quintal novo e é de cento e vinte e oito arráteis de catorze onças cada um. Uma farazola tem vinte e dois arráteis de dezasseis onças e mais seis onças e dois quintos. Vinte farazolas fazem um bahar. Um bahar são quatro quintais velhos de Portugal.

Todas as especiarias e drogarias e tudo o mais que vem da Índia, vende-se em Portugal a peso velho, tudo o mais vende-se a peso novo.

TABUADA DAS TERRAS QUE HÁ NAS PARTES DA ÍNDIA DO CABO DE S. SEBASTIÃO ATÉ À CHINA E VAI PELO ALFABETO COMO SE AO DIANTE VERÁ

ÍNDICE

ERRATA

Página	Linha	Onde se lê:	Leia-se:
8	10	estros	Estios
9	24	ilucidativos	elucidativos
11	6	individamente	indevidamente
28	5	muitos	muitas
53	7	Boçorá	Baçorá
53	9	em	um
55	19	com	como
91	34	a	há
100	28	empedimento	impedimento
116	1	muita	muitas
121	20	leva ela	levam
124	7	teoureiro	tesoureiro
132	29	(1)	(3)
139	5	todo	todos
161	12	almicare	almíscar
188	23	escaços	escassos
190	12	soem	soiam
204	2	subia	sulia
206	7	combatem	combateu
209	8	abastanças	abastança
211	9	cotelos	cutelos
212	1	sete noz	sete de noz
225	23	quinze quinze	quinze